

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PÓS – GRADUAÇÃO – HISTÓRIA E CULTURA**

RESTOS DE MANHÃ

**Análise do brincar nas décadas de 50 a 70, na região
do Pontal do Triângulo Mineiro.**

MARLENE FÁTIMA FREITAS BORGES

Orientação: Dra Maria Clara Tomaz Machado

**Dissertação de Mestrado
apresentada ao Instituto de
História da Universidade
Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à
obtenção do Grau de Mestre
em História e Cultura**

UBERLÂNDIA - 2001

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Clara Tomaz Machado - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Regma Maria dos Santos

Prof^ª.Dr^ª. Vera Puga de Souza

A única finalidade do saber adulto é permitir que a criança que mora em nós, continue a brincar.
(Rubem Alves)

Resumo

Brincadeira, brinquedo e criança se misturam num mesmo contexto, um precisa do outro para existir. A história do brincar, se confunde com o tempo, muda a forma, se adequa ao grupo social, é recriado a partir de elementos do presente, mas traz na sua essência marcas do passado. Para entender sua trajetória histórica foi necessário mapear sua existência sem perder de vista a história da família, enquanto instituição e o sentimento de Infância, tal como foi analisado no decorrer dos séculos. A bibliografia sobre o tema, na historiografia, não é extensa, assim foi importante consultar as mais diversas fontes, sendo a fonte oral nosso recurso metodológico preferencial. Na introdução, delimitamos o tema, localizamos as cidades de Ituiutaba e Prata (no Pontal do Triângulo Mineiro), no momento das brincadeiras. Em seguida, fizemos uma abordagem à história da Infância, quando surge como conceito e como se confronta com a idéia que se tem dela hoje, e como é pensada a criança e suas brincadeiras. Vimos ainda, a influência da tecnologia no brincar e a indústria do brinquedo no modo de produção da sociedade de consumo. Trabalhamos com conceitos que identificam o objeto dentro da história e nos remetem para outras pesquisas, no vasto campo da historiografia. Constitui esse trabalho, num acréscimo à idéia da criança como um sujeito cultural e histórico, e o brinquedo, como objeto de representação, cujos signos explicam-na no grupo social com suas mudanças e transformações, aproximando-se, assim, do nosso objetivo de refletir sobre essas modificações, entendendo-as no seu tempo e lugar.

Preocupamo-nos também com a recuperação da memória do brinquedo como pano de fundo para conhecer o cotidiano das cidades estudadas, revelando a história e a mentalidade dessa época. Por último, resgatamos a boneca e o fazer bonecas, o faz-de-conta e o imaginário, por meio da história de mulheres presentes num tempo em que guardaram valores e sentimentos obscurecidos pela vida moderna. Em suma. O objetivo desse trabalho foi o de reconstruir a história do brinquedo e da criança na sociedade brasileira em transformação, tendo como cenário as cidades do interior de Minas Gerais, vislumbrando a possibilidade de colocar politicamente em pauta a discussão da importância do lúdico como uma maneira, entre muitas outras, de preparar na Infância, o adulto capaz de exercer sua cidadania de forma plena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I - <i>HÁ HISTÓRIAS NO BRINCAR: a criança na ciranda do tempo</i>	
1 - A existência real da Infância: O brinquedo na construção do “Humano”	32
2 - O tempo histórico do brinquedo no Brasil.....	49
3 - Enquanto “Seu Lobo apronta ”: Brinca-se.....	62
 CAPÍTULO II – <i>O MUNDO EM MINIATURA NO IMAGINÁRIO INFANTIL</i>	
1 - O faz-de-conta na representação do real.....	77
2 - Se essa rua fosse minha.....	110
 CAPÍTULO III – <i>ATRAVESSANDO O ARCO – ÍRIS</i>	
1 - A boneca na travessia do tempo.....	130
2 - Retalhos de pano na construção de “filhinhas”	147
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
 BIBLIOGRAFIA	179

*De um lado está
a pipa,
de outro lado,
o menino,
ligados por um só fio,
atados a um só destino,
que para ambos reserva
o mesmo papel:
bailarino.
Enquanto a pipa
dança,
dança também,
o menino.
(Filho)*

*Era uma vez uma mulher que amou um homem e ficou grávida e deu à luz um bebê e começou a amamentá-lo e a brincar com ele e a se lembrar de quando brincava de mamãe com suas bonecas achando graça da idéia de seu filho ser seu boneco sem se dar conta de que no início todos os filhos são brinquedos de suas mães.
Era uma vez um bebê que teve a sorte de ser por um instante brinquedo de sua mãe aprendendo a brincar com ela para assim tomar posse do seu próprio brincar e passar a viver criativamente no mundo.¹*

Antes mesmo de pertencer à cultura, o brinquedo pertence aos habitantes do cosmos. Como atividade de puro prazer, não recebe, na ordem de importância que se dá aos diversos fatores de formação da personalidade humana, a relevância que merece. Brincar é ponto de partida para se encarar os desafios da vida; a criança não poderá se desenvolver integralmente sem brincar. É o brinquedo que lhe proporcionará referências para construir sua história estabelecendo a ligação com o mundo, afirmando a sua individualidade.

Como a manhã que começa a cada dia na conclusão do outro, antecedido também a Infância, que é o início da vida, se constrói a partir do mundo que a cerca e que a criança reelabora, utilizando o que sobra, o que encontra à sua volta enquanto brinca. Este conteúdo lúdico se estabelece inserido num mundo concreto no qual a criança busca sua identidade ontológica.

Na ação com o outro no mundo é que se esboça o projeto humano do devir. Ao ver a criança absorta, manipulando signos que descobre e inventa na representação do real, podemos entender e presumir sua inserção na sociedade em que vive.

Partindo dessas considerações, constatadas nos longos anos de experiência em educação e arte com crianças, e da necessidade de unir a voz e a crença a outros tantos que também defendem esses pressupostos, nasceu esse projeto.

A organização metodológica para a aquisição de dados, os primeiros contatos com a historiografia, os novos conceitos, a princípio, não faziam parte dos nossos estudos e observações das crianças e de seus brinquedos. O conhecimento sobre o tema foi construído na vivência tanto pessoal como profissional e quem sabe, talvez, pela percepção sensível do universo infantil.

Do ponto de vista histórico, o brinquedo representa um objeto instigante, por estar ligado à história de qualquer homem comum; neste sentido caminha lado a lado com as mudanças culturais, sendo parte integrante da vida cotidiana, e por isso mesmo em permanente transformação, além do que, vale

¹- MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo, Loyola: 1995.p.21

ressaltar que suas práticas se inserem num contexto social, não se remetendo apenas ao indivíduo isolado. É importante recuperar o passado não só como referência da memória, mas, sobretudo, engajado no presente. Escrevendo sobre essas experiências, fica evidenciado claramente, antes de qualquer outra pretensão, os motivos e as dificuldades encontradas na busca de caminhos que facilitassem a melhor compreensão dessa temática, nos objetivos propostos pelo Projeto de Pesquisa apresentado. Brincar faz parte da aprendizagem empírica, falar sobre o assunto é dar um passo à frente, sem saber exatamente onde pisar.

O trabalho se iniciou pelo viés da cultura, tateando no lusco-fusco. Os primeiros momentos da experiência assemelharam-se à situação de um diletante das artes que sempre cantou e, de repente, resolve se fazer acompanhar por um outro instrumento qualquer, como o violão por exemplo, e, por intuição e prazer, começa com ele a brincar, tirar sons, descobrindo, encantado, acordes que podem enriquecer o seu canto. Exercitando a audição, percebe que pode ir mais longe. Começa, então, a articular novas buscas, para isso resolve estudar música. Logo constata que sua mão não conhece todas as possibilidades do instrumento e também não conhece acordes suficientes para tornar mais bela a canção. Percebe o quanto é difícil adaptar o ouvido, já tão acostumado aos velhos sons, às novas sonoridades que se lhe apresentam. Os dedos sempre colocados nos lugares comuns, tropeçam uns nos outros, como se engatinhasse. Foi assim que se iniciou essa nova experiência intelectual, com essa mesma ansiedade, angústia e dúvidas.

O ponto de partida foi exatamente a necessidade de entender o complexo mundo infantil, lidando com a sua representação primeira, que nas pequenas cidades em que vivemos, povoou intimamente o cotidiano das nossas vidas, de forma muito viva e intensa: o brincar. A presença viva das brincadeiras era parte integrante das tardes mornas domingueiras nessas cidades de perfil agrário, atividades rústicas, sonhos simples, que eram a tônica desses espaços interioranos. Brincando nos quintais, ruas e praças, sem a menor preocupação com o amanhã as crianças, construía seu próprio mundo fantasioso, que era, no entanto, o espelho de um outro, mais “real”. Nesse contexto, no exercício livre do lúdico, no contato com todas as brincadeiras possíveis, as certezas foram se firmando, as inquietações se ampliando. Seria possível trazer de volta o espaço mágico do quintal, resgatando a memória do brinquedo? Como se configura o quintal da criança moderna? Em qual espaço e em que tempo se exercita hoje o jogo, a fantasia, a liberdade do brincar? As transformações da vida moderna segregam o tempo do brinquedo? Essas e outras inquietações provocaram a ansiedade e a necessidade de encontrar respostas ou saídas, de argumentar e convencer da importância de ser criança, e reter a Infância. Era preciso dividir esta preocupação e provocar a lembrança do espaço esquecido de brincar. As primeiras experiências como profissional no ensino fundamental, mantiveram viva a criança que habitava minha vida, junto a tantas outras crianças, que não permitiram o esquecimento do brincar.

Mais tarde, trabalhando com cultura popular, o interesse pelo brinquedo foi crescendo, criando a necessidade de estudá-lo, no propósito de trazer de volta a brincadeira, se não para as portas da rua e quintais, pelo menos para os pátios das escolas.

Começamos pela busca do brinquedo onde ele ainda persistia e, simultaneamente, resgatávamos da memória o nosso tempo de brincar. Assim, enquanto coletava material, trocava brincadeiras. O brinquedo, por si só, possui essa magia de carregar no vento, no riso solto, o tempo que foi e que é.

Para nos aprofundarmos na experiência, foi preciso buscar apoio teórico em várias disciplinas: na psicologia, antropologia, artes- com a qual sempre nos envolvemos- na pedagogia- por influência da formação- e ainda nas práticas e representações do próprio brinquedo que vivenciava com crianças pesquisadas, na visão do menino, em cada adulto que relembra o tempo longínquo da infância, no jogo da memória estimulado pelas entrevistas.

Na medida em que evoluíam as pesquisas aumentava o compromisso com a questão da transformação dos quintais e portas de rua em espaços que não mais permitiam o “vôo” das crianças. A

violência urbana, a injustiça social, o descuido com a infância marginalizavam a criança, enrijecendo tão cedo a sensibilidade, destruindo a fantasia, impedindo a imaginação. Partimos então para uma busca mais sistemática dos argumentos que permitissem dialogar “de forma mais séria”, academicamente; supondo, assim, contribuir para que o espaço do brincar continuasse existindo, possibilitando, quem sabe, recuperar a infância nos homens, reencontrar a sua inocência perdida e devolvê-la a quem de direito pertence: as crianças. Nesse sentido, o contato com cada um dos autores apresentados foi uma novidade.

Os conceitos, as formas de abordagem dos objetos, a metodologia, a escrita da história, o dogma de fé do historiador: o compromisso com os fatos ocorridos, a nova história que tem como objeto de maior importância o homem como sujeito histórico, foram apresentados pela primeira vez. As dificuldades se mostraram em dose dupla: a absorção de todos esses conhecimentos e, ao mesmo tempo, o desprendimento gradativo das “viagens românticas”, sem perder de vista a trajetória movida pela crença que norteou esse projeto.

O trabalho não se deteve em descrições pormenorizadas de brincadeiras, ou interpretações de conceitos ligados à cultura infantil, mas se preocupou, sobretudo, em resgatar formas de brincar, trazendo de volta a memória do brinquedo, entendendo-o como um dos eixos de fundamental importância das relações sociais, na construção de uma sociedade mais justa, mais humana. Procurou-se estabelecer as diferenças sociais percebidas na análise das representações do brinquedo em diversas épocas e as constantes transformações ocorridas com o desenvolvimento da sociedade moderna, que veio substituir as brincadeiras artesanais pelo brinquedo produzido pela tecnologia, mais solitário, mais frio, o que acentua, sem dúvida nenhuma, o afastamento social já existente pela própria condição firmada pelas diferenças de classe.

Preocupou-se também com a reflexão crítica do brinquedo como determinante no futuro, de papéis sociais adotados como paradigmas de comportamento, que definirão a pessoa humana na construção de sua história. Para essa abordagem sucinta, foi necessário consultar também obras que interpretam os papéis femininos e masculinos em nossa sociedade, bem como os depoimentos de como brincavam meninos e meninas de outrora, em confronto com as formas de brincar, através dos tempos nas pequenas cidades.

Com base nas histórias de vida, nas representações iconográficas e sonoras, dados estatísticos, filmes e documentários, fontes literárias e históricas foi possível trazer de volta o passado como suporte para entender o brincar no presente, em suas constantes modificações impostas pelo consumismo da vida moderna. Dentre estas evidências documentais, ressaltamos os depoimentos orais, pois que, para a pesquisa, assumem grande relevância, na medida em que a história oral não é apenas uma técnica ou metodologia de trabalho que permite preencher as lacunas das fontes escritas. Antes de tudo, a proposta foi de poder dialogar com nossos sujeitos sociais, por meio de entrevistas, atribuindo à memória um significado para suas lembranças que, por sua vez, lhes proporcionasse, a partir de suas subjetividades, uma identidade que os fizesse sentir como atores sociais de seu próprio tempo.²

²- Para tanto entrevistamos 20 pessoas de idade variada entre 20 a 80 anos, considerando as técnicas de História de vida e entrevista, o que permitiu não só localizar as brincadeiras, mas a importância que elas tiveram em suas vidas. Fizemos também 80 questionários, para descobrir as brincadeiras que permanecem vivas, com que frequência se brinca e as que desapareceram, mas ficaram guardadas na memória. Realizamos uma mostra de cultura em que desenvolvemos 10 oficinas de brinquedos e brincadeiras. Organizamos e participamos ativamente da pesquisa sobre bonecas de pano, descobrindo na comunidade pessoas que ainda mantêm viva, essa prática quase desaparecida, mas que são testemunhas da história de uma época. Para maiores conhecimentos sobre Fonte Oral e Memória cf. entre outros:

-HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

-BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994

-THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972

A bibliografia proposta pelo curso, a consulta a outras dissertações já concluídas, possibilitou suporte para uma discussão teórico-metodológica dos conceitos pertinentes ao objeto em estudo, em que nos reportamos a historiadores como Chartier, Ginzburg, Huizinga, Arriès, Ladurie e especialmente Benjamim, cuja visão do universo da cultura infantil, traduzida tão poeticamente em suas considerações, se revela ao estabelecer a n^o conexão com o próprio passado, representado pela memória do seu cotidiano fatidicamente modificado pelo exílio. Com ele percorremos caminhos no passado que permanecem atuais, o que nos remete a novos encontros, navegando em outras águas, em outros tempos.

Faz-se mister destacar também a importante contribuição de outras disciplinas que desenvolvem pesquisas sobre a infância e suas especificidades, que se preocupam com crianças, e, diga-se de passagem, constituem o arcabouço de um trabalho bastante significativo no Brasil. Tudo isso nos ajudou a entender melhor o país da infância e a viajar mais longe, enredando apaixonadamente num tema que envolve sonho e poesia: criança – brinquedo.

Para entender como brincavam as crianças do passado, na região do pontal do triângulo mineiro, foi preciso inserir o brinquedo e as cidades onde se encontram essas representações, no tempo histórico do Brasil antes e pós-modernização, pois sabemos que nenhum tema se encontra solto no ar, mas articulado a um tempo e espaço definidos. Daí o porquê do nosso corte cronológico encontrar-se delimitado entre as décadas de cinquenta e oitenta, épocas de significativas mudanças para a sociedade brasileira.

No final dos anos quarenta, os países se recuperavam da guerra, no Brasil. Já no início de cinquenta, são implantadas as primeiras emissoras de televisão, a economia mantém o modelo agro-exportador e a importação de diversos produtos industrializados decorrente da abertura ao capital estrangeiro. *O nacionalismo assume a característica de um projeto que daria à fração industrial da burguesia que, acreditava-se, não estava comprometida com o capital estrangeiro a possibilidade de tornar-se o grupo dirigente do Estado, grupo esse que se responsabilizaria pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro...A industrialização, acreditavam os nacionalistas, daria condições para o desenvolvimento de uma cultura autenticamente nacional*³.

Alguns setores da burguesia fabril, alguns nacionalistas e a classe média urbana querem a volta de Getúlio Vargas. Essa volta representaria a expansão desenvolvimentista sob a subvenção do Estado, e ainda, o apoio à indústria com redução de preços de matérias primas, facilitando o consumo.

Pouco a pouco, em cinquenta e um, com a eleição de Vargas e a sua política populista, formaliza-se o mercado de força de trabalho no mundo urbano industrial em expansão. O populismo está relacionado tanto com o consumo em massa como com o aparecimento da cultura de massa. O país vive um clima de euforia. É a arrancada para o desenvolvimento. Cresce o entusiasmo com a campanha “O

-MEHY, José Carlos Sebe (org.) Re/ introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996

-AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro:Ed. Fundação Getúlio Vargas. 1998

-PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós graduados em História da PUC/ SP. São Paulo: Educ. n^o. 17,1998.

-PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente.” In: Revista Projeto História. São Paulo: Educ. n^o 14, 1998.

-_____ *Forma e significado na história oral: a pesquisa como experimento em igualdade*. in: Revista Projeto História. São Paulo: Educ, n^o. 14, 1998.

-MACHADO, Maria Clara Tomaz. “*História oral – uma co- produção responsável*”. in: caderno Espaço Feminino. Uberlândia: Edufes, v.3, n^o. ½, 1996

-SAMUEL, Raphael. *História Local e História oral*.” in: Revista Brasileira de História. São.Paulo: ANPUH/ Marco Zero, V.9 n^o.19.1989/1990

-JANOTTI, Maria de Lourdes e Rosa Zita de Paula. “*História Oral: uma utopia?*” In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marcos Zero, v.13, n^o 25/26, 1992/1993.

³-RODRIGUES, Marly. *A década de 50-Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo:Ática, 1992.p.20/21.

Petróleo é nosso”, que obteve apoio dos mais diversos segmentos da sociedade, tanto de esquerda como de direita, sendo criada a Petrobrás. As cidades começam a crescer; é difícil sustentar a vocação agrária. Crianças perdem o espaço da rua e das praças como ponto de encontro, sendo substituídas pelo trânsito, sobretudo nas cidades maiores. Conforme Redin: *A significação atribuída à infância ocorre em termos de outra cultura: a cultura da idade moderna, do Estado, da industrialização e do proletariado, da família nuclear e da escola, das instituições especializadas.*⁴

O capitalismo em expansão rouba da criança o seu direito de brincar, ela perde a possibilidade do lúdico espontâneo e da experimentação. A cultura do progresso se solidifica. A criança, que até então não existia como elemento de contribuição para o processo histórico, continua à margem dele, recebendo em troca do brinquedo “estruturas de consolação”, como os parques infantis e escolas. O corre-corre da vida moderna consome o tempo das famílias que, na ânsia de adquirir mais, acompanhando a ideologia do consumo, ocupam todo o espaço de lazer com o trabalho massacrante e a vida passa a ser vista pela tela, ou pela janela de um canto qualquer. As crianças são guardadas, engavetadas, enquanto aguardam a volta dos pais, quando não, são usadas como mãos de obra auxiliar do orçamento doméstico, começam a habitar as ruas numa outra configuração, não mais para descobrir a vida, mas para a dela sobreviver. Cresce o desamparo, inicia-se a era da Infância descalça, processo que vai se agravando a cada década que passa.

A marcha para o progresso previa a industrialização sem planejamento adequado, descuidado, sem a preocupação com a nossa matéria prima como prioridade e garantia de soberania nacional. Instala-se no Brasil fábricas do mercado estrangeiro entre as década de trinta e cinquenta, que vêm mudar também o cotidiano dos brasileiros pela necessidade de trabalhadores, para a produção em larga escala. *A industrialização realizada durante os anos 50 trouxe consigo a modernização do Brasil. Modernização dos homens, tornando-os cada vez mais urbana. Modernização de seus pensamentos e hábitos, tornando-os consumistas. Modernização do modo de vida, das cidades, da arquitetura, das artes, da técnica, da ciência, do cotidiano... Os centros urbanos começam a inchar e a transformar sua feição. Antigos bairros se descaracterizam e mudaram de função. Antigos moradores cederam espaço a migrantes recém-chegados; residências uni-familiares tornam-se habitações coletivas. Edifícios, antes referenciais da cidade, foram destruídos e substituídos por centros comerciais.*⁵

As fábricas absorviam agora, a mão de obra feminina, pois a classe trabalhadora precisava ocupar todos da casa, inclusive as crianças, que assumiam funções domésticas num momento e, em outro, se confinavam nas escolas. Os novos tempos trouxeram o progresso e, com ele, todos os problemas pertinentes a uma sociedade em ebulição, a revelia da aprovação ou desaprovação da família ou da criança. Mudando a sociedade em função de uma nova estrutura econômica que se estabelece com o desenvolvimento industrial, mudam-se também as relações sociais, agudiza-se as lutas de classe, a família se modifica.

Na era Juscelino Kubstichek, em cinquenta e quatro (após o suicídio de Vargas), o ritmo do desenvolvimento se acelera um pouco mais. O otimismo se reflete em tudo, Juscelino quer mudar o país. Seu discurso defende uma aceleração dessa modernidade em ritmo vertiginoso sob o lema que lhe garantiu o governo: “cinquenta anos em cinco”. Rodrigues assim explica esse momento: *O Plano de Metas tinha por objetivo principal acelerar a acumulação, aumentando a produtividade dos investimentos existentes e aplicando novos em atividades produtoras”. Para tanto pretendia incentivar a industrialização acelerada, como meio de gerar novas oportunidades de emprego e elevar o nível de vida*

⁴- REDIN, Euclides. *O espaço e o tempo da criança: Se der tempo a gente brinca!* Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 20.

⁵-RODRIGUES, Marly. op. cit. pp.30-31

*da população; enfim, propunha-se o desenvolvimento planejado do capitalismo Brasil...Os bons resultados alcançados pelo plano devem-se, em parte, à participação do capital estrangeiro”.*⁶

Os cinco anos de Juscelino facilitam a entrada no Brasil das multinacionais que multiplicaram o consumo de bens duráveis, o que não altera as relações políticas entre os diversos setores de classe e entre as classes. Regiões atrasadas e castigadas pela pobreza e falta de recursos, incentivam a evasão da mão de obra para os grandes centros urbanos. A seca do Nordeste provoca a migração em massa, homens e mulheres, famílias inteiras, se aglomeram nas cidades em busca de empregos, assim a população se iguala no campo e na cidade. As favelas começam a inchar, os pobres se distanciam cada vez mais das elites, faltam-lhe oportunidades.

Juscelino impulsiona a indústria do automóvel, a economia decolava, tudo era novo, da música ao cinema. Os carros saíam das fábricas, ganhavam as ruas, urge a construção de novas estradas. A indústria de bens de produção e de consumo se afirma, aumentando rapidamente sua produção, superando a economia agrícola. Juscelino se compromete com o capital estrangeiro com a construção de Brasília, mas, mesmo assim, criou-se a expectativa de estar vivendo um momento de democracia e desenvolvimento.

O brinquedo industrial começa a povoar a fantasia infantil, impondo sua necessidade consumista, as crianças burguesas começam a desejar cada vez mais as bonecas da moda, os modelos de carro reproduzidos na miniatura do momento. Na periferia, as latinhas serviam ainda de panelas para o brinquedo de casinha, pneus velhos eram empurrados pelos morros e ruas descalças, quando sobrava tempo para brincar, depois da tarefa de casa. O brinquedo de rua começa a ser visto com preconceito, representando um perigo para a formação da criança. A rua é considerada um espaço de degenerados e as suas brincadeiras pertenciam às crianças filhas de operários, miseráveis, maltrapilhas, promíscuas, desordeiras, coisa de “moleque”. *Os jogos tradicionais de rua eram repudiados pela classe dominante e associados à criminalidade e promiscuidade, permaneciam redutos de crianças pobres, acusadas de criminosas.*⁷

Em 1960, embora o país dobrasse a produção industrial, as estradas rasgassem o país de norte a sul, leste a oeste, ostentássemos nossa capital mais sideral- Brasília - duplicamos também os nossos problemas: grande parte da exportação destinava-se ao pagamento de nossa dívida externa, o que impedia as importações de matéria prima para a continuação do desenvolvimento industrial, a inflação estava alta, os problemas agrários eram desconsiderados, aumentando a escassez dos produtos básicos de sobrevivência. A economia internacionalizada fazia com que os produtos industrializados servissem a uma minoria, aumentando a concentração de rendas, mantendo baixos os salários, faltando empregos, agravando-se as desigualdades.

É nesse clima de instabilidade nos anos sessenta, que Jânio Quadros prepara a sua eleição. Com a sua vitória, o Brasil brejeiro dos anos cinquenta, ganhou um “sindicato” mau humorado, conservador, autoritário, o que desencadeou a sua renúncia e a implantação da ditadura militar em sessenta e quatro até ao final dos anos oitenta. Seu governo durou um suspiro, breve e descompassado. Moralista e irreverente, marcaram sua rápida estadia com lances pitorescos e autoritários, fazendo as mais estapafúrdias proibições, transmitindo ordens escritas em forma de bilhetinhos de próprio punho. Para governar deu espaço aos militares e setores da burguesia aliada ao capital estrangeiro. A consequência desse curto período de gestão é assim resumido por Paes: (...) *a vassoura moralista funcionou tanto, que as décadas de 60 terminaria com o povo calado, a imprensa e as manifestações censuradas direitas políticas*

⁶- RODRIGUES, Marly. op. cit. pp. 65-66

⁷- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993, p. 86

*cassados, suspensos os direitos de cidadania; tudo varrido por algo mais poderoso que uma vassoura: o poder simbólico dos atos institucionais, expresso pela força das metralhadoras*⁸.

Foram anos de grande sufoco e autoritarismo, repressão e falta de liberdade, contrapondo às mudanças que ocorriam no mundo, com os questionamentos dos jovens que sonhavam com uma sociedade mais fraterna, livre e justa. Acreditavam poder mudar o mundo. Apesar do “tempo fechado”, no Brasil, eles se rebelaram e protestaram.⁹ Tempos convulsos em que, nem mesmo as pacatas cidadezinhas escaparam aos acontecimentos: maiores cuidados por parte da família, maior rigor policial, sermões nas missas mais contundentes, mais controle das ruas, clubes e praças, não se podia fazer grupinhos em esquinas por muito tempo, os jovens e as crianças eram mais vigiados, embora não soubessem muito bem o que estava acontecendo, pois a única comunicação era ainda o rádio; e a televisão só chegaria até eles na década de setenta. Apesar disso, alguns jovens dessas cidades do interior não se encontravam completamente ausentes desse quadro caótico a que nos referimos, não se alienaram do processo, guardaram na memória a presença desses difíceis momentos dos quais também participaram, não de forma tão ostensiva mas, perturbando com indagações que colocavam em dúvida as ações de instituições que não se posicionavam nunca. Nós não entendíamos muito bem porque é que éramos obrigados a ir à capela rezar, para que o comunismo não entrasse no Brasil. Para nós, jovens, frutos desses anos rebeldes, tudo era motivo de contestação. Obedecíamos as ordens da escola mas, escondidos, líamos Jean Paul Sartre, João Cabral de Melo Neto e, nos intervalos, representávamos Morte e Vida Severina, indignados com a questão da terra, embora não se falasse em reforma agrária em terra de latifundiários. Líamos também o livrinho considerado subversivo: “Um dia na vida de Brasilino”, que colocava um brasileiro no seu cotidiano completamente envolvido nas malhas das multinacionais, do pé ao cabelo.

Cantávamos em alto e bom tom as músicas de protesto da época, enquanto a professora não chegava. Isso tudo era muito complicado, pois estudávamos em escola religiosa de ordem conservadora, então, ocupávamos um bom período do nosso tempo em planos para enganar a boa fé das irmãs. Não estávamos tão distantes dos acontecimentos não, questionávamos a política e, sobretudo, a moral, só não participávamos ativamente dos movimentos liderados por jovens de esquerda pela distância, mas conseguíamos informações dos nossos colegas que estudavam nas capitais.¹⁰

A classe média apoiou o golpe, acreditando que este restabeleceria a ordem e o progresso do Brasil. O espaço democrático foi reduzido drasticamente pela força militar que calou a boca de artistas, intelectuais, estudantes e políticos progressistas; muitas coisas deixaram de ser ditas, mas foi um tempo de grande produção cultural, rico em criação, talvez pela própria necessidade imposta pela falta de liberdade. A censura, a repressão, o AI5, eram o pesadelo da época, principalmente para aqueles que sonhavam com um país mais justo, mais digno, conforme Chico Buarque de Holanda, “um país mais delicado” no seu “show”: “Brasil, o país da delicadeza perdida”. Mas o governo apoiou também muita produção cultural das quais ele pudesse fazer uso, alguns artistas e intelectuais usaram subterfúgios para comunicar o que pensavam, outros foram duramente perseguidos e até mesmo massacrados. Segundo Paes: *Através da censura, o regime impedia uma determinada produção cultural, ou melhor, os produtos culturais contrários à sua ideologia e aos seus interesses, mas não a atividade cultural como um todo. Nestes anos, o crescimento do parque industrial e do mercado de bens materiais foi também acompanhado pelo crescimento da indústria da cultura e do mercado de bens culturais.*¹¹

⁸ - PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60- Rebelião, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 1992.

⁹ - HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Cultura e Participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1984

¹⁰ - Memória dos tempos da repressão no ano de 1965, vividos por um grupo de estudantes do Colégio Santa Tereza, na cidade de Ituiutaba.

¹¹ - PAES. op. cit. p.55

A inflação acompanhou todos os presidentes do regime autoritário, os problemas sociais ganharam grande proporção. Nos anos setenta, a ditadura acentua a falta de liberdade, o autoritarismo e a força, mas é também um tempo de resistência e coragem frente à tortura e à morte. As forças de esquerda se organizam, as vozes encontram alternativas para se fazerem ouvir, o capitalismo se consolida, a máquina de propaganda do governo vendia a imagem do “milagre brasileiro”, trabalhadores são cada vez mais explorados e o salário cada vez mais insuficiente como nos mostra Habert: *O que se convencionou chamar de “milagre” tinha a sustentá-lo três pilares básicos: o aprofundamento da exploração da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial, às mais duras condições de trabalho e a repressão política; a ação do estado garantindo a expansão capitalista e a consolidação do grande capital nacional e internacional; e a entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos...Garantindo a política econômica do governo estava a repressão sistemática a qualquer manifestação operária, a proibição total das greves e o controle sobre os sindicatos...O milagre foi sobreviver.*¹²

Para sobreviver, mais uma vez a família é sacrificado, o trabalhador duplica as horas extras, as mulheres acumulam a dupla jornada de trabalho e as crianças, cada vez mais, se distanciam da infância, amadurecendo precocemente na dura luta do trabalho, que não deveria lhe pertencer, sendo explorada injustamente no peso de uma faina que os braços não sustentam, recebendo em troca da sua abdicação dos direitos básicos, a negação do lúdico, um pagamento insignificante na crueldade do descaso com o ser do futuro.

Essas mudanças ocorreram também nos pequenos lugares. Eram reflexos de transformações de âmbito nacional, decorrentes da modernização acelerada de um país de estrutura política arcaica, movida pelos ranços da colonização. Tal como um mosaico que no seu todo representa um momento ou um tema, apresentando uma coerência visual do conjunto que se efetiva apoiada nas diferenças das suas partes. Assim também é a história. Por isso, esse momento de ebulição, transformações econômicas e sociais dão a idéia do cenário brasileiro, compostopelas diferenças e peculiaridades nacionais que, entretanto vivenciam o momento, integrando-o.

Assim, nas pequenas cidades, nas décadas de cinquenta e sessenta, havia o tempo de brincar, e as ruas e praças, mal iluminadas ainda, guardavam o cheiro da infância; nelas, tudo chegava atrasado e ainda haviam quintais. O perfil delas, aqui traçado, será representado por Ituiutaba e Prata, cidades irmãs, filhas de um mesmo rio, “Paranaíba soberbo de tantos rebojos mortais, hoje é um rio enfermo e a usina é o seu ponto final”¹³, que se desencontram numa bifurcação, Rio da Prata e Rio Tijuco, seguindo cada qual o seu caminho, banhando terras que se assemelham na qualidade, destinos iguais, ou quase.

Ambas se localizam no “nariz de Minas”, pontal do triângulo mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre: Prata, nascida da Capelinha de Nossa Senhora do Carmo ou dos Morrinhos, vestida primeira com folhas de buriti entre os dois “seios de moça”, um menor que o outro, os dois morrinhos, que ainda hoje ostentam a vaidade de estarem sempre eretos, apontando o céu. Esses, morrinhos que ajudam a localizar geograficamente a cidade, serviram de inspiração para o nome que primeiro batizou o local: Arraial dos Morrinhos, em 1835, conforme as informações do memorialista Borges que assim nos conta:

Capitão Eustáquio da Silva de Oliveira, apossou-se de uma sorte de terras em frente aos Morrinhos, onde desliza o Córrego do Carmo, para erigir uma capela com o orago de Nossa Senhora do Monte do Carmo no Sertão do Rio da Prata. Essas terras lhe foram

¹²-HABERT, Nadine. *Década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1992, p.13

¹³- MACHADO, Odilon. *Os Rios in: Ituiutribu-* sem edição.1982

concedidas pelo príncipe regente D. João, e a capela foi erigida em comum acordo com o Capitão José Miranda Ramalho em 1823¹⁴

Segundo o professor Sebastião Alexandrino de Ávila, essa primeira capela foi de curta duração, porque Ituiutaba estava disputando com o Prata a sede do curato, sendo por isso demolida. Em seu lugar ergueu-se, da noite para o dia, uma igreja de duas torres para abrigar a imagem de Nossa Senhora do Carmo que havia sido levada para a capela de Ituiutaba, por políticos do lugar se julgando no direito de lá sediar o Curato. No entanto, eles perdem essa contenda por ser a sua capela menos imponente, possuindo apenas uma torre, volta a imagem ao Prata. Ituiutaba se viu, por um certo tempo, sob a tutela paroquial dessa cidade.¹⁵

Assim se tem notícia da primeira disputa travada entre essas duas vizinhas. A origem do nome da cidade de Prata, é contada pelo memorialista e também por Dr. Edelwais Teixeira,¹⁶ por meio de uma lenda que diz que um bandeirante, da primeira entrada nesses sertões, atravessava o Rio da Prata em uma balsa e deixou cair n'água um machado; nessa época, um machado valia uma fortuna. Não titubeou, arrancou a roupa e pulou no rio à procura do que era seu. Pouco depois vem à tona não só com o seu machado, mas com um outro todo de prata, cujo brilho dava à água reflexos prateados de luminosidade espantosa. A partir de então ficou sendo Rio da Prata o nome daquele rio, o que posteriormente se estende ao nome da cidade.¹⁷

Ituiutaba, nasce às margens do Rio Tijuco, como bem localiza o poeta:

*Passei o Tijuco, fui além mais, venci a dor e o medo de olhar
prá trás, eu te guardei pertinho da Serra da Aroeira, entre o
Horacinho e a Pedreira e entre outras coisas, que já nem são minhas
mais...¹⁸*

Originou-se das sesmarias das Três Barras, terras adquiridas pelo Padre Antônio Dias de Gouvêa, que constrói uma capela, assim como o faz na região de Prata. Em 1820, chegam às terras tijucanas os primeiros posseiros Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos que recebem, em doação, pedaços de terra para a construção dessa capela, dando início ao povoado de São José do Tijuco, no ano de 1839, o que originou mais tarde a referida cidade.

Observamos que a edificação de cidades, a partir de uma capela, era uma prática comum na história do Brasil, talvez pela capacidade que a religião possuía, de reunir as pessoas, ficando, assim, rodeada de sitiantes, a partir dali a expansão populacional era a consequência, como nos esclarece a professora Ana Luiza: *O fator religioso contribuiu para o povoamento desta localidade. A edificação de uma capela aglutinava os habitantes em sua volta e reforçava uma tendência inicial dos pioneiros se localizarem em um sítio.*¹⁹

A vida dessas cidades é marcada pela produção agro-pecuária, tendo como base de subsistência o plantio de pequenas lavouras de arroz, feijão, milho e algodão que servia à indústria caseira em que fiavam e teciam nos teares primitivos a roupa de uso diário, como nos relata Ana Luiza: *A agricultura era apenas de subsistência, como consequência da escassez de mão-de-obra, falta de transportes e*

¹⁴- BORGES. Benedito Antônio Miranda Tiradentes. *Povoadores do Sertão do Rio da Prata*. Uberaba: Vitória, 1992, p. 130-131

¹⁵- ÁVILA, Sebastião Alexandrino de, entrevista. Prata. 03 /11/ 2000.

¹⁶- TEIXEIRA, Edelwais. *Prata de Ontem*. Texto sem data e sem publicação.

¹⁷- C.f. em BORGES, p,153.

¹⁸- MACHADO, Odilon. op. cit.

¹⁹- Para conhecer melhor essa história ver monografia de Ana Luiza Freitas Guimarães-

*ausência de instituições de crédito...Com sua base econômica assentada sobre as sesmarias, este povoado de São José do Tijuco terá condições, mais tarde, de manter uma agricultura diversificada ao lado de uma pecuária ainda extensiva. Até a década de vinte, os trabalhos de desmata e plantio de lavouras, eram feitos sem nenhum implemento que não o machado, foice, enxada e o fogo. Após este período é que notaremos uma semi-mecanização, com arados de arrasto e as carpideiras puxadas por cavalos.*²⁰

Na cidade de Prata, também as lavouras eram apenas para o consumo local, mas a pecuária de gado leiteiro era o objetivo principal. Regiões de grandes latifundiários, terras adquiridas pelas concessões das sesmarias, junto aos privilégios e compromissos políticos com o poder, os coronéis sertanejos, detentores do poder de vida e morte, tinham como aliados as paróquias e os vigários. Embora as terras fossem boas para o plantio, Prata preferiu optar pela pecuária devido as exigências dos posseiros, cujas terras eram cadastradas pelo vigário o padre Antônio Dias de Gouveia que, por um curto espaço de tempo, cuidou da paróquia de Ituiutaba, voltando depois para a sede no Prata, conforme nos informou o Professor Sebastião Alexandrino de Ávila.²¹

Até a década de trinta, as duas cidades tinham como base da economia a criação de gado, quando surge também em Ituiutaba possibilidade de garimpo no Rio Tijuco, embora de vida breve, deixou sua marca, influenciando na criação de corrutela, onde se construía farmácias e armazéns, que se abasteciam em Ituiutaba, o que originou mais tarde pequenos municípios, e até mesmo cidades. Para a cidade do Tijuco vieram muitos aventureiros, iniciando-se assim uma grande migração de nordestinos, que trabalhavam pela despesa, sendo absorvidos, posteriormente, como mão de obra no campo para o plantio do arroz. Sobre a questão do garimpo, verifica-se em Guimarães: *Com a decadência do garimpo houve a dispersão do “meia-praça”-trabalhadores sob a ordem de patrões locais que lhes forneciam víveres.. Por ser o garimpo um elemento essencialmente aventureiro, muitos deles abandonaram a região, buscando as novas zonas onde se fixarem, enquanto outros se integrarão no novo ciclo econômico que se iniciavam o arroz.*²²

A partir de então, Ituiutaba inicia uma nova etapa de sua economia, enquanto o Prata funda sua cooperativa de leite, o que lhe valeria então o título de “Capital do Leite” e, Ituiutaba, a “Capital do Arroz”. Até a década de quarenta, as duas cidades caminharam mais ou menos no mesmo sentido, mas Ituiutaba já manifestava como vocação primeira, o desenvolvimento na “caminhada para o progresso”. Percebe-se na sua organização urbana as marcas dessa intenção: cidade de ruas e avenidas amplas, identificadas no centro por números e nos bairros, por nomes, praças de estrutura moderna, população mais numerosa, acrescida de migração estrangeira para o comércio e nordestinos para as lavouras, criação de escolas e hospitais, estando quase sempre um passo à frente do Prata. Os números de habitantes das referidas cidades poderão ser conferidos no gráfico que apresentamos a seguir:

ITUIUTABA - POPULAÇÃO														
1950			1960			1970			1980			2000		
ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal
		2.474	9.488	1.516	1.004	7.542	7.114	4.656	.268	6.651	5.819	.234	3.589	8.823
PRATA - POPULAÇÃO														

²⁰- GUIMARÃES, Ana Luiza Freitas. Monografia: *Causas econômicas e políticas do surgimento de povoações no Triângulo Mineiro, e sua evolução paralela à formação e crescimento de Ituiutaba até aos dias atuais.* 1974, p. 22

²¹-ÁVILA, Sebastião Alexandrino de . cit.

²²-GUIMARÃES.op.cit. p. 26

1950			1960			1970			1980			2000		
ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal	ural	rbana	otal
		4.063	.398	.725	3.123	.556	.855	7.411	1.083	.790	9.873	.456	6.968	3.424

FONTE: IBGE. Censos Demográficos/MG 1950/1960/1970/1980/2000

Além da crise da mineração e, posteriormente à queda do zebu, fato ocorrido em todo território nacional, aproveitando a fertilidade da terra vermelha, lamacenta, Ituiutaba se volta a todo vapor para a exploração da lavoura de grãos, tendo como ponta de lança o cultivo do arroz. Conforme Guimarães: *Os pastos abandonados como consequência da “quebra do zebu” passaram a ser utilizados para a agricultura. A terra produzia de tudo. Com o aumento da produção, há o despertar de interesses pelo comércio do arroz em nossa cidade, o que iria determinar o aparecimento das primeiras máquinas de beneficiar arroz. Na década de 50 houve um grande impulso para a produção de arroz, é quando são facilitadas as condições de financiamento pelo Banco do Brasil. O ciclo do arroz, além de suas implicações econômicas e políticas marcaria o aspecto social, tendo como representação de maior proeminência desse momento, a migração de nordestinos que para cá vinham em condições sub-humanas nos chamados paus-de-arara, para trabalhar nas lavouras de arroz tendo como salário apenas os custos da despesa de viagem e sobrevivência no lugar o que acaba por gerar um sistema de quase servidão: o nordestino não se livrava da dívida e nem se libertava da terra.*²³

No Prata, tudo continuava onde sempre esteve, vidinha calma, devagar, na mesma direção, tendo como suporte a produção do gado leiteiro, estimulado pela presença da fábrica de manteiga de leite “Rádio”, o que lhe dá uma certa respeitabilidade, no mais, tudo igual. Segundo o Professor Sebastião, essas regiões viviam a mercê da vontade política dos coronéis, tanto Prata como Ituiutaba em um determinado momento pararam no tempo.²⁴ O marasmo de Prata, segundo as superstições, justifica-se pela história contada por Borges:

*No ano de 1956, durante a missa rezada pelo padre Antônio vigário da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no momento em que ele se virou para os fiéis e proferiu o “dominus von biscum”, um paroquiano lhe jogou no rosto uma caixa de marimbondo. Indignado com o ocorrido o vigário lança então uma praga excomungando a cidade e dizendo que ela jamais sairia do lugar, não iria para frente.*²⁵

De acordo com o professor já citado, embora ele não acreditasse em praga, acha mesmo que a cidade parou exatamente nessa década, pois, até então, possuía um grande educandário, o ginásio São Luís, que abrigava em suas salas de aulas estudantes de todas as regiões vizinhas e de lá saíam preparados para as universidades dos mais variados lugares do país grandes nomes nas mais diferentes profissões.

Ituiutaba também passou por um processo de lentidão desenvolvimentista pelos mesmos motivos; os políticos locais, grandes latifundiários viam nessas cidades a extensão de suas fazendas, o quintal de suas casas, lugar ideal para criar os filhos no sossego e fartura. A eles não interessava o crescimento ou progresso urbano.

No Prata, a partir dos anos sessenta, como até hoje, os jovens procuraram outros espaços para expandir sua intelectualidade. Diante do êxodo estudantil, e do “frisson” desenvolvimentista que “atacou”

²³ - GUIMARÃES, Ana Luiza Freitas. op. cit. pp. 27-28

²⁴ - ÁVILA, Sebastião Alexandrino de. op. cit.

²⁵ - BORGES, op. cit. p.146.

o país de ponta-a-ponta, é que a cidade começa a apresentar as características do progresso, como a substituição de caramanchões por fontes luminosas, a modificar seus anseios, sem, no entanto, se descaracterizar: bois ainda continuam a pastar entre rosas.

Ituiutaba fez o caminho reverso, na década de setenta sedia a “Nestlê”, trocando o plantio de arroz, pela produção de capim branqueara para gado, mudando, assim, a configuração da cidade, pois, a população urbana se expande. A mão de obra rural migra para a cidade, inchando as periferias, provocando desemprego, desesperança e levando para outros espaços os sonhos dos jovens em busca de melhores condições de vida. Os silos de armazenagem de arroz que foram símbolos de progresso na década de oitenta, se transformam em Igrejas evangélicas, salões de bailes populares e posteriormente, sacolões. O samba de Odilon Machado, o poeta anônimo, apaixonado por sua terra que o “expulsou” por não corresponder aos seus desejos de ir mais longe, ilustra com muita propriedade esses momentos:

Só recordando prá crer, a fartura que um dia, brotou dessa massapé, no tempo em que a matraca trabalhava até. Arroz socado em monjolo, catado no colo, na palma da mão. Vida prá vida da gente, essa vida semente brotada do chão. Hoje esse chão, conta uma história diferente, já não dá grão, somente branqueara e colônião. Arroz de pilão e monjolo, era rei desse solo que o gado depôs. Hoje eu vivo a saudade da minha cidade,” capital do arroz.²⁶

Essas cidades - meninas - tiveram na sua infância verdadeiras disputas para chegar primeiro à condição madura de cidade grande e, por certo que conseguiram alcançar por um determinado momento, esse objetivo. Até a década de setenta, percebe-se nelas a força do desenvolvimento, no sentido do tão sonhado progresso, depois a política e sempre, dos coronéis, dos currais eleitorais, do voto de cabresto que garante a hegemonia dos sempre os mesmos, estacionando as cidades.

É nessa época também que se estabelece o projeto governamental, especialmente o PND - Plano Nacional de Desenvolvimento, que abrange essas duas cidades, uma vez que elas estão dentro das áreas prioritárias de Minas Gerais, fazendo parte do POLOCENTRO, que prevê a dotação de recursos para a agricultura brasileira, com o objetivo de expandi-la, visando o abastecimento do mercado interno, bem como a exportação. Além dos financiamentos individuais para a conquista dos cerrados no processo produtivo e lucrativo, foram implantadas ainda as estradas vicinais para o escoamento da produção para outros centros, os silos armazenadores de grãos, a telefonia, a eletrificação rural que, como parte da verba destinada às prefeituras, à título de recursos a fundo perdido possibilitaram ao poder público investir, em melhorias, especialmente nos distritos e na zona rural, tais como postos de saúde, escolas, entre outros²⁷.

No Prata foi construída a BR 153 que a ligaria ao norte e sul do país. Em Ituiutaba foi implementado o Sub-programa Armazenagem em Minas Gerais para a construção de novas facilidades,

²⁶-MACHADO, Odilon- in: *Ituiutaba*. Texto dramaturgico mimo.1981

²⁷-A esse respeito conferir:

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Polocentro- recursos e áreas de ação. Belo Horizonte: SEPLAM, 1980.

_____.Síntese das atividades do Polocentro em Minas Gerais. Belo Horizonte: SEPLAM, 1980.

Presidência da República. II Plano Nacional de Desenvolvimento. 1975/1979

Para aprofundar de todos os planos e projetos econômicos voltados para os cerrados ver: PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zona de Paracatú e Alto Paranaíba-MG*. Rio Claro: UNESP, 1988(Tese de doutorado); OLIVEIRA, Célia Regina Gomide de A. *frente cafeicultura em Araguari-MG*. São Paulo: USP, 1991 (Dissertação de Mestrado), cap. I; GONÇALVES Neto, Wenceslau. *Agricultura e política agrícola na década de 70: a cafeicultura em Araguari*. Campinas: UNICAMP, 1983 (Dissertação de Mestrado). Citação feita por MACHADO, Maria Clara Tomás, in: *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo.1950/198*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado).

de armazenamento de cereais, o que favoreceria a comercialização do arroz produzido em larga escala na região, bem como o cultivo da soja e do algodão. Isso levou à instalação de uma fábrica de óleo na cidade que não sobreviveu muito tempo, durando o mesmo tempo que o arroz, até a chegada da Nestle, no final da década. Prata, hoje, abriga a Crutalle, fábrica de sucos, e a Johan Faber, fábrica de lápis; o comércio declinou tanto em uma cidade como em outra, o povo se empobreceu mais ainda, confirmando o ideal da aristocracia rural de aumentar cada vez mais os hectares de terra e as cabeças de boi.

Agravando-se a crise e o desemprego, sobretudo em Ituiutaba, a falta de escolas, apesar de que Ituiutaba já possuía a sua Faculdade de Engenharia e Educação, fizeram muitas pessoas buscarem outros espaços para estudar, trabalhar; algumas outras foram atrás destes e também não voltaram. Muitos são os pratenses ausentes, o que virou tema de baile, assim como os tijucanos, que numa espécie de “banzo”, de longe lamentam a ausência dessas cidades, que lhes ofereceram muito pouco.

Mesmo assim, essas cidades do interior que continuaram a viver o seu cotidiano aparentemente, sem muitas complicações, embora a pobreza continuasse aumentando, não conseguiram escapar completamente às transformações turbulentas dos tempos modernos. As ruas já não apresentavam mais a mesma configuração de sossego, os gritos de alegria infantil das calçadas na boca da noite, “enquanto seu lobo não vem”, foram pouco-a-pouco sendo substituídos por buzinas e roncões de motor dos carros que brincavam no asfalto, um dos símbolos da modernidade. Foi chegando, aos poucos, nas lojas e no imaginário, a figura do bom velhinho do Natal, com seu saco de presentes. Os brinquedos comprados estimularam um desejo antes desconhecido do público infantil: quem podia mais, comprava mais.

Abriu-se o mercado para o brinquedo industrial, as multinacionais, a tecnologia americana, a sofisticação japonesa que ganhava cada vez mais espaço na cultura infantil, e as bruxinhas já não encantavam mais. Barbie surgia “reluzente e bela”, modelo americano, boneca com cara de gente, substituindo os trapos coloridos e bebês de louça, estabelecendo cada vez mais no mundo infantil, as diferenças sociais. A pobreza impele as crianças ao abandono, aumentam-se os orfanatos, “depósitos infantis”, de disciplina rígida, onde brincar, “nem pensar”, e a tristeza toma conta dos olhos e o desamparo se estabelece, isolando, marginalizando. A infância se afunda no abandono, junto com o direito de brincar.

A partir de todas essas considerações, estruturamos o presente estudo em três capítulos e uma conclusão final. No primeiro capítulo, trabalhamos com o conceito de infância e sua viagem no tempo, buscando a referência histórica do brinquedo, fazendo a ponte com o presente no diálogo com autores, historiadores ou não, que se preocuparam em explicar a criança como “pai do homem”. O nosso foco se concentrou com mais determinação, na existência da criança brasileira com seus problemas existenciais, numa política de descaso e indiferença pelo destino futuro dos habitantes dessa terra, que se viram privados do seu direito maior de cidadão do universo, pelo exercício natural do brincar, como superação de sua condição sub-humana de viver, que lhe nega a cidadania, com o aceleração do processo de crescimento e encurtamento da infância.

O segundo capítulo trata do imaginário infantil, construído a partir do brinquedo de faz-de-conta na representação do real, retratado aqui, como um dos itens abordados. Nele se inserem os depoimentos, as falas dos sujeitos em algumas narrativas que têm como pano de fundo o brinquedo, mas traduz os pensamentos, os sentimentos, a moral, o jeito de viver daquela época. Evidencia-se nelas o quintal de cada um e as transformações desse imaginário, do cotidiano, dos pensamentos, que tais sujeito sofreram ao longo dos anos, como conseqüência desse tempo de progresso. Constatamos uma roupagem diferente nas brincadeiras que permaneceram, assim como o desaparecimento de outras e ainda uma nova leitura de mais outras presentes em certas vivências.

Procuramos dar ênfase à recuperação da memória do brinquedo como elemento de real significação para se compreender a história de uma época na evocação dos sujeitos. Cuidamos também de registrar a presença de algumas brincadeiras, bem como a descrição de como elas se processam, quando e

onde acontecem, ou aconteceram. Nosso enfoque foi maior na busca do brinquedo na rua e no quintal, atentando para as possíveis modificações.

No terceiro capítulo, detivemo-nos em algumas pesquisas sobre a construção de bonecas e como elas povoaram o imaginário feminino, definindo ou reforçando papéis e também no brinquedo de casinha, como retrato do cotidiano vivido nas diversas décadas que nos propusemos estudar. Observamos que essas práticas são ainda atuais e bem ao gosto das crianças de hoje, que conservam na representação traços de outrora, embora do passado não fizesse parte, o que nos permite pensar esses papéis como continuação da mentalidade conservadora, que ainda fazem a apologia dessa forma de brincar, como definição de gêneros. Notamos que essa mesma maneira de ver o brinquedo de casinha ou boneca como brincadeira de menina, está presente em pesquisas nas falas de uma grande maioria das pessoas, embora teoricamente elas não concordem mais com isso.

Fechando esse estudo, fazemos alguns questionamentos sobre o brinquedo e projeções de uma pesquisa mais aprofundada, em trabalhos futuros. Tecemos algumas considerações sobre a indústria cultural do brinquedo, chamando a atenção para o cuidar do presente e da configuração do mundo infantil no futuro, assegurado pelas nossas ações no hoje, que se refletem nas asas do passado, que deverá fixar no agora os valores que perpetuam a essência humana.

I - HÁ HISTÓRIAS NO BRINCAR: A criança na ciranda do tempo

1 - A existência real da infância: o brinquedo na construção do “humano”

Um dos primeiros brinquedos, em idade de lembrança, foi uma gaiola de periquito, sem o periquito que poderia beliscar-me. Transformei a gaiola em navio, locomotiva, casa, e muito depois, em periquito.²⁸

Outro dia, vi, atravessando a praça, um menino que levava o pai amarrado por uma tira de pano ao pulso, com certeza a algum destino das pessoas “sérias”. O homem se deixava conduzir passivamente, conformado, à mercê da fantasia do garoto. Brincavam os dois sem perceberem. Que sonhos passavam pelos olhos do menino - criança atada ao pai pela tira, transformada em corda pela imaginação infantil? Que saudades não traduzidas na displicência com que o adulto – criança aceitava a trela, se escondiam por detrás da máscara? Observando atentamente a cena, revimos outras histórias guardadas no templo da memória no país dos brinquedos.

Esses sabores de infância adormecidos no tempo é que temperam a vida e é no brincar que eles afloram e os resgatamos, ainda que um pouco transformados pela seriedade da vida adulta. Pensando o homem, na criança que foi, no espaço e momento em que viveu, entenderemos sua atuação hoje, entre os outros e com os outros: a criança se revela pelo brincar e o homem pela criança que foi. O homem, pela metade, é a criança que não foi por inteiro. É na simplicidade do brinquedo, na espontaneidade do lúdico, na verdade que transparece cristalina pela ausência de vigilância, enquanto se corre entre pedras e jasmims, que se cultiva a alegria que, como nos mostra Rubem Alves, “ só mora nas coisas simples.”²⁹

Para apreender tal realidade, fomos por demais influenciados por Benjamim em suas concepções filosóficas sobre a infância, na reflexão sobre cultura infantil, onde a conexão entre passado e presente é garantia da continuidade da história: a criança é o pai do homem.

Benjamim defende a recuperação da memória histórica e adverte sobre o risco de se perder as experiências significativas do passado, ao se abraçar impulsivamente a modernidade. Ele nos instigou a buscar mais além, sobre crianças e brinquedos, dentro de uma ordem social e política que, conforme verificamos, em nome do jargão retórico: “criança, cidadão do futuro, futuro da nação,” convertem-se em objetos de manipulação a serviço da manutenção das desigualdades sociais. Mostra-se também um profundo conhecedor da criança como um ser social e revela como esta vê o mundo a partir de sua janela. Fala, de brinquedos, livros e histórias, elementos de conexão entre real e imaginário, e demonstra que a criança não pode ser concebida de forma romântica e ingênua, mas sim como parte e produtora de cultura inserida numa ordem social.

Sobre o brinquedo, ele afirma que as crianças fazem histórias a partir do lixo da história. Suas reflexões remetem à sua própria infância, mas não são meras recordações dela e sim fragmentos de uma época que, remontados, poderão redimensionar o presente, ressignificar outros tempos, retomando o fio da história. Foram de suma importância para as nossas indagações, as suas observações contundentes no tocante à importância do brinquedo artesanal, espontâneo, distante já das prateleiras dos idealizadores da

²⁸ -CASCUDO, Luís da Câmara.

²⁹ -ALVES, Rubem, Op. .cit.

concepção do lúdico, no mercado capitalista desses tempos modernos. Assim nos fala Benjamim, em um de seus momentos da viagem ao país da infância e do brinquedo, com relação à sua preocupação com o progresso: *Quanto mais a industrialização avança mais decididamente o brinquedo subtrai-se ao controle da família, tornando-se estranho não só às crianças, mas também aos pais...Ao imaginar para as crianças, bonecas de bétula ou de palha, um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo significava ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos.*³⁰

É ele também que nos leva a percorrer o caminho dos paradoxos, em que ao

mesmo tempo que se faz a apologia da infância, como um tempo larvar de preparação do futuro, as condições que se impõem à criança, a suprimem, numa total indiferença e irresponsabilidade com a borboleta. Revela-nos poeticamente a dimensão cósmica da interpretação feita pela criança do espaço que a rodeia, quando recolhe e armazena restos de manhã: *Mal entra ela na vida e já é caçador. Caça os espíritos cujos vestígios fareja nas coisas; entre os espíritos e coisas transcorrem-lhe anos, durante os quais seu campo de visão permanecem livres de serem humanos. Sucede-lhe como em sonhos: ela não conhece nada estável; acontece-lhe tudo, pensa a criança, tudo lhe sobrevêm, tudo a acossa. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, consolidá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas precisam transformar-se em arsenal e zoológico, museu policial e cripta. "Por em ordem" significaria destruir uma obra repleta de castanhas, que são as estrelas da manhã, papéis de estanho, uma mina de prata, blocos de madeira, os ataúdes e os cactos, as árvores totêmicas e moedas de cobre, os escudos*³¹.

Então verificamos que, para entender o brinquedo e a criança, é preciso recuperar o passado, enveredando na história da infância, cujo conceito aparece com a formação da família burguesa. A consciência da presença da criança, enquanto existência real, surgiu no cenário da vida cotidiana das coletividades recentemente, embora já se manifestasse presente o sentimento de infância. Faz-se necessário, também, delinear minimamente a trajetória feminina, dando a conhecer os papéis aos quais a mulher se prestava na sua estreita relação com os/as filhos. Situando a infância no tempo, entenderemos a sua intimidade com os jogos, reconhecendo-os como práticas culturais comuns a qualquer povo, em qualquer época.

Desde ao mais remotos tempos, podemos sentir a força do brinquedo, a presença de jogos nas mais diversas formas de aglomeração humana. Se a infância não tinha uma existência própria, a mesma não constituía prerrogativa do lúdico, como condição para gozar momentos de ócio em qualquer espaço em que se encontrassem as pessoas. Observa-se que em todas as épocas que se tem algum registro, jogos, brinquedos e brincadeiras, esses faziam parte do cotidiano das coletividades, podendo servir como estratégia para estreitar laços e promover a união. Crianças e adultos se encontravam nas rodas para dançar, cantar, brincar e jogar, sobretudo nas festas de comemoração da fartura ou ritos de passagem.

A preocupação com a criança começa a se manifestar junto com a transformação da forma de se pensar o casamento e a maternidade. Antes, porém, faz-se necessário trazer para o presente o conceito histórico de infância e as diversas abordagens sobre os sentimentos a ela relacionados, no momento em que são percebidos e analisados.

Philippe Ariés,³² trabalha com esses conceitos com base nas suas pesquisas iconográficas, onde constatou a presença de crianças com aparência de adultos em miniatura, nas pinturas de diversas

³⁰-BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.p.69

³¹-BENJAMIM, Walter. op. cit. p. 80

³²-ARIÉS, Philippe. *A história Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981.

épocas. Como fora definido por ele, este sentimento foi estabelecido pela cultura religiosa e leiga durante a Idade Média, posteriormente na Idade Moderna, nas classes superiores. Certificou-se, também, que a criança na sociedade capitalista, do ponto de vista do ser humano, só passa a existir a partir do século XIII e, como integrante de uma classe social, apenas no século XVII, quando surge também a família como instituição burguesa organizada.³³

Parecia não haver lugar para infância, pelo menos é o que registram as obras iconográficas desse período. Ariès descobre, numa miniatura do século XI, a deformação que o artista fazia dos corpos das crianças no tema do Evangelho. Nesse documento, Jesus fala com oito pessoas, que, embora crianças, não apresentavam nenhuma característica da infância, apenas a estatura pequena, representando os “pequeninos”, de quem seria o reino dos céus. Ariès percebeu esta mesma forma de representar as crianças em outras obras dessa época, significando, então, que nessas representações a infância era desconhecida.

Foi, a partir do século XIII, que Ariès observou o aparecimento gradativo da criança como tal, nas artes dos respectivos séculos, não existindo ainda o sentimento da Infância e nem tão pouco a representação de família. Já no século XVI, a criança aparece com mais frequência nas pinturas, com companheiros de jogos, quase sempre adultos, sozinha ou no colo da mãe e até mesmo na escola. Sobre esses fatos argumenta Ladurie:

*A segunda parte da concepção de Ariès me parece estar mais solidamente fundamentada que a primeira. Os papéis infantis e juvenis são muito dependentes da cultura de uma época dada: portanto, há motivo para crer desde o princípio, que esses papéis, tal como os conhecemos em nossos dias, tinham sido definidos apenas recentemente. Em compensação, o universo dos sentimentos íntimos, urdidos de mãe para bebê ou de pai para filho pequeno, é suficientemente misterioso, quase sempre situados fora da escrita.”*³⁴ Essas evidências, mostradas por Ariès, não se referiam à descrição da infância. Nela as crianças aparecem por acaso no cotidiano do adulto, significando que se misturavam a ele e que eram retratadas pelos pintores por sua graciosidade ou comicidade.

Atualmente, o mundo da criança e o mundo do adulto são claramente distintos, porém, a sociedade consumidora de cultura de mídia caminha para transformar a criança no modelo adulto, vendo nela uma possibilidade de realização do seu imaginário. Evidenciam-se essas pretensões na exposição gratuita de crianças em programas de televisão, no consumo exagerado da moda infantil, cópia em miniatura do modelito usado pelo adulto na exploração dessa mão de obra em shows, comandados por elas mesmas e mais ainda, na imitação grotesca do “Sex symbol” do momento, em que se manifestam as aspirações inconfessadas de mães e pais nessa sociedade de conflitos. Com relação à ocupação de todo o espaço livre das obrigações, quase sempre enfadonhas, do cotidiano infantil, o adulto atribui à criança as mais diversas atividades em concorrência com as outras, em nome de uma pretensa preparação para o futuro, onde ele se verá recompensado na projeção do filho, das frustrações que sofreu ao longo da vida. Nesse sentido, a criança representa o *alter ego* do adulto.

Até o século XVII, a criança aparece ainda retratada como anjos, infância de santos e nas efígies funerárias dos reis. A representação da infância estava ligada à vida do grupo como um todo, sem se separar das representações daquele tempo. A partir daquele século, a criança começa a ter importância no cenário social. A “família” também não se definira na acepção real do termo, sendo representada sempre numa mistura de elementos, tais como: adultos, crianças, parentes, visitas, casados, solteiros, mendigos,

³³ -I dem.

³⁴-LADURIE, Le Roy. *O sentimento da infância*. in : Montaillou, povoado occitânico. (1294-1324). São Paulo. Cia das Letras, 1997.p.261

habitantes legítimos, mestres, aprendizes. A “família” era a responsável pelo repasse do necessário referente aos fatos sociais e afetivos. A criança surge bem depois, como personagem central da organização da família, assim como a privacidade da vida familiar.

A fonte documental com a qual Ariès trabalha, quadros e citações de escritores antigos foram reunidos em um museu da infância imaginário. Ladurie problematiza esse procedimento, indagando sobre a possibilidade dos sentimentos pela infância terem surgido nas relações afetivas das classes baixas, não registrados graficamente: *Pode-se crer também, com igual validade, que a terna afeição pelos pequenos existia há muito tempo, aqui e ali, nas sociedades camponesas ou artesãs, tendo a grande cultura, textual e pictórica, decidido interessar-se por essa paixão apenas tardiamente, por razões específicas...*³⁵

Esses questionamentos partem de seus estudos sobre o cotidiano dos aldeões de Montailou que, mesmo rudes, sabiam, nos momentos de descanso e lazer, manifestar com doçura e elegância os seus sentimentos de afeição, vivos e espontâneos, pelas crianças, sobretudo na primeira infância. Esse comportamento diante da vida, por mais insignificante que fosse, fazia parte do contexto cultural da aldeia.

Neste imaginário cultural, gravidez e nascimento de bebês faziam parte natural na correnteza da vida. O feto era provido de alma advinda de um antigo corpo morto em um momento anterior. Se o feto fosse bom, ocuparia o ventre de uma mulher; se fosse mau, ocuparia o ventre de um animal fêmea. Assim avaliado, o feto inocente era amado e esperado já de início com todas as preocupações inerentes à natureza feminina e à concepção materna, isso sem distinção de classes.

Na organização social da família destaca-se, enfaticamente, a figura dos compadres e comadres. Por este motivo, é dada grande importância à festa de batismo, que promove os encontros, estabelece as relações sociais, o riso solto na alegria coletiva. Nesse sentido, Ladurie considera precipitada a afirmação de Ariès, de que cuidados e carinhos com o recém nascido é invenção recente da Idade Moderna e final da Idade Média. Ladurie busca suporte para sua argumentação e as suas pesquisas de campo, nas histórias de vida, como ressalta o depoimento do administrador rural Raymond Russel, morador de uma das aldeias pesquisadas. Este conta que uma senhora de Chateaufort tinha um bebê, do qual se despedia aos beijos antes de partir para se juntar aos heréticos. O bebê ria sempre que a mãe se aproximava e ela, embevecida, volta várias vezes ao berço, sem coragem de afastar-se. Como um gesto final, sabendo o que lhe espera, a mãe pede à criada que leve o bebê para fora da casa, para que ela possa então seguir o seu destino: a fogueira.

Essa cena mostra a evidência de laços afetivos e sentimentos profundos de dor e sofrimento de uma mãe. Ladurie constata ainda em suas observações a tristeza de pais camponeses pela morte dos filhos, confrontando assim com a idéia de que a descoberta do sentimento da infância aparece só na Idade Moderna, no seio da burguesia. Discorda também da afirmação da indiferença pela infância nas classes populares ou mesmo entre os mais abastados, bem como a ausência de afeto. É na morte, sobretudo, que a afeição se ritualiza, socializa e é partilhada, como se pode entender na observação dessas práticas. Este costume de cultuar os mortos é até hoje preservado entre diversos povos.

³⁵-LADURIE, Le Roy. op. cit. p.262.

A afeição pelos filhos nas classes populares, até mesmo na “elite”, apresenta alguns traços de semelhança com o que sentimos hoje, embora possuam características próprias, principalmente diante da perda do filho que, mesmo sofrida, era acompanhada de resignação: *“Em suma, o registro de Jackes Fournier evoca, em múltiplas ocasiões, os laços que se estabelecem entre os pais e os filhos muito pequenos. Não nos oferece, porém, o exemplo desses pais “desnaturados” descritos por Philippe Ariès e François Lebrun.*³⁶

Ladurie chama a atenção para o fato de que as conclusões de Ariès sobre a frieza da emoção da classe alta em relação à infância, decorrem dos seus métodos de abordagem às fontes documentais, que se referem somente ao comportamento e modo de vida burguesa. Outrossim, as observações desse historiador vieram contribuir positivamente para clarear e ampliar os conhecimentos sobre a história da criança, no correr dos tempos, situando-a no plano específico da infância, como um momento da vida de igual ou de maior importância na formação do ser, especialmente se acompanhada do exercício do direito de brincar.

Para entender por onde caminhamos todos esses anos no “país da infância”, que é o “país dos brinquedos”, como já o disse Benjamim, e a inserção da criança no seio familiar, precisamos estabelecer o diálogo com Ariès.

Até o século XVIII, a família, numa descrição muito generalizada, representava um espaço aberto, um abrigo a todo tipo de gente, pais, criados, filhos, empregados, amigos, protegidos, visitantes, sem hora de chegada nem hora de partida. Nessa “casa grande”, a criança não recebia nenhum tratamento que lhe garantisse alguma consideração. Essa família começava a se organizar e tudo girava em torno dela, ficando ainda a criança completamente deslocada nesse espaço e até mesmo ignorada sendo, na maioria das vezes, afastada dela para o convívio de estranhos, como aprendiz para ser educada.

O sentimento de família não era cultivado, devido ao fato da casa estar sempre exposta à diversidade de frequentadores, aberta para o exterior. Até o fim do século XVII, início do século XVIII, a família era aberta e na cidade, praças e ruas fervilhavam as relações sociais. A criança não ocupava nenhum lugar de destaque nessa sociedade, mas se encontrava presente no meio dela e, só a partir de então, a família começa a se agregar internamente restringindo o espaço da casa aos de fora mantendo assim, uma certa distância dessa sociedade. Por essa época a criança apenas é notada, o que já lhe permite conquistar o seu espaço junto aos pais, passando então a se tornar elemento constante na vida cotidiana; a partir daí, os adultos começam a se preocupar com sua educação e futuro.

*Essa evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas das casas dos pais.*³⁷

Nesse novo contexto, a família se separa do seu meio, caminha sozinha e assume as funções que outrora pertenciam à rua e à sociedade. Até então, a aprendizagem da criança se dava com todos e não era exclusividade de um casal. A cultura era absorvida no contato direto na comunidade e a casa não era ainda a residência apenas da família.

Na organização das cidades se estabelece o espaço público e privado, o Estado se apropria do espaço público e a criança se socializa no espaço privado da família. A criança passa a ter mais

³⁶ -LADURIE, Le Roy. op. cit. p, 268.

³⁷ -ARIÉS, Pilippe. op. cit. p.271

importância, a ser percebida de forma diferente e, só mais tarde, quando sai do contexto familiar, é que se vê controlada pelas instituições, pela escola, como parte dos projetos políticos do Estado, que agora se apropria dos espaços antes ocupados pelas relações espontâneas. Vale aqui lembrar Danzelot que ao definir “o social,” a partir dos séculos XVIII e XIX, como um domínio híbrido entre o público e o privado, atribui ao Estado uma tutela, um controle sobre a família, especialmente a do pobre, ressaltando que: (...) *a família moderna não é tanto uma instituição quanto um mecanismo. É através da disparidade das figuras familiares (bipolaridade popular- burguesa), através dos níveis, entre o interesse individual e o interesse familiar, que funcionava esse mecanismo. Sua força reside numa arquitetônica social, cujo princípio é o de sempre associar uma intervenção exterior a conflitos ou diferenças de potencial no interior da família: proteção da infância pobre, que permite destruir a família como ilha de resistência, aliança privilegiada entre o médico e o educador com a mulher, para desenvolver os procedimentos de poupança, de promoção escolar, etc. Os procedimentos de controle social contam muito mais com a complexidade de relações intra-familiares do que com seus complexos, mais com seu apetite de promoção do que com a defesa de seus bens (propriedade privada, rigidez jurídica). Mecanismo maravilhoso, já que permite responder à marginalidade com uma despossessão quase total dos direitos privados, quanto favorecer a integração positiva, e renúncia à questão do direito político por meio da busca privada do bem estar.*³⁸ Percebe-se aqui que a importância dada à criança pela família é fruto dessa nova ordem sócio-cultural, mais do que a descoberta dela como um ser social.

Esse sentimento de família e a sua valorização como instituição se limitavam às classes mais abastadas, representadas pelos homens ricos e importantes do campo ou da cidade, pela aristocracia ou burguesia, artesãos ou comerciantes. Só a partir do século XVIII é que esse conceito se expande às outras camadas e se impõe radicalmente. A família se fecha e seus membros gostam de nela permanecer mais isolados; ela triunfa finalmente como afirma Ariès: *Mas essa família estendeu-se à medida que a sociabilidade se retraiu. É como se a família moderna tivesse substituído as antigas relações sociais desaparecidas para permitir ao homem escapar a uma insustentável solidão moral.*³⁹

A idéia exposta acima traduz uma repulsa a essa sociedade que até então havia sido fonte de convívio, de educação e de aquisição de bens. As pessoas querem se resguardar, rompendo as antigas relações entre senhores e empregados, parentes e amigos. Esse movimento se espalha rapidamente, quanto menor é a distância geográfica, principalmente na família burguesa. Os clubes e cafés substituem o espaço público da casa, apesar de pouco frequentados. As relações sociais se fragilizam, os sentimentos de família e sociabilidade não conseguem andar juntos.

A família moderna assume a preocupação pela educação da criança, bem como pela sua sobrevivência, cultivando o amor entre eles, unindo costume e o modo de viver: uma ascendência moral, própria da burguesia. A alta nobreza e o povo mantêm, por mais tempo, a tradicionalidade das boas maneiras. As classes populares, até pouco tempo, mantinham o gosto pelas festas e grandes multidões. Observa-se que se desenvolve uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe conforme observa Araújo:

*Nos espaços limitados pela ordem urbana. Na clandestinidade construída sorratamente vão contracenando a vida e a morte o prazer e o desprazer o ser e o não ser...*⁴⁰

³⁸-DONZELOT, Jackes. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980, pp.8-9

³⁹- ARIÈS. Philippe, op. cit.

⁴⁰-ARAÚJO, Vânia Carvalho de. *Do reino da necessidade ao reino da liberdade*. Edufes: Vitória, 1996, p. 162.

Frente a essas posturas, é possível observar como é utilizado ideologicamente o conceito de criança, no decorrer da história, e como essas concepções são apropriadas pela sociedade capitalista, estimulando, no universo infantil, o processo de alienação que garante a hegemonia do poder dominante. Nesse sentido, a criança periférica não pertence ao modelo padrão idealizado de infância, cuja visão edulcorada, desvinculada da realidade social, garante a soberania do ainda hoje “sinhôzinho” dos tempos modernos, dono do destino dos “pequenos”, cuja origem básica é a favela e a rua, como afirma Vânia Araújo: *A concepção de criança, influenciada por uma imagem reducionista e a-histórica da infância, tem se mostrado, ao longo do tempo, destituída de um conteúdo crítico.*⁴¹

O rosto da criança que se desenha no espaço urbano das grandes e pequenas cidades não tem ainda a marca de sua verdadeira identidade. As particularidades e especificidades que lhe são próprias, largamente decantadas na literatura, psicologia, antropologia, historiografia - um pouco menos, filosofia e, sobretudo, pedagogia, na maioria das vezes, não passam de figuras de retórica. O que se tem revelado é um estado de vida subjugado por traços ideológicos, fruto da sociedade burguesa. O que permeia esse campo minado, cuja preocupação aparente é o vir-a-ser, são os interesses de reprodução de sujeitos sem história e sem vontade, convenientes ao modo de vida capitalista, negando a historicidade da criança, cidadão do universo por força cósmica, negando-lhe a oportunidade do humano, do sensível e criador.

A obra de Ariès sobre as representações da criança nos estudos iconográficos, salienta o surgimento da infância a partir do modelo burguês europeu. Estudos sobre a criança das classes populares e literatura que inclua essa criança no contexto das relações sociais são escassas, havendo uma grande lacuna bibliográfica sobre a presença do lúdico, como elemento de humanização na vida da criança. Esse referencial existe em algumas poucas abordagens, o que certamente dificulta o trabalho de novos pesquisadores. Vânia Carvalho de Araújo⁴² caminha por esse viés, colocando aqui e ali uma centelha de indagações pertinentes ao nosso *modus operandi* de ser e ver. A visão conformista da infância não é diferente da visão conformista de povo e sua consolidação na sociedade brasileira se apoia e se sustenta no tripé: mulher, família, escola, garantindo a legitimação das diferenças entre crianças, classes e condições de vida, de forma com que pareçam justas, verdadeiras e necessárias.

Desse modo, é preciso sanar essa ausência de história da criança das classes populares, corrigindo, assim, o equívoco do passado, contribuindo para que a infância, relegada ao abandono, assuma de fato a sua significação na galeria dos construtores de história. A análise do brinquedo, como elemento natural, produto da necessidade primordial para a criança existir e ser é, talvez, o ponto de partida para que a infância assuma de fato sua significação maior e lhe possibilite a apropriação de sua natureza humana. É o que nos instiga a autora:

*Vamos nos deparando com falta de alegria
Da liberdade do sonho, do lúdico
Com a negação de nossa natureza humana
De nossa particularidade
De crianças modeladas por traiçoeiros determinismos
A adultos perdidos na complexidade do mundo
Coisificados por não cederem ao reencontro*

⁴¹-ARAÚJO, Vânia. Op. cit. p. 46.

⁴²-ARAÚJO, Vânia Carvalho de. op. cit.

Por muito tempo perduraram os mesmos jogos e brincadeiras comuns às diferentes condições sociais. Já no início dos tempos modernos, estabelecem-se as diferenças e a seleção acontece. Alguns jogos passam a pertencer aos mais favorecidos e outros são relegados às crianças e ao povo. Também na escola, a classe burguesa não quer mais misturar os seus filhos, retiram-nos do que seria o ensino primário popular para colocá-los em pensões, “internatos” ou colégios, que passam hegemonicamente a dominar. As relações se modificam e os espaços também. O contraste social começa a se esboçar como evidência Ariés: *fortuna, nobreza convivem com a miséria, o vício com a virtude, o escândalo com a devoção.*⁴⁴

Essa situação de disparidade social é aceita muito naturalmente, pois fazia parte da vida, sendo comum homens ou mulheres bem vestidos visitarem os esfarrapados em prisões, hospitais ou ruas, como bem retrata Victor Hugo em seu romance “Os Miseráveis”. Com o tempo, acentuam-se as diferenças, o rico passa a abominar a pobreza e esta a se envergonhar da sua condição, situação comum em sociedades desiguais como nos países periféricos de hoje em dia, que não conseguem se superar.

Retomando o fio condutor da importância da criança no seio da família, a era industrial define as classes sociais e a ordem que ocupam na organização social; de um lado, os dirigentes, os industriais, de outro, o proletariado. Buscamos referência para essas informações nas mais diversas fontes. Alguns filmes abordam essa temática nos retornando ao passado, final do século XIX, início e meio do século XX, mostrando países não tão periféricos, mas com o mesmo perfil injusto, discriminatório no trato da Infância e da mulher. “Daens; um grito por justiça,” retrata a situação de uma fábrica de tecelagem, no norte da Bélgica, na cidade de Aalst, em que trabalhadores se encontram num estado de absoluta miséria. Ela absorve a mão de obra feminina e infantil, pagando salários insignificantes. As crianças são privadas do direito de brincar e são expostas a graves perigos na fábrica, muitas são acidentadas e morrem. O trabalho que executam, confinam-nas em espaço reduzido, debaixo das máquinas de tecelagem, curvadas ao chão, de “gatão,” catando os fiapos de linha que se juntam ali. A situação difícil dos operários incomoda ao padre Daens, um revolucionário, dividido entre a fé, a política e a sua consciência; ele é o único capaz de unir pessoas tão diferentes, para um único objetivo. Denuncia de forma contundente a desigualdade social, imposta pela luta de classes. Ele se vale da parábola de Cristo: O milagre dos pães no seu sermão, onde evidencia essas desigualdades: *Meus amados amigos. Se Cristo nos ensina que é o nosso dever partilhar sem preconceito de posição ou classe, se ele dá a pouca comida que tem a pessoas estranhas, porque não deveria ser esse o dever da burguesia belga para com os pobres que ela conhece e que trabalha para ela Ou essas pessoas que dizem ser fiéis servos do Papa acham que o evangelho não é para ouvidos franceses porque está escrito em latim O povo grita sua fome. Tais palavras não devem ser lançadas ao vento. É hora de ouvirmos os pobres desse país. Porque a voz do rico é sempre mais alta que a do pobre.*⁴⁵

Outro exemplo de filme que tem como protagonista a criança e a negação da Infância como um momento da vida, é Oliver Twist, adaptação do livro de Charles Dickens, que retrata os abrigos europeus para crianças, existentes desde o século XVIII, onde Oliver cresce sob a guarda e vigilância da cruel inspetora. Aos 9 anos de idade ele é expulso de lá, por haver pedido um pouco mais de comida. Ele é oferecido a uma família de construtores de caixões, que o obriga a acompanhar enterros de crianças.

⁴³ - ARAÚJO, Vânia. Op. cit. p. 163.

⁴⁴ - ARIÉS, Philippe. op. cit. p. 279

⁴⁵ -Daens; um grito de justiça, filme belga dirigido por Stijn Coninx em 1994, cuja temática se refere à revolução industrial, questão operária e socialismo, problemas de desigualdade social e a ligação com a exploração do trabalho humano.

Oliver foge e vive como menor abandonado em Londres e sua vida começa a mudar quando ele encontra, pela primeira vez, carinho e proteção.⁴⁶

Esse filme reforça a omissão e descaso que se tem mostrado com a infância, desde que ela surge enquanto conceito no decorrer dos séculos. Essa criança, da qual se toma conhecimento como um ser que permeia o cotidiano da sociedade, não é respeitada, não tem existência própria, “não é gente”, como comumente costuma-se ouvir até hoje.

Apesar disso, um novo tempo começava a delinear o perfil desse ser que se anunciava, preocupando-se com o início da vida, como prenúncio de um futuro social mais justo, em que o papel da família começava a se esboçar, no sentido da formação do indivíduo, no coletivo. As inter-relações promoviam a segurança e acolhiam a criança, integrando-a no todo. A escola exercia o papel de preparar a criança para essa era que começava a se impor. Nessa função, ela se encarregava de instrumentalizar a criança, ocupando todo o seu tempo, ensinando-a a ser obediente e passiva, numa pedagogia repressora e cruel. A escola reforça a hegemonia, ignorando o seu papel transformador, prestando serviços à classe dominante.

Nesse novo contexto, a presença da criança se faz sentir numa outra interpretação. O controle sobre ela se efetiva com maior força, saindo de casa, encontra-se sob o controle das instituições, sobretudo da escola. A família e a criança são alvo de projetos políticos definidos pelo estado que ganha força, ocupando os espaços antes ocupados espontaneamente nas relações sociais. Redin, acredita que, na verdade, diferente do que se pensa de antemão, a importância adquirida pela criança, é fruto da organização sócio-cultural, e não propriamente uma descoberta da criança.

É nesse contexto que a criança se vê forçada a romper o elo de ligação com a rua. Passa a maior parte do seu tempo dentro de escolas, inserida numa ordem burguesa e se distanciando da sua história dentro do grupo, deixando de ver o céu nos encontros de “pique-será lambari pinicá”, nos círculos do “corre cutia”, na roda da dança na rua, na vida. Ganha proteção e perde a liberdade de brincar, de correr solta no vento e no tempo. Debaixo da asa das instituições especializadas, submete-se à escolhas que não são suas, “*o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou, o que é bom dura pouco,*” adverte a canção e o adágio popular. Mas ela é pequena “baixinha”, não tem voz nem presença, embora amparada por direitos legais.

O tempo de se sentir criança lhe é arrebatado mais uma vez, sem possibilidade de opinar sobre o próprio destino; assume o imaginário do mundo adulto, que a prepara para as conquistas sociais que o modelo impõe.

No transcurso da organização da sociedade que avança em largos passos, convém ao modelo burguês a regulamentação da união familiar, o emprego, a mulher no lar, a criança na escola. A família começa a se dessocializar, empobrecendo as relações em comum, separadas por classe, tudo devidamente especializado. Euclides Redin o enuncia: *O espaço livre desaparece em função do espaço especializado: espaço de trabalho, de sono, de lazer, de passeios, de circulação, de parada, de volta à natureza ou de impregnação cultura – previsto e controlado.*⁴⁷

⁴⁶ -Oliver Twist. Filme do diretor David Lian, em 1948.

⁴⁷- REDIN, Euclides. op. cit. p. 19.

O ser humano fragmentado se robotiza, não pensa, não sente, só obedece. O Estado detém o poder de decidir e gerir a produção cultural, impossibilitando a sociedade e a família da autogestão. Isso é pior em relação à criança, pois ela não escolhe: por direito, ela tem uma família que a acolhe, de fato ela é uma mínima partícula sem liberdade para ser. Se, por um lado, ela ganha o espaço que lhe era devido na sociedade, por outro, acontece também a sua “prisão” nas escolas e colégios distantes da vida social adulta. Nestes espaços, as especificidades da criança são conhecidas e respeitadas. Apesar disso, percebe-se uma discreta rejeição a ela, na medida em que também é reconhecida como categoria social importante.

Mas, por mais absurdo que pareça, a história da criança é recente e não é possível ainda avaliar se é positiva ou negativa. Podemos conjecturar pelas evidências que se nos apresentam, que muito equívoco se tem cometido. No momento em que ela não era reconhecida enquanto um ser específico, era ignorada, podia lidar com a sua solidão despercebidamente desde que ela não incomodasse. Quando finalmente, com o advento da psicologia, da pedagogia, é finalmente notada, passa então, a ser o alvo de experimentações conceituais.

Hoje, no Brasil, a criança é modelo de exploração em função do imaginário do adulto, ditado pelos meios de comunicação para atender ao consumo, consumo de qualquer coisa, mesmo que seja lixo.

Retomando a história, veremos que a nova forma de organização social e da família, na época moderna, é pensada a partir da revolução burguesa do século XIX. Neste caso, é a burguesia quem impõe o modelo da família restrita, monogâmica e indissolúvel para policiá-la, controlá-la: vigiar o povo, os pais vigiam os(as) filhos(as), todo mundo se vigia em função de uma ordem pré-estabelecida. Sob controle, a nova sociedade vê na família um instrumento da ideologia dominante. A mudança nas relações de produção feudais para a pré-industrialização, a caminho do capitalismo da idade moderna, desfaz o sistema patriarcal e instaura um mundo de classes e luta de classes e a criança encastelada na escola se submete à nova ordem.

Os tempos para a criança mudaram, porque a família mudou, as relações mudaram, mudaram os sistemas, mudou o mundo. No Brasil, o sistema garante à criança o mesmo lugar que destina ao velho, ao doente, ao artista, à mulher; lugar nenhum, pois, são minorias consideradas improdutivas: assim nascem os marginalizados. A sociedade desconsidera o espaço da criança e sua passividade e insignificância são ditados pelo modelo dominante. Ela não tem existência psicossocial na cultura brasileira.

O atendimento que lhe destinam a escola, a saúde, a alimentação e o lazer são paliativos e insuficientes. Os desníveis sociais trágicos, resultantes do modelo econômico capitalista em franca expansão, roubam da criança o direito da infância. Ela perde a possibilidade do lúdico espontâneo, da criação, da experimentação, ganhando em troca espaços alternativos como parques, escolas e praças, em substituição a tudo que lhe foi tomado pelo “progresso desenvolvimentista”. Como se não bastasse, sobra ainda o problema da criança marginalizada pela sua condição social, o carente, o “menor abandonado”, o menino de rua; a esses, é negada a própria existência. Ela representa um perigo à organização da sociedade e à manutenção da ordem. Sobre isso nos lembra Priore:

Às vésperas de uma nova era, essas mesmas crianças passaram de reis a ditadores. Muitas de suas atitudes parecem-nos incompreensíveis. Quase hostis. Uma angústia sincera transborda das interrogações que muitos de nós fazemos sobre o que seja a infância e a adolescência. É como se as tradicionais camadas da socialização tivessem se rompido ... Ano 2000: elas estão em toda parte.

*Sabemos que seu destino é variado. Há aquelas que estudam, as que trabalham, as que cheiram cola, as que brincam, as que roubam. Há aquelas que são amadas e outras, simplesmente usadas*⁴⁸

Triste mundo esse, onde a “infância descalça” perde o tempo do riso e da brincadeira porque precisa lutar para existir, contrariando a própria fragilidade, renunciando ao direito de proteção, colocando em risco a vida que lhe deram e que hoje a violência arrebatou. Em plena era cibernética, na qual o homem suplanta a natureza e viaja no espaço, a criança busca sobreviver, ocupando os pequenos braços na força do trabalho, ao invés do abraço. As mãos que poderiam estar virando figurinhas no bafo, jogando biloca, fazendo desenhos no ar ou na terra, enchem-se de calos e desencantos. Os bancos de escola se esvaziam por ocasião das colheitas, a criança representa a mão de obra barata para o complemento do salário familiar. Visto assim, constatamos que houveram momentos mais cuidados em séculos anteriores. Como Araújo acreditamos que: Regredimos ao tempo da inexistência da criança na escala de evolução da raça humana:

*Infâncias petrificadas por caminhos estreitos
Sem rumo, sem direção
assoladas pela massificação do ser e do não ser.
Infantilidade, inocência, imaturidade
Completam a imagem da promessa, do futuro
Nega –se a história, a condição social, a riqueza produzida
Naturaliza –se a ausência, as carências
O dito e o não dito
Sonhos fugazes/ desejos sufocados
Vida não vivida
Humanidade que se apaga ao nascer*⁴⁹

2 - O TEMPO HISTÓRICO DO BRINQUEDO NO BRASIL

*Era uma vez um menino
Nem muito gordo nem magro
Nem muito fraco nem forte
Nem muito baixo nem alto
Era um menino comum
Igual a tantos meninos*

⁴⁸-PRIORE, Mary Del. (org). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999, p.13. *História das Mulheres no Brasil (org)*. São Paulo: Contexto, 1997. *O que querem as crianças*. In: Estado de São Paulo- Suplemento Feminino. 1-2, Janeiro, 2000.

⁴⁹-Araújo, Vânia Carvalho de. Op. Cit. p. 52

*Que andam aí pelo mundo.
Meninos como você
Ou como eu de uma outra data
No tempo em que era pirata.⁵⁰*

Na cortina do tempo, o brinquedo faz história, na casa da “vó,” no quintal de mangueira, na porta da rua, no telhado da casa, na pinguela sobre o córrego, no colo da mãezinha menina sob a sombra do arvoredor, há muito tempo na “aurora da vida, que os anos não trazem mais”. *É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória*⁵¹, nos recomenda Bosi. Um determinado momento no tempo poderá ser revivido num “balança caixão, num brinquedo de comadres, num barra manteiga, ou boca-de-forno,” principalmente pelo fato do brinquedo não constituir uma idade definitiva, quando rememorado ou praticado por aquele que brinca. Brincadeiras são representações culturais que refletem a realidade histórica de um momento, de um lugar, em que as significações do mostrado nos desvendará o mapa de uma época com seus sinais opacos, cujo resultado traduz a primeira experiência humana vivida individualmente e na coletividade.

Nesse sentido, consideramos que para se entender a criança no seu grupo social hoje, como ela age, como se relaciona com o mundo real em que vive, é preciso buscar suporte no passado, na essência do brincar, percebendo com clareza a permanência da sua significação, como também as transformações ocorridas na sua possibilidade de existência. Pensando assim, reportamo-nos ao pensamento de Benjamim sobre a criança, que não é um ser isolado do mundo adulto, mas inserido nele como um ser participante e atuante no seu cotidiano, interferindo na construção da sua história, portanto, cidadã do seu próprio destino. Ao brincar, ela intervém no espaço se apropriando dos valores, das atitudes e comportamentos dos seres adultos, conectada ao ontem e ao hoje. É de grande responsabilidade do adulto, conhecer e refletir sobre o presente, cujo alicerce se encontra no passado e só assim projetar o futuro, na sua representação primeira; a criança. É nela que se refletirá as mudanças e as transformações sociais.

Essas mudanças serão comprovadas a partir do conhecimento de outros “brincades,” em tempos que antecederam a inserção da cibernética e o brinquedo virtual. Recuperando o passado como referência para o presente, como o sol que clareia o dia, que novamente se prepara para o reencontro com o anoitecer, perfazendo o eterno ciclo do ontem que se conclui no hoje, nos aproximamos de nossos mais profundos conhecimentos de nossa história no universo. Trazendo para o presente a lembrança do brinquedo, que povoou o imaginário de outras eras, pelos relatos de acontecimentos vividos, estabelecemos o contato com sociedades de antes, e só assim poderemos presumir a ação humana dos futuros grupos sociais: *Se a importância da memória está no fato de que nos possibilita colocarmo-nos como destinatários de uma herança cultural e de um passado que pode ter muito a nos dizer, a busca da infância nos relatos se encaixam nesse contexto.*⁵²

Brinquedo e criança não se separam, vendo um, se pensa no outro, caminham juntos desde o momento em que se tem consciência da criança como um ser brincante. Ela sempre brincarà em qualquer época e espaço, em qualquer situação, o que modifica é a forma. Ontem se brincava no coletivo, crianças da vizinhança, primos e primas, nas ruas e quintais. A brincadeira não precisava viajar para a rua do

⁵⁰ - PAES, José Paulo. *O menino de Olho D'água*. São Paulo: Ática, 1991. S/p.

⁵¹ - BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUSP, 1979, p. 33

⁵² - SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 33

colega da escola, sua referência era sempre o depois da aula, cada criança no seu canto com a sua turma, que inventava a brincadeira “nossa de cada dia” e trocava, ampliando o repertório num momento pleno de comunhão com o outro. O brinquedo acontecia no encontro com os amigos. A organização das brincadeiras se dava espontaneamente sem muitas complicações, não havia necessidade da intervenção do mais velho, estava tudo ali ao alcance dos olhos e da imaginação.

*As brincadeiras são, então, um meio para se chegar ao coletivo geral da humanidade; nelas a criança trabalha questões importantes da essência do ser humano: medo, fantasias, faz-de-conta, além de experimentar relações sociais presentes em determinado coletivo(grupo social a que pertence), como cooperação, competição, ganhar, perder, comandar, subordinar-se etc...*⁵³ Percebemos nas nossas observações, a possibilidade da existência desses valores e como as crianças lidam com eles, reorganizando-os de acordo com o seu dia-a-dia. Em cada brincadeira a criança poderá dar novos significados aos conteúdos do passado com referência no presente, construindo novas formas de conexão com o futuro, onde ela poderá viver esses significados. *O seu conteúdo se manifesta pela forma como a criança se apropria dos objetos culturais, como produto da atividade humana, é o que nos fala Da Ros.*⁵⁴

O tempo de infância não volta nunca. Recuperar o brinquedo enquanto é possível é tarefa de resistência, é não deixar morrer o sonho, a criatividade, a utopia, é se preocupar com o novo ser no encontro com o amanhã. Portanto, nos adverte Vânia Araújo: *No senso comum, a relação da criança com o lúdico representa um momento de encontro com a fantasia, com o prazer, com a alegria, ou seja, com a não seriedade do mundo.*⁵⁵ Essa forma de pensar a criança como se vê, com relação à cultura infantil, minimiza a importância do brincar e reforça a idéia de leviandade atribuída aos que brincam, colocando-a sozinha com suas fantasias, distante do mundo real. A recuperação do lúdico como dimensão humana, traduz para o presente, o referencial do homem que brincou antes de ser, como contribuição ao patrimônio cultural da humanidade.

O brinquedo está inserido num contexto social. A criança exerce a brincadeira por si só, aprende a brincar com alguém, ela recebe a noção do brincar das pessoas com quem convive. O brinquedo faz parte da herança cultural. Ao contrário do que se pensa, a criança não nasce já brincando. As formas que ela utiliza para entrar em contato com o mundo, desde os primeiros momentos de vida, são denominados de brincadeiras, quando na verdade ela exercita o sensorial. O brinquedo está atrelado ao seu tempo. Compreender as relações do lúdico com a criança na trama das relações sociais, analisar com criticidade a utilização do brinquedo como pano de fundo para a imposição do modelo dominante, é alargar o horizonte e dar a ele a dimensão verdadeira que lhe é pertinente, no processo de formação do ser criador e livre. Esse ser que um dia jogava pedrinhas na água, observando o movimento circular do desenho formado, estabelece a sintonia com o seu centro interno, o que lhe facilita sua inserção em um grupo, ao qual confere a seu modo, um novo sinal. A partir de então se desenrola sua história, bordada no tempo pela teia urdida a cada passo dado em direção ao poente.

Na pesquisa de material para essas reflexões, buscamos a contextualização da infância brasileira e sua relação com o lúdico, cuja imagem no passado reflete hoje o presente. Se a brincadeira é transmitida através dos tempos, é preciso então entender como brincavam os seus predecessores, de onde ela vem, como tudo começa a partir de sua primeira entrada em cena. Acredita-se que o primeiro contato da criança quando nasce é com o seio materno, com os braços que a segura firmemente, com os olhos ternos

⁵³ -SETÚBAL, Maria Alice. op. cit. p.75.

⁵⁴ - DA ROS, Sílvia Zannata. *Brincadeiras infantis e relações sociais in: Perspectiva*. Florianópolis: UFSC, Ano 12. N° 22, 1994. P, 142.

⁵⁵ - ARAÚJO, Vânia Carvalho de, op. Cit. p. 103

que a afaga. Esses são inicialmente, o elo de ligação com o mundo que passará a experienciar de forma lúdica, a partir de agora.

Gradativamente ela começa a se perceber, tocando o próprio corpo, explorando com os sentidos tudo que está à sua volta, identificando-se com o espaço e as coisas que o ocupam, pesquisando o mundo de sons, cores e formas; ela brinca. No começo tudo é brinquedo, ela e seu corpo, a mãe, o espaço que a cerca, os sons que ouve, o movimento das coisas que dançam diante dos seus olhos.

No Brasil, a criança tem sido, durante todos esses anos, o cerne de uma estrutura que representa as diversas versões que se tem, dentro do político, do social, educacional, e religioso. Araújo também nos leva por esses meandros na intrincada busca da identidade da criança brasileira, que ela traduz como categoria social e vem adquirindo as mais diversas formas a cada tempo histórico, de acordo com as conveniências sociais: *A representação da criança, através de figuras religiosas, imprimiu uma marca expressiva aos modelos ideológicos sobre a criança no Brasil. Tais modelos expandiram-se através dos trabalhos jesuíticos, moldados pelos princípios missionários, difundidos inicialmente entre os índios, por meio do menino, do “curumim. A criança divinizada, cercada por qualidades de cunho moral e religioso da doutrina cristã, sublinhavam os sermões de catequização para aqueles que se encontravam no estágio rudimentar da fé cristã.*⁵⁶

O jesuíta acreditava que a criança era um ser cuja natureza precisava ser domada, pois já nascia corrompida, sem freios e só a educação rígida poderia transformar a fraqueza e a maldade em virtude. Esse modelo de educação perdura ainda no imaginário popular. Na representação do brinquedo de “escolinha”, comprovamos essa rigidez retratada pela criança, quando ela faz-de-conta que é professora, está sempre gritando com os “alunos”, castiga, manda sair, e ir se encontrar com a diretora da escola que, por sua vez, é extremamente autoritária. Ela reproduz uma pedagogia repressora que configura nosso sistema educacional, modelo importado do colonizador, vigorando por muito tempo e ainda hoje revive as suas marcas incrustadas nos bancos escolares, nas práticas educacionais.

Nesse painel nebuloso em que se misturam práticas e teorias pedagógicas, filosofias educacionais calcadas no pensamento moderno sobre a criança, a família tem um papel preponderante na reprodução do ideal burguês e dos valores sociais e morais de cada época. Há que se considerar, entretanto, o histórico da família como instituição, o próprio conceito de infância já discutido aqui no diálogo com os teóricos do assunto. No entanto, outras considerações se fazem necessárias, na medida em que tentamos entender o ser criança no seu contexto histórico e social, sobretudo no Brasil, país de singularidades múltiplas, no tocante à sua formação cultural de povo, e até mesmo, com relação à sua tenra idade.

Verificamos que a família do século XVIII modificou-se muito até o século XIX. Isso ocorreu principalmente com relação à sociabilidade na organização interna da casa. A mulher mantinha-se ocupada na vida doméstica dentro de casa, enquanto o homem ganhava o mundo. No Brasil, Costa elucida a questão do confinamento feminino dentro do lar: *A permanência da mulher dentro de casa devia-se, antes de mais nada, à sua função doméstica. Mulher era o capitão-do-mato, o gerente e o caixeiro do marido. Ninguém melhor do que ela estava habilitada a zelar pelo patrimônio doméstico do homem. Dependendo jurídica, afetiva, moral e religiosamente do marido, prestava-se docilmente a organizar a produção econômica da casa, supervisionando o trabalho escravo. Mão-de-obra gratuita, a mulher permitiu por muito tempo a auto suficiência das residências, fenômeno necessário ao despotismo senhorial sobre a cidade.*⁵⁷ A família colonial se mantinha exclusiva do mundo exterior a ela e só modifica o convívio restrito a poucos, na medida em que o Brasil começa a se urbanizar já no ciclo da mineração. Com a vinda dos médicos higienistas, junto às necessidades surgidas com a urbanização, vai se esboçando um novo jeito de ser na organização social, sobretudo no trato com mulheres e crianças:

⁵⁶-ARAÚJO, Vânia. op. cit. pp. 51-52.

⁵⁷-COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.p.102

regras de asseio, limpeza e organização espacial do interior da casa, cuidados com a alimentação e higiene, amamentação e educação das crianças. Modifica-se também o papel da mulher nessa sociedade que começa a despontar.⁵⁸

Retomando a questão da criança e o seu brinquedo na sociedade brasileira, buscamos entender a concepção de infância no decorrer da história brasileira, a partir da colonização, cujos apontamentos nos mostra uma criança reduzida a uma reprodução do adulto muito cedo, assumindo atitudes e comportamentos além de sua maturidade. A imagem que se fazia da criança era ligada à figura do anjo, concepção essa que predominava na cultura colonial, relacionando-a ao sentido de inocência e bondade. Essa idéia sob a influência da mentalidade européia, prevalece até o século XIX, podendo reconhecê-la na ação catequista dos jesuítas. Del Priore destaca que: *O sentimento de valorização da criança enquanto um ser cheio de graça e vulnerabilidade corrente na Europa, não estavam ausentes do coração dos jesuítas, que viam nos pequenos indígenas, um inocente...muito elegante e formoso. Ou, "muchachos que quase criamos a nossos peitos com leite de doutrina cristã"...O olhar que afagava o "meúdo" e o "mínimo"deviam no entanto ser contrabalançado pela disciplina e exigência características da Companhia.*⁵⁹

Eles buscaram suporte para seus argumentos no fato de Jesus também ter sido criança. Era intenção do jesuíta modelar as crianças indígenas por meio de uma cultura de conteúdo estritamente dogmático, tornando-as dóceis e obedientes. No entanto, ao brincar livre na natureza, com a qual mantém laços de profunda identificação, o curumim desperta sua verdadeira crença, personalidade e esquece o que tentam lhe impor. Mantém vivo o fogo que o liga aos ancestrais e a sintonia com o mundo à sua volta.

É na natureza que o indiozinho tem a sua referência de mundo: na luz do sol, na água do rio, na lua e nas estrelas, no vento, no canto dos pássaros. Ele marcou a sua presença há séculos neste país. A mulher indígena quando dava à luz recebia os cuidados necessários, mas era o pai que se acomodava à rede com o bebê e de lá só saindo com a queda do cordão umbilical. A criança recebia dele um arco e flecha para usar quando homem, o seu primeiro brinquedo-objeto.

O chocalho, que era usado na pajelança para afastar maus espíritos, certamente deleitava os ouvidos dos bebês. Esse era confeccionado com elementos da natureza que mais tarde servem de brinquedo das crianças quando exploram o mundo. *Entre as tribos indígenas brasileiras algumas mães fazem brinquedos toscos de barro, imitando animais ou o homem, muito simples, geralmente desprovidos das extremidades para não quebrar.*⁶⁰

Acredita-se que a cultura indígena não tenha legado ao brasileiro a boneca, embora os Carajás do Rio Amazonas mantenham a tradição de fazê-la, pelas mãos da menina indígena e é chamada de "licocó". As crianças fabricam no barro os animais de sua preferência, além de cuidar e brincar com eles ao vivo, enquanto correm pela aldeia e floresta. Acompanham os pais à caça e aprendem fazer canoas e armas. Adoram representar os adultos, imitando seus gestos e ações, se preparando para a vida futura. No final da tarde, imitam a mãe no fuso, junto com as outras crianças no verdadeiro "faz-de-conta".

Também constroem outros brinquedos, como o bodoque, piões usando frutos, matraca que, quando apropriada pela criança branca, se chama currupio, o alçapão também chamado, posteriormente,

⁵⁸-Não nos deteremos em explicações sobre as questões femininas, ou papéis sociais que a mulher assume por ocasião da organização dessa sociedade colonial, bem como as normas familiares advindas com a chegada dos médicos higienistas. Sobre esse assunto melhor consultar, Jurandir Freire Costa op.cit., Elizabeth Bidenter em; O mito do amor materno, Jacques Donzelot em; A polícia das famílias.

⁵⁹-PRIORE, Mary Del. ops. cit *História das crianças no Brasil.*. Contexto, 1999. p 13. *História das Mulheres no Brasil* (Org). São Paulo: Contexto,1997. *O que querem as crianças.* Artigo. In: Estado de São Paulo – Suplemento Feminino. 1-2, Janeiro, 2000.

⁶⁰-ALTMAN, Raquel Zumbano. *Brincando na história.* In: História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999, p. 232.

de arapuca, apitos feitos de folha, espiga de milho com penas fincadas que atiram para o alto, hoje feito com jornal e cordão são chamados de barangandã. Divertem-se ainda com jogos coletivos, imitando sempre os animais. Criam e respeitam as regras, apoiando o mais fraco e enaltecendo o vitorioso, aprendendo a conviver enquanto crescem.

Benjamim nos leva a crer que o brinquedo, bem como outros traços culturais, constantemente refletem traços de uma classe dominante que, apropriados por um grupo social, se renovam. *O brinquedo é condicionado pela cultura econômica e sobretudo técnica das coletividades.*⁶¹ Para entender essas práticas culturais, que permeiam os grupos sociais, onde a hegemonia determina o consumo de tudo, é preciso estabelecer as diferenças entre o brinquedo artesanal e o industrial. O brinquedo do menino índio constituía o seu arsenal cotidiano herdado da sabedoria da aldeia para a sua sobrevivência posterior. Para ele era natural fabricar o arco, a flecha, chocalhos, lanças, instrumentos musicais, artefatos com os quais sempre travou a maior intimidade, na convivência com o adulto.

Também a criança portuguesa trouxe consigo a sua concepção lúdica do brinquedo espontâneo traduzido nas “sanchas senhoras cobertas de prata”, no jogo do peão, nas bonequinhas de pano transformadas mais tarde na personagem Emília pelo artesão da palavra Monteiro Lobato. No faz-de-conta do dia-a-dia da criança do Brasil- a portuguesa, a índia ou a negra-, o brinquedo construído traduz o afeto, o calor das mãos que o executam, perpetuam a relação do homem com os elementos vitais da natureza: barro, água, madeira, fogo que se juntam a outros tantos materiais para o exercício da alegria. Trabalho manual constituiu-se em nossa sociedade, após a “modernidade” como uma atividade obreira de pouca importância, não se deu conta de que toda atividade manual é também atividade intelectual. A construção do brinquedo implica em habilidade, conhecimento, e criatividade, o que caracteriza a ação lúdica, trabalho e prazer juntos.

Em contraposição, o brinquedo industrial obedece ao comando do mercado, da propaganda, do imaginário dos tempos “modernos”, mas nas mãos das crianças eles extrapolam o seu significado primeiro e pode ser o que ela quiser. O brinquedo construído no sereno guarda o gosto de orvalho como diz o poeta, e vive ainda nos restos de manhã. Oliveira defende a prática da construção do brinquedo quando diz: *hoje, frações da classe média se juntam às classes subalternas na militância por uma cultura também manual. Cada brinquedo artesanal testemunha essa luta. Um balão no céu, uma pipa no ar, um carrinho de rolimã no asfalto, bonecas de pano no quarto, figuras de barro, dobraduras de papel, caminhões e ônibus de madeira, trenzinhos de lata, personagens modelados na massa...é o mundo das coisas lúdicas a reivindicar seu espaço na cultura “séria”*⁶².

Esse autor considera que o brinquedo artesanal não necessita se contrapor ao brinquedo industrial para ostentar a sua importância, esta existe por si só. Observando à nossa volta, veremos adultos e crianças, principalmente das classes menos favorecidas, se esforçando para manter presente o espaço do brinquedo artesanal, apesar do fascínio provocado pela exuberância e diversidade dos brinquedos industrializados. Olhando para trás, encontraremos nos nossos ancestrais povoadores desse país, as evidências de um tempo de brincar no chão batido, nos galhos de goiabeiras, nas águas rasas de um córrego desenhado no fundo de um quintal de fazenda ou cidadela qualquer, no esconde-esconde por entre paineiras coloridas. Esse brincar deixa rastros na espiral do tempo, sendo alguns reproduzidos com uma pincelada da cor do momento, revigorados no molde que serviu de rota para outros pés.

⁶¹-BENJAMIM, Walter. op.cit. p, 74

⁶²-OLIVEIRA, Paulo de Salles. *O que é brinquedo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 27.

Estabelecendo a circularidade cultural, a criança portuguesa, muitas delas órfãs, viviam nos colégios jesuítas e, no contato com o índio, trocavam as brincadeiras trazidas de casa, tanto uma como a outra. Brincando juntas nos pátios dos colégios, com o bodoque, gaita de canudo de mamão, o papagaio português, pois era feito de papel, a bola, também a mudança ocorria. As tradições se mesclavam, se modificavam e resistiram ao tempo e ao progresso, tanto é que, nossos céus ainda hoje ficam pintados de papagaios, pipas ou pandorgas em dias de sol e vento.

Em fins do século XVII, chega ao Brasil as famílias negras escravas trazidas da África para suprir o trabalho do índio que o português não conseguiu escravizar, somando-se, assim, novos traços de cultura ao que já existia.

A criança branca era cuidada pelas “yayás”, mucamas, “bá” ou amas de leite africanas, pois na constituição da família brasileira a mulher era considerada insignificante, exercia apenas o papel de administradora da casa, ficava trancada na companhia de escravas e filhos, se anulando até mesmo como mãe, pois nem amamentava nem orientava os filhos.

Além dos parques cuidados físicos que recebiam, nem sempre muito higiênicos, que provocavam, inclusive, a mortalidade infantil, as crianças ouviam histórias de lobisomem, boitatá, curupira, saci pererê, os cantos que chamavam a “cuca” para pegar menino que não dorme. Elas eram muito paparicadas pelas mães e pelas “yayás.” Das “amas” receberam uma linguagem infantilizada, como contribuição negra na ampliação do vocabulário afetivo, como: caca, pipi, bumbum, nenê, cocô, papato, denço, muleque e outros. Sobre a mortalidade infantil desse tempo Freire observa: *Várias foram as doenças que afligiram a criança brasileira no tempo da escravidão. Mal de sete dias (inflamação do umbigo). Tinha. Sarna. Impingem. Sarampo. Bexiga. Lombrigas.. Doenças que se combateram a clisteres e purgantes, bichas. Sangrias, vomitórios. É provável que alguns remédios e preventivos se tenham antecipado às doenças, levando muito anjinho para o céu.*⁶³

Quando cresce um pouco, o menino branco tem como companheiro de brincar o curumim índio e depois o moleque negro. Este era um verdadeiro saco de pancadas e sofria toda sorte de abusos e maltratos, reproduzindo a atitude do senhor dono de escravos. Acrescentam-se às brincadeiras, as mais criativas crueldades, inspiradas nos castigos que eles viam ser aplicados aos escravos, divertindo-se sadicamente não só com os “muleques”, mas também com as outras crianças com quem brincavam. Segundo Kishimoto: *Nas brincadeiras, muitas vezes violentas, os moleques viravam bois de carro, cavalos de montaria, burros de liteiras, enfim, os meios de transporte da época.*⁶⁴ Os meninos descontavam nas brincadeiras os maus tratos recebidos na primeira infância.

A criança escrava depois de uma certa idade já era vista como força de trabalho pelo seu senhor. O menino branco bem cedo perdia o direito de brincar e incorporava prematuramente o mundo do adulto. Gilberto Freire descreve as crueldades praticadas nas brincadeiras, pelas crianças da época: *Mesmo no jogo de empinar papagaio achou um jeito de exprimir-se o sadismo do menino das casas grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil, e ainda hoje corrente no Norte, de “lascar-se o pião, comer-se o papagaio” do outro; papagaio alheio é destruído por meio de lasca, isto é, lâmina de vidro ou caco e garrafa, oculta nas tiras de pano do rabo. Nos próprios jogos coloniais de sala surpreendem-se tendências sadistas: no “jogo do beliscão,” tão querido das crianças brasileiras nos séculos XVIII e XIX, por exemplo. Oferecendo aos meninos larga oportunidade de beliscarem de rijo as primas ou as crias da casa, não é de admirar a popularidade de jogo tão besta: Uma, duas, angolinhas / Finca o pé na pompolinha / o rapaz que faz o jogo / faz o jogo do capão. / Ó capão, semicapão, / Veja bem que vinte são / E recolha o seu pezinho / Na conchinha de um mão / Que lá vai um beliscão... / E ia mesmo um beliscão em quem fosse atingido na roda. Beliscão*

⁶³ -FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999, pp. 367-368.

⁶⁴ -KISHIMOTO, Tizuco Morchida. *Jogos Infantis : o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 33.

*medroso da parte dos crias; doloroso e forte quando dado pelos meninos brancos. Mas o maior sofrimento reserva-se ao último a ser atingido pela frase.*⁶⁵

Cacá Diegues, em seu filme *Quilombos*, nos dá exemplo desse sadismo manifesto pela criança branca, enquanto brincava com o escravo negro, invertendo a situação, quando a fazenda ou casa grande é invadida pelos quilombolas, que libertam negros apontando o caminho de Palmares. É nos mostrado também no filme, a função da mulher nas decisões internas da casa, com relação aos negócios do marido, sobretudo nas questões da escravidão.⁶⁶

Essas crianças de engenho, em sua grande maioria, eram analfabetas e as crueldades praticadas contra os escravos na rotina da senzala acabavam por deixá-los insensíveis, e bem cedo se manifestava a diferença de classes.

Os meninos de engenho brincavam livres e soltos nos rios, montando cavalos, comendo goiabas, matando passarinhos, fazendo as maiores diabruras próprias da idade, daí surgindo o termo menino-diabo, endiabrado, encapetado. Na cidade, o procedimento era o mesmo. Os meninos viviam pelos telhados, nas ruas empinando papagaios, jogando pedra, rodando pião, sujos e brejeiros. Esse tipo de comportamento incomodava os beatos e o clero, intolerância herdada do preconceito da moralidade cristã tradicional, que reprovava a dança, o teatro, os jogos de salões e esportivos considerando-os violentos. Esses jogos de rua, como os piões, a bola eram tidos como de baixa categoria, “brincados” pelos moleques grosseiros e ignorantes, preconceito que até hoje persegue as classes oprimidas.

A documentação sobre o brinquedo da criança africana chegada ao Brasil não existe. As migrações transportam brinquedos e brincadeiras universais da Europa e Oriente para a África, juntando-se à sua cultura religiosa. Chegam até aqui por meio da linguagem oral, as cantigas de ninar, as crendices, os mitos, as lendas, tudo se acoplando, se misturando, saindo das canastras para o meio da população em formação.

Nas fazendas, os elementos da natureza são apropriados e transformados em brinquedos. Nos açudes, em cima das árvores, a palha e o milho viram bonecos, donde Lobato tira inspiração para sua *Emilia* e o Visconde de Sabugosa. As brincadeiras fluem e se multiplicam. Encontramos exemplos de tais brincadeiras vivas ainda hoje, não com a mesma freqüência e intensidade nas falas de nossos sujeitos, que se revelarão no decorrer desse trabalho.

Nas brincadeiras de imitar bichos, sente-se a presença do indígena nos seus rituais totêmicos e animistas, reforçados posteriormente pela cultura negra, que resultou hoje no prazer do brasileiro ao fazer sua “fezinha” no bicho com que sonhou. Nas cantigas de ninar da ama-negra, a mistura das suas crendices, sempre povoadas de animais fantásticos, influenciados também pelos personagens mitológicos do indígena, a Moura-Torta vira Mãe D’Água e o bicho carrapato invade o mato. Em vez do papão ou da cuca, têm-se as cabras-cabriolas, boitatá, negro velho, papa-figos, que sobem nos telhados para povoar o sono dos meninos que choram e não querem dormir.

As histórias do folclore africano, além dos mitos, se misturam com príncipes e fadas, pequenos polegares, mouras-tortas e Trancoso, contadas ao pé do borralho em noites cobertas de estrelas, pela boca das avós nas fazendas coloniais. Ao presenciar e reproduzir no “muleque” negro os castigos corporais com a vara de goiaba fica sedimentado nas regiões canavieiras do nordeste e sudeste, o brinquedo, “chicotinho queimado”, lembrando o açoite utilizado pelo feitor em represália à desobediência do negro. “Mariinha vem pro céu”, em nossas observações representa alguma remanescência dos “Autos da

⁶⁵ - FREIRE, Gilberto. op. cit. p. 422.

⁶⁶ - Ver o filme, *Quilombos* de Cacá Diegues, que conta a saga de Zumbi dos Palmares nos primórdios de nossa colonização, quando os negros trazidos pelos portugueses para o trabalho escravo nas plantações de cana-de-açúcar, que não suportavam os maus tratos dos senhores e fugiam para o interior do país e organizavam suas comunidades, que se chamavam Quilombos. Nesses Quilombos viviam também os brancos e índios que eram perseguidos por estarem insatisfeitos com a vida que levavam na colônia. Nessa mistura, brincavam todas as crianças, agregando a cultura lúdica desses três povos.

Moralidade” da igreja católica, muito utilizados pelos jesuítas no trabalho da catequese, quando a fila de crianças que são convidadas a irem para o céu na brincadeira, é tentado pelo demônio no caminho, elas não poderão rir, se o fizerem terão cedido à tentação, perdendo o céu. Essa prática está presente no Auto de Gil Vicente: “A barca do Inferno,” onde São Gabriel pesa e conduz as almas ao céu, sendo elas também tentados pelo demônio. Nesse brinquedo, evidencia-se a influência do português. As rodas ou cirandas infantis, as fórmulas de escolha, adivinhas, são trazidas pelo imigrante europeu no século XIX, incorporando-se à cultura infantil do campo e da cidade.

Não se sabe precisar com certeza a procedência, mas é comum a presença de sons que lembram o dialeto desse ou daquele país, que, ainda que por pouco tempo, deixaram o rastro nas terras brasileiras. Algumas dessas brincadeiras atravessaram o tempo e ainda ocupam os espaços que restaram na vida das crianças desse século com a sua configuração de época. O que parece ser inacreditável acontece: as brincadeiras persistem num momento em que as crianças são massacradas pela enxurrada de programas de televisão, que não se preocupam efetivamente com o empobrecimento da imaginação, mas que exploram e criam sonhos de estrelato, alimentando um outro viés do imaginário infantil. A criança ou a infância ainda existe no seio da mais pura e bela forma de ver, de sonhar e crer neste mundo, que a todo instante podemos construir.

3 - ENQUANTO “SEU LOBO APRONTA”: BRINCA-SE.

*Este brinquedo feito
de amor não convém embrulhar
Pode estragar,
pode mudar de cor,
mudar de rumo, deixem,
que ele precisa de ar.
E de resto ele foi
feito para meu filho
que é pessoa singela
e sensível, não vai
gostar de ver orvalho
e ternura embrulhados
Feito para o meu filho
pode ser para o filho
de qualquer um, por isso
não convém que ele seja
levado em mão ao dono,
que não tem pressa; um dia,
os correios do vento
acharão sua casa...⁶⁷*

O brinquedo “Tá pronto seu lobo,” hoje praticamente desaparecido, era brincado por várias crianças que fingiam estarem passeando na floresta “enquanto seu lobo apronta” e sempre perguntavam à criança, o pretense lobo, se ele já estava pronto, ao que ele respondia a cada vez que perguntassem, que não, estava sempre vestindo uma peça qualquer de roupa, se preparando. Quando ele achava que estava pronto, respondia que já estava indo e corria atrás das outras crianças, pegando uma delas que iria ocupar o seu lugar.

Hoje nos deparamos com um outro contexto, onde um lobo- ou vários- quem sabe, abocanhou muito do algodão doce da infância, no tocante as suas atividades lúdicas, como podemos comprovar na intenção desse trabalho. Já não existem muitos quintais em que se possa brincar, crianças não habitam as ruas, ocupam o tempo em descobrir a vida com atividades “sérias”, que preparam para enfrentar o mercado bem antes até, de se estar no “mercado,” são moídas na engenhoca cibernética da tela da televisão, do vídeo game, do computador, o lobo mudou a forma e pode ser acionado a qualquer “clic” do controle remoto. O apelo da tecnologia encontra respaldo no cansaço humano da família, que trocou a porta da rua pela novela, assim, continua o descaso pela criança, habitante do futuro, espacial ou não. Mas ainda se brinca.

Estranhamente, e com pesar, constatamos que não se avançou muito nesses 300 anos de aparição da criança no cenário do cotidiano da vida privada. Se antes ela não existia, era ignorada, hoje não é respeitada, mesmo lhe sendo garantidos legalmente os direitos. Isso acontece em todas as classes. As crianças das classes mais abastadas se vêem prisioneiras nas malhas da vida moderna, onde o quarto é o quintal e o tempo de brincar é substituído pelas ocupações “sérias”, alternativas que correspondem ao imaginário dos pais na concorrência por melhores padrões de vida, no futuro. Para isso, são matriculadas nas mais diversas atividades, quer sejam do seu interesse ou não, pensando assim prepará-las, ainda que

⁶⁷-MELLO, Thiago de. *Faz escuro mais eu canto...* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 61-64.

precocemente, para se “darem bem na vida.” Elas são impedidas do exercício natural da infância, do direito primordial de entender o mundo em que vive pela experiência do prazer, do sensorial contido no ato de brincar. A cultura lúdica não é entendida, pelos que lidam com a criança, como imprescindível ao pleno desenvolvimento humano: é o primeiro encantamento de que é privada, quando se quer impor ordem e disciplina.

Do ponto de vista do adulto, brincadeira é sinônimo de leviandade, de não seriedade diante da dureza da vida e suas extremas exigências de consumo de felicidade via aquisição de objetos de aparência, de busca de resultados: o brinquedo não é produção lucrativa. Araújo caminha por esse viés e afirma: *Além de propagar objetos de consumo destinados ao público infantil, o adulto articula interesses que certamente serão assimilados por quem detém o poder de compras: os pais. Assim o que está em jogo é o efeito das regras e das normas de comportamento da criança no cenário familiar. O “compromisso” estabelece-se à medida que, em troca do “bom comportamento”, a criança recebe o produto de sua preferência. Neste caso, a família mantém e reforça o vínculo com uma sociedade pervertida pela chantagem e pela deformação moral, uma vez que transfere à criança comportamentos próprios de uma cultura escravizada pelos condicionamentos econômicos, políticos e culturais.*⁶⁸

Presenciamos então, a filosofia do “suborno”, prática muito comum na estrutura política desse país, troca-se “respeito”, “obediência”, pelo prêmio de algo, pelo lucro sem maiores preocupações com implicações de ordem moral ou social que possa incorrer. Exercita-se a lógica do consumo ancorada na fixação de valores, que se submetem à lógica da sociedade capitalista. *A criança, sujeito e objeto da propaganda, legitima o projeto burguês destinado a ela.*⁶⁹ O adulto se aproveita das especificidades da criança para vender, criando artifícios imagéticos em que predomina o colorido, a textura e o padrão de estrelato do momento e quase nada de recheio.

Dessa forma, vende-se a idéia de infância como um tempo especial da vida circundada de cuidados e carinhos, de expectativa de conquistas que antecipam o cidadão “bem sucedido”, enfim um protótipo burguês de infância. Por outro lado, um produto mal acabado, destoando dessa pretensa “harmonia,” a criança das classes menos favorecidas, indefinida, escravizada numa estrutura cruel e injusta, obrigada a exercer no limiar da vida, uma identidade que anula qualquer possibilidade de sonhar com o amanhã. Nesse sentido, entende-se que as infâncias são várias, cujas diferenças se evidenciam de acordo com as classes sociais. Conforme Araújo: *Configura-se por aí, um perfil de criança comprometida com os valores e com a moral das elites culturais e econômicas, oficialmente institucionalizados pelo princípio do progresso, da ordem, do bem comum e da posteridade. Em outras palavras, o Estado passa a cooptar a especificidade da criança para legitimar sua ideologia, sobrepondo o ideal ao real.*⁷⁰

Essa criança, que não corresponde ao ideal burguês da sociedade capitalista, recebe um trato diferenciado que irá criar um modelo em desacordo com a imagem de carinho, bondade, ternura, pureza, inocência, felicidade, atribuído à infância, cristalizada no imaginário da sociedade, passando a se constituir em um problema para ela. Está à margem dos bens consumíveis ditados pela sociedade capitalista, sejam eles de ordem moral ou física, afetiva ou racional. Para se livrar do constrangimento de ver nas ruas a desesperança, refletida nos olhos dessa categoria ignorada no seu destino, a infância desamparada é atirada sem escolha, nas escolas, e no mercado de trabalho, acreditando, assim, redimi-la, redimensionar sua importância, arrefecendo o seu vigor tão necessário à descoberta da vida. Assim sendo, a escola se afasta do seu propósito maior, de contribuir para a formação do sujeito construtor da história e cidadão do universo.

⁶⁸-ARAÚJO, Vânia. op.cit. pp.78-79

⁶⁹-ARAÚJO, Vânia. op. cit. p.79

⁷⁰-Id. Ibidem.p.81

Os espaços escolares limitam o movimento da criança, aprisionando-a entre uma mesa e uma cadeira e as atividades pedagógicas estereótipas sem a presença do surpreendente, roubam-lhe todo o tempo de imaginar e inventar. O desprazer é a tônica do ensino-aprendizagem onde a mesmice é sempre disfarçada ou retocada por um verniz de novas metodologias que, raras vezes, buscam conexão com a realidade histórica das crianças. O desânimo, o mau humor, a “rabugice” fazem parte da característica de muitos profissionais da educação. Projetos de ensino são formulados como salvação do “caos” e neles se discute *ad-infinitum*, o aprender brincando, a apreensão do mundo pela ótica da paixão e prazer, a estimulação do sensorial e imaginativo no exercício livre do ver, sentir e aprender. Na prática, esses pressupostos não sobrevivem. O desencanto do profissional estimulado pela sobrecarga horária, baixa remuneração e até mesmo a má qualificação, esfumaça o sonho de construção do cidadão criativo e livre na plenitude de “ser.” Não se trabalha a “inteireza” possibilitada pelo contato humano na ação lúdica que acontece no tempo do brincar, da manhã ao entardecer de nossas vidas, onde se pretende estar feliz.

Sobra então, restos de intenção de participar da construção dessa história que acontecerá no amanhã, pipocando aqui e ali como sementes de girassol ou de suspiros. *“A educação infantil que desejamos é aquela que privilegia a existência plena da criança naquilo que lhe é próprio e específico”*⁷¹

É possível ser mais flexível quando se busca resgatar o lúdico que possibilitará ao adulto recuperar a criança adormecida e assim entender melhor os que estão despertos e ansiosos pela vida. A redescoberta do prazer no jogo possibilitará o reencontro com a alegria, o brilho no olho, elementos humanos de extrema significação no contato com as crianças, vivificando, então, a percepção sensitiva tão necessária às relações sociais. O brincar contribui para a realização humana. É quando a criança se sente livre para criar, jogar, improvisar, exercer a sua vocação natural de ser o rei da natureza, no quintal, no pátio da escola, na rua e praças onde impera quando livre para brincar. *Quanta coisa não se apreende do mundo na manipulação de brinquedos e seus signos, na reinvenção com restos do cotidiano do adulto ! Brinquedo bom, mas bom mesmo, brinquedo prá valer, eram os que se fazia, inventava, embelezava...Com os quais a gente se divertia, ria, aprontava, desinventava, com toda a turma da rua, da vizinhança, da vila, da classe...Aí, era gostosura prá valer, ser dono (porque fez e não porque pagou) e saber que sempre se podia fazer outro igualzinho ou totalmente diferente...Era só querer e aprontar as mãos para começar*⁷²

Ao recriar o mundo, a criança descobre soluções para vencer obstáculos em que se atira, se prepara para o jogo da vida que a espera mais na frente, no decorrer de sua história. O brincar lhe proporciona a oportunidade de exercitar sua infinita capacidade inventiva: o brincar é Arte e arte é brincar.

Nesse sentido, alguns questionamentos se impõem para se refletir sobre a relativização do brincar como condição de sentido na direção do futuro homem criativo: Como respeitar as formas de brincar e ao mesmo tempo incorporá-las à projetos pedagógicos formalizantes? Será que, ao instrumentalizar o brincar, ele perderá sua característica mágica e simbólica, pertinentes ao imaginário infantil? Deveríamos cuidar para que a experiência lúdica acontecesse espontaneamente sem intervenções que coloquem como suporte da disciplina e da ordem? Será preciso se preocupar com a substituição do brincar, enquanto produto de criação do imaginário infantil pelos produtos impostos pela sociedade de consumo, desprovidos de afeto, sem alma e expressão? Como garantir o espaço de brincar numa época tão conturbada e carente de valores, em que a violência controla os destinos e distancia os sentimentos?

O direito de brincar foi legalizado com a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, em 1948 e os da Criança, em 1959, exatamente por não lhe ser assegurado, sendo violado pela sociedade moderna. A lei é clara e ampla: o direito de brincar é garantia de cidadania. O Brincar e Arte envolvem a

⁷¹ -REDIN, Euclides. op. cit. p. 71

⁷² -ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?*. São Paulo. Summus, 1985. P.61.

criação livre, suas regras são criadas arbitrariamente, atendendo ao prazer de agir, ao estético e à liberdade, à condição básica para a cidadania. A criança necessita brincar para se expressar, para se situar no mundo, descobrir a vida e os outros com os quais habitará o mesmo espaço que ajudará a construir se lhe permitirem. A sua contribuição terá a dimensão do que lhe oferecerem como referência humana, na escola, na família, na comunidade em que se registra a sua presença.

Na sociedade primitiva, tudo era comunitário as festas, os casamentos, o sexo, porém, com o surgimento das sociedades modernas, os jogos comunitários se limitam ao popular, praças e ruas perdem a função do lúdico, a fábrica, a escola, casas muradas substituem a rua, a família surge nesse contexto em espaços e tempos definidos.

O trabalho que garante a sobrevivência engole o homem, sua força, seu entusiasmo, a dignidade, pelo modo de produção capitalista, não lhe sobra tempo para rir e brincar. Se o trabalho fosse criativo, seria jogo, seria prazeroso. As crianças das classes mais pauperizadas também participam dessa roda viva. Hoje elas não podem brincar, porque contribuem com o orçamento familiar, dividindo o tempo da infância com a dureza da sobrevivência, em subempregos nos quais é explorada e menosprezada.

O mundo moderno nos privou do lazer, da atividade lúdica e o preço disso é alto: angústia, depressão, estresse, vício e violência. De outro lado, a indústria cultural cria alternativas ilusórias, estimulando a passividade de quem assiste a vida, criando sonhos e necessidades inconscientes, fomentando o imaginário imposto pelo consumo.

O brinquedo brinca, a criança é o espectador operante, esse é o grande “boom” do momento. A partir da industrialização do brinquedo, a voracidade do apelo consumista invade o território da fantasia e constrói o imaginário do descartável. Assim, a criança contaminada pela propaganda, veiculada principalmente pela televisão, joga no esquecimento, velhas brincadeiras que lhe possibilitavam o encontro com o “mágico”, com a criação, com o afeto. Oliveira argumenta que: *o consumismo do brinquedo industrializado é difundido no Brasil, através principalmente da televisão, a todas as camadas e meios sociais, nada há de estranho em que crianças e pais pertencentes às classes dominadas e habitantes em barracos, na periferia das cidades ou no meio rural, queiram ter também para eles “os brinquedos dos filhos de doutor”*.⁷³

Essas considerações nos levam a refletir sobre a questão do brinquedo também como arma de dominação social. Os jogos eletrônicos, por exemplo, os “fliperamas,” que sempre foram “coqueluche” das classes subalternas, eram e ainda são manejados por operários, estudantes, pessoas de baixa renda e meninos-de-rua, pertencentes às classes menos favorecidas. É preciso, sobretudo, não nos esquecermos de que a concepção do brinquedo a ser lançado no mercado sempre foi idealizado por adultos e quando isso ocorre, a partir da pesquisa que se faz do imaginário infantil, é também com o objetivo de atender as expectativas do consumo.

A indústria do brinquedo não se preocupa em atender às especificidades infantis, mas, ao contrário, utiliza mecanismos de sedução nem sempre muito ortodoxos, num verdadeiro “vale-tudo-por-dinheiro”, lançando nos veículos de comunicação uma propaganda de encantamento, de mercadorias, cujo objetivo principal nunca foi o estímulo da imaginação. Com isso, todas as crianças do país das antenas fomentam o desejo, o anseio exacerbado de ter acesso a esses passaportes idealizadores de felicidade, querem possuir o brinquedo que a telinha deslumbra.

A infância de baixa renda se vê discriminada pela impossibilidade de adquirir esses produtos televisivos que alimenta o seu imaginário, na maioria das vezes, desonestamente, enganosamente como bem nos mostra Oliveira: *Nem sempre a discriminação se restringe ao alto custo do brinquedo. Há vezes em que a própria publicidade divulga, insinua, sugere uma espécie de aura que não vem junto com o brinquedo. Uma coisa é, por exemplo, a boneca **Barbie**, da Estrela, comprada na loja e acondicionada*

⁷³ -OLIVEIRA, Paulo de Salles. *O que é Brinquedo*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 39

num “sarcófago” (nome que alguns técnicos atribuem à embalagem pela sua semelhança a uma urna funerária). Outra bem diferente é a Barbie que aparece na TV, com cenário, adereços, equipamentos ou com o boneco Bob, seu companheiro. “Não era essa que eu queria”, reclamam muitas crianças. Mas agora é tarde. A compra já está feita e a boneca era realmente aquela solicitada. Só que, dentro da caixa, só havia ela. Mais nada. Não é defeito da boneca, do trem, do autorama ou de qualquer brinquedo. É mais um mecanismo que auxilia a venda e, assim, revela o verdadeiro objetivo do aparecimento desses brinquedos gerar lucros.⁷⁴

Tempos acelerados em que a memória da “aurora da minha vida” corre o risco de não mais fazer sentido, perdendo de vista o sabor da jabuticaba de manhã, sendo substituídos agora pela inatividade frente à TV. São contradições que sempre habitarão o mundo moderno e o desenvolvimento tecnológico, com as quais será preciso conviver com cuidado, mas sem preconceito, refletindo sobre o quanto nos submergimos em suas águas. Existem caminhos dos quais não podemos nos desviar, entretanto, podemos buscar alternativas para facilitar a transposição. As crianças conhecem esses mecanismos de sobrevivência lúdica, longe do campo teórico, fluindo apenas no sensitivo. Não recebem passivamente nenhum conteúdo de massificação, antes o recriam no brincar. No transcurso da produção ao consumo de indústria cultural da qual o brinquedo é parte, esses conflitos estarão presentes, mas há que se considerar que no momento da recepção eles virão à tona, através das interpretações e reelaborações que por elas serão feitas. Vasconcellos discute com muita propriedade, a invasão da televisão no universo infantil e as suas possíveis conseqüências, bem como suas influências nas experiências lúdicas da criança: *Seria um disparate defender in abstracto a idéia de que a infância no Brasil pré-televisão era mais interessante do ponto de vista do prazer, ou afirmar que o negrinho da senzala se divertia muito melhor do que o filho transistorizado de um operário do ABC paulista, todavia é preciso por em relevo o comportamento serial infantil dos programas de TV, que decretaram o fim da boneca de pano.*⁷⁵

Retomando a questão da indústria do brinquedo, observamos que, antes dela, como constatamos em nossas entrevistas, o que havia era a produção artesanal; meninos brincavam com petecas e meninas com bonecas de pano, hoje, em nome de uma pretensa preocupação com a criança como homem do futuro, do amanhã, do ser em formação, fabrica-se o sonho, ao invés de sonhar. A criança se encontra emaranhada nessa teia, sendo crédula, cai na armadilha mas cria mecanismos, até mesmo inconscientes, para dela escapar; realiza o de sempre, apropria-se do conteúdo imagético da TV e o transforma em viagens de fantasia.

Apesar de tudo isso que verificamos, não há retrocesso possível, não mais voltaremos ao tempo de brincar “naquelas tardes fagueiras, à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais”, como romantiza o poeta de Abreu.⁷⁶ A televisão e a eletrônica estão aí e vieram para ficar, urge a descoberta de melhores possibilidades de aproveitá-los. *É muito mais urgente gerar idéias positivas que possam ajudar a tornar a televisão e os novos meios de comunicação eletrônicos recursos construtivos na vida das crianças...Adequadamente usados, todos os meios de comunicação, sem exceção, podem fornecer oportunidades para aprendizagem e o desenvolvimento humanos.*⁷⁷

Nesse mundo pós-moderno, a criança brinca também com as imagens que lhe são fornecidas pela televisão, transformando-se nas personagens vistas que, integradas no seu universo lúdico, são reelaboradas. Essas imagens precisam se incorporar às estruturas básicas da brincadeira, que se revestirão de novos significados, como se observa no brinquedo das mãos, onde as crianças batem

⁷⁴ - OLIVEIRA, Paulo de Salles. op. cit. p.36

⁷⁵ - VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O Cabaré das Crianças*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.p.70

⁷⁶ - ABREU, Cassimiro de *Meus oito anos*. in: *Bia Bedran: Disco, Dona Árvore*. 1999

⁷⁷ - GREENFIELD, Patrícia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica: os efeitos da tv, computadores e videogames*. São Paulo: Summus, 1988, p. 19

palmas, uma nas mãos da outra, movimentando-se enquanto praticam uma cantilena rítmica, citando o nome de artistas ou de elementos da época e suas características, como por exemplo:

Pe-pi-no
Que linda Califórnia, Califórnia todo dia
Eu danço a discoteca, discoteca do Chacrinha
Bundinha arrebitada, sovaco de galinha
Mocotó de andorinha
*Pe-pi-no*⁷⁸

Esse brinquedo surge na década de setenta e contém na sua representação o modelo da imagem que se vendia nas tardes de domingo, na discoteca do Chacrinha, com suas chacetes de “bundinhas arrebitadas” à mostra, dançando eroticamente o comercial da época e que as crianças apropriaram debochando, de forma descontraída, sem sentir. Ao lidar com elementos simbólicos de diferentes significações pertencentes ao campo lúdico, a criança elabora as suas experiências de acordo com a sua interpretação de mundo. Nesse sentido, a televisão é só mais um canal aberto para o exercício do faz-de-conta. Acreditar que a criança se coloque de forma passiva frente à sua cultura é subestimar a sua capacidade de construir a história, é continuar a ignorar a sua existência real e específica, é privilégio do pensamento conservador articulado a ótica do sistema. A criança participa de sua história cultural, criando e recriando o seu mundo com feições que ela reconhece, refletida pelo mundo dos adultos, mas de um modo muito particular, muito seu. São vários os exemplos de brincadeiras, algumas bem vivas no nosso cotidiano, pertencentes à cultura do adulto, que foram transformadas pelas crianças, modificando de forma até se tornarem irreconhecíveis. Assim, também elas o fazem com a indústria cultural infantil, reformula, incorporando elementos da sua percepção do cotidiano, das suas experiências nos grupos sociais a que pertence, de sua imaginação, enfim, reconstrói o significante. A produção cultural não substitui a atividade cultural, o brincar na TV não representa o viver a vida. O progresso interfere apenas na forma de vivenciar o lúdico: o espaço real de brincar, o quintal, as ruas, as praças, o pátio da escola foram se estreitando e, para compensar, ela recebe o simbólico do ponto de vista do adulto. Só como recuperação do lúdico, a produção cultural poderá justificar a sua existência, refazendo, recriando, para “ficar de bem” com seu consumidor mais importante.

Assim sendo, verifica-se que a criança não se limita a receber passivamente os conteúdos televisivos, reativa-os se apropriando deles por meio de suas brincadeiras, de maneira idêntica à apropriação dos papéis sociais e familiares nas brincadeiras de imitação.

Recentemente, a industrialização do brinquedo reforçou o papel da televisão nas brincadeiras. A exploração comercial, estimulada pelo consumo, fabrica o sonho imposto pela propaganda que a criança, quando sozinha, recebe “passivamente”, mas reage ativamente ao manipular o brinquedo e até recria, ainda que de passagem, porque logo é substituído por outro. Esses brinquedos não constróem o afeto. Cabe aqui tecer algumas considerações para o prosseguimento dessa discussão. Verde entende que a televisão, por mais que seja considerada uma porta ou janela aberta para o mundo, no meio de uma sala, esta porta jamais se abrirá. *Como brinquedo, propõe o jogo. Não pode ser guardada debaixo da cama depois da brincadeira. Conduz o tempo. Esgotado esse tempo, a TV se recolhe, e o que resta para o parceiro do jogo é apenas a repetição do que se acabou de ver. Como babá, não é nenhuma Mary Poppins. Não protege, alimenta ou leva a criança para passear. Preenche apenas um requisito menor para a maioria das mães: sossega por algum tempo. Como companheira, não abraça, não beija, nem compartilha problemas. E se substitui a vida social dos tímidos, simplesmente atualiza o hábito de se trancar no quarto e ler gibi. Os temerosos da vida lá fora, temporários ou permanentes, nunca precisam*

⁷⁸ - Domínio Público. Brinquedo recolhido nas portas das escolas no ano de 1999- Brinquedo do Bate-mãos.

*da TV para se isolar.*⁷⁹ Embora ela detenha um grande poder, dite padrões de comportamento e valores consumistas, na sua retaguarda estão seres humanos e estes são questionáveis, podem cometer equívocos e passam. Os que a consomem passivamente são os sem opção, os que não desenvolveram a consciência crítica, os influenciáveis, aí então é que entra em cena a educação que, cumprindo o seu novo papel, deverá apontar caminhos para que todo ser humano seja capaz de traçar a sua própria trajetória.

Embora com toda controvérsia, a criança não é aprisionada pela televisão, ela concilia bem essa relação, esta não se opõe ao brinquedo, ao contrário, alimenta-a, influencia-a, pois a brincadeira não nasce do nada e sim do confronto. Ela permite à criança apropriar-se de alguns de seus elementos. A televisão interfere profundamente na brincadeira da criança, mas não significa que esta esteja completamente submissa à sua influência. Algumas das brincadeiras escapam dela e mesmo quando interfere, não é a única; as brincadeiras não necessitam da TV para se organizarem. Na cultura lúdica estão arraigadas as diferentes tradições: desde as brincadeiras tradicionais espontâneas, até o faz-de-conta do jogo que dramatiza a vida. Como qualquer outro produto tecnológico, sua participação na vida como recurso para uma visão de mundo, de um modo geral, depende de como ela ocupa espaço em nossa existência.

Os conteúdos originados pela televisão, como abastecedora incontestada do imaginário, se juntam às estruturas primeiras do brinquedo que, contudo, não perdem a sua essência. A brincadeira permite à criança viver a cultura na qual está inserida da forma como ela é e não como deveria ser. Analisando, por este prisma, esse produto elaborado, resultante da tecnologia moderna, não há necessidade de sataná-lo, antes, entendê-lo criticamente, apropriando inteligentemente do que pode ser útil para a grande viagem que a criança empreenderá rumo à vida adulta, num mundo que ela ainda não conhece.

É preciso aproveitar todas as contribuições possíveis que sirvam de apoio para a atividade lúdica. Numa dimensão circular da brincadeira, velhas aprendizagens constituem rico manancial de referência para suas potencialidades: ela não é um ponto de partida, trás mais aos que têm mais e possibilita aos que pouco têm, o direito de buscá-la. A brincadeira, seja ela de que forma for, é a prova da invenção do possível, da explosão do potencial criativo, mesmo quando, às vezes, reforça o conformismo social, e a adequação ao que está posto. Ela pode transformar-se no laboratório da invenção, da experimentação variada, por menos que lhe proporcionem meios para esse exercício.

Por outro lado, não podemos nos isentar de criticidade com relação ao uso indiscriminado do espaço de brincar com os outros, no mau uso da tecnologia, em função da estagnação da vontade, após um dia duro de sobrevivência. Torna-se imprescindível a nossa avaliação da qualidade do que se vende às crianças e uma certo cuidado com a distribuição do tempo que elas têm para o exercício da infância, porque ela dura pouco. Sem criticar o que nos é mostrado, sem a nossa liberdade de opinar, estaremos correndo o risco de criar uma geração sem a noção de no que confiar ou do que desconfiar, uma geração que não tem referência de valores essenciais para a convivência humana, pois o que é visto não estabelece regras, pode tudo. Conforme Vasconcellos: *Se a criança está vendo TV, e não está enchendo o saco dos outros, então os pais não se importam com a ética do programa.*⁸⁰

Esse autor nos instiga a pensar um pouco mais na responsabilidade com os olhos, sobretudo os da alma, de nossas crianças, pois atualmente a lógica do caminho mais fácil para elas, coloca o seu mundo como um mundo à parte. Vasconcellos chama atenção a todo tempo, para a valorização do brinquedo de construção da criança ou para ela, com remanescência do passado. Ele relaciona a imagem vendida pela mídia da apresentadora de programas infantis, cuja representação calca na Xuxa, que: *justificam as bruxas automáticas, bonecas de pilha, com controle remoto. Os brinquedos saem das fábricas prontinhos, a criança não faz nada do que já está previamente imposto pela lógica da mercadoria*

⁷⁹ -VERDE, Claudia Dalla. *Ficção e encantamento televisivo. In: Televisão, Imaginário e Educação.* op.cit.p.99

⁸⁰ - VASCONCELLOS. Gilberto. op. cit. p. 94

multinacional.⁸¹ Para ele, esse canal estreito de resoluções fáceis sempre na horizontal, sem envolvimento real com a especificidade infantil, se constitui em cinismo, pois sem o elo com o brinquedo que a criança inventava, ela ficará cada vez mais à mercê da mercadoria de massa. Cascudo diz que se for dada à criança a chance de escolher entre um sabugo de milho e um polichinelo para brincar ela ficará com o sabugo, pois este ela poderá transformar em qualquer coisa; boneca, carro, princesa, dragão, agora, o polichinelo, será sempre a mesma coisa.

Esse é um caminho dialético. Procuramos sempre mais, correr contra o tempo no sentido do vazio e, para isso, dependemos da parafernália eletrônica, quase sempre para substituir as nossas tarefas de sobrevivência, que estão, na maioria das vezes, além do que podemos executar, isso coloca no “limbo”, a essência humana do brincar. Nesse sentido, cavamos nossa trincheira e nos escondemos de nós mesmos, distanciamos das nossas crianças, dos nossos laços de afeto, dos encontros da vida. Sobre essas questões nos adverte Pacheco: *Massificação e solidão são características da globalização da indústria cultural. A mídia modela as posturas e cria necessidades levando ao consumo supérfluo... no nosso cotidiano, o tempo, o espaço e o real perdem a referência, são substituídos por simulacros da mídia eletrônica, que passam a povoar o imaginário social. A sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que oferece todo o conforto dentro do lar, retira as pessoas dos contatos interpessoais e impõe à criança os espaços privados, retirando-lhes os espaços públicos onde ela partilhava e usufruía da riqueza da diversidade*.⁸²

Sabemos que as necessidades criadas geram o superficial, o descartável e que estas são maiores que as escolhas ou buscas humanas. Poderiam perfeitamente ser resolvidas concretamente nas relações sociais ou de forma mais sensível por meio da arte, cultura, pois acreditamos que a produção criativa é uma grande brincadeira. Todas essas ponderações são de extrema importância e pertinentes às nossas considerações, o que nos remete outra vez a Benjamim, que nos mostrou a criança como ser específico, mas não diferente dos demais, portanto não necessita de aparatos imbecis para distrair. Esse deboche da inteligência elimina a grandeza da existência humana. Se a criança cria o seu brinquedo a partir dos restos que encontra no seu cotidiano, é paradoxal estar ao lado das fábricas multinacionais de brinquedo, como o fazem aqueles que se dizem comprometidos com a educação infantil nesse país.

Essas inquietações nos levam a reflexões mais críticas sobre a utilização da infância, na política de consumo. Assim, Vasconcellos pontua: *A recreação infantil converte-se numa atividade extremamente reveladora da formação de homens e mulheres, de modo que o aparecimento dos programas de auditório na TV para crianças deve ser objeto de rigorosa investigação antropológica. Nesse sentido, a Xuxa está precisando de um mestre Huizinga que faça um estudo sobre o homo ludens brasileiro depois da massificação do brinquedo industrial, da qual ela é um subproduto bem sucedido no mercado*.⁸³ Acredita ele, e concordamos nisso pelas evidências em nossas observações, que o programa de televisão infantil é capaz de aposentar *a cabra cega, o chicotinho queimado, o esconde-esconde, a mãe da rua* e tantas outras brincadeiras que jamais tiveram espaço na TV.

Nos séculos que nos precederam não havia distinção entre jogos e brincadeiras, tudo era brinquedo, distração, passatempo. Hoje, nem a escola perpetua o brincar, não conhecem carrinhos feitos de lata pelos artesãos do cotidiano, nem mesmo as canções de roda convivem com as crianças na hora do recreio. A cúpula do poder nunca discutiu sobre a indústria do brinquedo em suas reuniões, e suas ações são destituídas de sensibilidade, o que nos permite imaginar que não passaram pela infância. Tal indiferença nos leva a indagações intermináveis, num ramerão ininterrupto, pelo menos para alguns, que

⁸¹ -VASCONCELLOS, op.cit.129.

⁸² - PACHECO, Elza Dias. *Infância, cotidiano e imaginário no terceiro milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada*. In: *Televisão, Imaginário, e educação*. Campinas: Papyrus, 1998.p.30\31

⁸³ -VASCONCELLOS, Gilberto. op. cit. p. 104.

tentam estar à altura dos sentimentos das crianças, um eterno “ostinato”, que sublinha uma célula melódica qualquer, direcionando-a para um resultado, que nunca chega.

É muito difícil ser criança num mundo feito para os adultos, onde as escolhas não permeiam o porão, tudo é decidido no alto, onde os braços não alcançam. Essas são questões que não se pode olvidar, quando se acredita na possibilidade humana. Como então democratizar os meios de comunicação no quesito infantil, dividindo com as crianças a preocupação com o vindouro, sem perder de vista o sonho e a fantasia? Voltamos sempre ao mesmo lugar, nunca teremos as respostas se não procurarmos conhecer o universo infantil, se não mudarmos de ótica, e começarmos a ver o mundo pela lente do arco-íris. Se não entendemos os porquês, deveríamos pelo menos, permitir que se soltassem pipas.

É preciso desvendar esse universo sob vários prismas; ainda que verdadeiramente intrigantes, eles nos apontarão o horizonte.

Tendo em vista todos esses cuidados que nos manterão despertos logo de manhã, saberemos como lidar com a transformação do mundo e dos destinos, que nós mesmos construímos e que se não pudermos deles escapar, poderemos sempre mudar o rumo. Essa abertura condiz com a imprevisibilidade do futuro de cada um nesta sociedade de incertezas. Mesmo diante de toda essa perspectiva da infância perdida, fica a crença de que pelo prazer de brincar, pela esperança no novo representado pela criança e pela poesia, pode-se recuperar a humanidade. Criança e poesia habitam a mesma esfera e constituem condições para se estar efetivamente no mundo e nele registrar a marca de um tempo, que poderá ser melhor, se a qualidade dessa marca for pelo menos, com a intenção de transformar.

Fechando então essas considerações, vale lembrar que *a cultura lúdica incorpora, também, elementos presentes na televisão, fornecedora generosa de imagens variadas. Seria inverossímil se a brincadeira da criança não se alimentasse da televisão e de seus efeitos.*⁸⁴ Refletindo sobre essa afirmação, entendemos que não se pode fugir dessa realidade, nem voltar ao passado, mas nortear a trajetória, o que pressupõe algumas questões: Como então se contrapor à mistificação barata? Como resgatar a brincadeira e devolvê-la a quem é de direito? Como enfrentar a máquina ideológica que tritura a imaginação? São questões que poderão ser respondidas quando todos os que amam as crianças embarcarem no trem da história, assumindo papéis de transformação e entendendo que se a criança é o pai do homem, é preciso cuidar para que seja forte o bastante para encarar a vida com ternura e segurança, completando o ciclo, homem-menino, menino-homem, na roda que a todos abraça e balança, acalentando para sempre a criança. Esse será o nosso destino, “o eterno retorno.”

*Há muito que o eterno retorno de todas as coisas tornou-se sabedoria infantil e a vida um êxtase primordial no domínio, com a retumbante orquestração ao centro como tesouro do trono. A música toca mais devagar, o espaço começa a vacilar e as árvores a se recordar. O carrossel vira terreno inseguro. E surge a mãe, estaca solidamente cravada no chão sobre a qual a criança que aterriza, lança as amarras de seus olhares*⁸⁵

⁸⁴ - BROUGÈRE, Gilles. op. cit. p. 53.

⁸⁵ - BENJAMIM, Walter. op. cit. p. 79.

II - O MUNDO EM MINIATURA NO IMAGINÁRIO INFANTIL

I-O FAZ-DE-CONTA, NA REPRESENTAÇÃO DO REAL

*Lili vive no mundo de faz - de - conta.
Faz de conta que isto é um avião. zum...
Depois aterrizou em pique e virou trem. Tuc...tuc...tuc
Entrou pelo túnel chispando
Mas debaixo da mesa havia bandido
Pum! Pum! pum !
O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão levaram Lili para a cama à força
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha⁸⁶*

Brincando ontem de casinha, de madame, de mocinho, de herói e bandido, polícia e ladrão hoje, as crianças reinventam o cotidiano com suas mazelas e alegrias, prêmios e castigos, refletindo os conflitos sociais presentes na realidade do adulto, frente às dificuldades impostas pela injustiça social. O Brinquedo permite fazer uma releitura do real e do imaginário da criança, cujos símbolos e significações podem ser entendidos como suporte de uma representação. *A criança que manipula um brinquedo possui entre as mãos uma imagem a decodificar.*⁸⁷

Na organização da casinha, no contato com as “filhinhas”, como exemplo de construção das relações afetivas, é possível observar a imagem que a criança tem do seu universo e como ela o representa. Absorve as ações do cotidiano que transfere para a fantasia na organização do faz-de-conta, possibilitando a transformação do real pela construção do imaginário.⁸⁸

⁸⁶-QUINTANA, Mário. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985

⁸⁷-BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo. Cortez. 1997, p8.

⁸⁸-Não nos aprofundaremos no conceito de imaginário, mas se faz necessário algum esclarecimento. Constituem o imaginário as imagens mentais coletivas, elas se formam e se modificam de acordo com as transformações culturais. Ele nos é legado pela tradição. Exprime-se em palavras e temas, alimenta o homem e o faz agir. A representação se faz presente no imaginário. A representação é a realização de uma aparência e o imaginário vai além porque lida com a fantasia. Para Swain o imaginário comporta uma preocupação com a análise do discurso onde estão presentes não só as relações de poder que dele emana, mas antes de tudo as lutas/disputas sociais, percorrendo toda a trama do tecido social. O imaginário é por isso mesmo um conceito ambíguo porque comporta as categorias de produtividade, criatividade, entendidos a primeira vista, como o que procura manter o dizível, o instituído, que pode até repetir o mesmo sob outro invólucro e a criatividade como instauradora da criação de novos sentidos, uma polissemia que permite novas práticas. Segundo a autora (...”assim, o imaginário, em suas duas vertentes, reforça os sistemas vigentes/instituídos e ao mesmo tempo atua como poderosa corrente transformadora” cf.

-S WAIN, Tânia Navarro. *Você disse imaginário?*. In: História no Plural, Brasília – UnB. 1994.

-LACERDA, Sônia. *História, Narrativa e Imaginação Histórica*. In: História no Plural. Op. cit.

-PATLAGEAN, Evelyne. *A história do Imaginário*. In: LeGoff. Jackes e Chartier Roger (org) *A nova história*. Coimbra Almedina, 1978.

-BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Enciclopedia Einaud. (ed portuguesa). Imprensa Nacional/Casa da moeda. 1985.

-BORDIEU, Pierre (s/d). *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.

-HELD, Jackeline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo. Summus. 1980.

Observando as crianças no jogo do faz-de-conta, onde transpõem o limiar de sua realidade, percebemos estas relações manifestadas como representações simbólicas que possibilitam múltiplas formas de análises e reconstruções de mundo. É a criança mesma que seleciona essas possibilidades, utilizando critérios em que se mesclam o coletivo e o individual. Desobrigada de reproduzir essas práticas tais como elas se apresentam, ela cria uma nova situação ou recria o mundo como o imagina. Na verdade, a criança não reproduz pessoas, mas papéis que as definem na vida real, nas suas práticas, apropriadas por ela na representação dos brinquedos, aproximando-a, assim, de sua história contextual. De novo se estabelece a ponte entre o real e o imaginário. Podemos observar nas falas dos nossos sujeitos quando, recuperando os quintais ruas e praças, trazem da memória os vestígios de uma época, o rosto do passado com a maquiagem do presente, num tempo que precede o homem na criança que foi.

Nossas observações nos remetem, outra vez, ao reencontro com Benjamin, que se preocupa com a preservação da memória em função da continuidade das experiências do passado, de não perdê-las num beco qualquer da história, colocando em risco as direções que norteiam a humanidade:

*...não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado no passado. Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram ...Se é assim, existe um encontro marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Nesse caso, alguém nos espera sobre a terra. Pois a nós, como a cada geração, foi concedida uma frágil força messiânica, para qual o passado dirige um apelo...A verdadeira imagem do passado desliza por nós, velozmente...Irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige a um presente, sem que esse presente se sinta visado por ela: com isso ela desaparece para sempre...*⁸⁹

Entende-se a relação lembrança e memória não só como fatos passados recuperados, mas inseridos num contexto, cujo significado é o que importa.

O tratamento dado por Benjamin à infância, reflete essa sua luta constante que poderíamos entender como o brinquedo de “cabo-de-guerra” em que uma corda é puxada por dois grupos de crianças, cada qual ocupando uma extremidade, que deverá ser cuidada para que não arrebente; o tónus que permitiria a sustentação dessa corda em que se situam presente e passado é a memória, porque guarda a história das gerações. *Somente possui o dom de acender no passado as centelhas da esperança o historiador que tem consciência dessa verdade: também os mortos não estarão em segurança, se o inimigo vencer no presente.*⁹⁰

Nesse entrecruzamento de passado e presente, a rememoração do brinquedo possibilitará reviver o exercício do lúdico nas ruas, nas escolas, nos quartos, ainda nos quintais, por que não, nos *playgrounds*, no coletivo da infância, resguardando o direito de se fazer história, pois que “*se uma época sonha a seguinte, ao sonhá-la, força-a a despertar.*”⁹¹

Além de todas as certezas adquiridas nas práticas do nosso próprio brincar, o contato com os nossos sujeitos nos asseguraram a certeza do caminho, não só por lapidar a emoção bruta que um tema como esse suscita, mas pela possibilidade do reencontro com a história, do ponto de vista de si mesmo, e também na memória das experiências vividas com os outros nos diversos momentos, esclarecendo o cotidiano de uma época nos espaços onde ocorreram. Benjamin ensina a recuperar o conceito de experiência, concebendo-a e ampliando-a para além de sua dimensão científica, fazendo surgir o novo que aflora do sempre igual no hoje, que se sustém no ontem.

⁸⁹-ROUANET, Paulo Sergio. *Édipo e o Anjo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1990.p.23

⁹⁰-BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, Arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense. 1985.p.224

⁹¹-KRAMMER, Sônia. *Por entre as pedras: Arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática,1998.p.62

*Só o presente é capaz de despertar significados esquecidos. Para Benjamim, o historiador precisa trabalhar com os estilhaços ou cacos da história descontextualizando o objeto para irradiar novos sentidos. O narrador se utiliza assim dos fragmentos significativos, acumulando-os numa nova construção através da alegoria. Ela diz algo além do que diz, desnudando o real ao fragmentá-lo. Alegoria que tem a ver com as imagens, com as cenas que ligam o visível e o invisível, a vida e o sonho.*⁹²

Ao desdobrar a cortina do passado, no contato com essas memórias, apercebemo-nos da fugacidade desses momentos simultaneamente frágeis e vigorosos na tradução dos significados. Eles transpõem a barreira do tempo e do sentimento, deixando ver na névoa evocada, um pedaço de cada história que conservam na sua essência um sentido comum do menino que estreitou laços significativos com o grupo e local onde a história marcou, enquanto brincava. Muitas vezes, nas suas lembranças, nossos interlocutores se deixaram levar pelo arrebatamento e, sem perceber, estabeleceram de novo a ligação com o tempo vivido, na rua onde passeou descalço, na praça dos caramanchões, nos quintais repletos de saudade. Saudades não traduzidas pelo tempo que foi, mas do que hoje faz sentido e realça a vida, da história que se construiu a cada manhã.

Não nos cabe aqui questionar os quintais de cada um, mas buscar a história desses tempos guardados em cada lembrança, plugados na hora de trazer para o presente a complexidade dos dias atuais, quando o brincar demonstra carecer de sol apenas na interpretação pedagógica da criança, e ainda assim permanece, quase sempre, na sombra. Assim nos descreve os quintais rememorados, que podem pertencer a qualquer um, Cecília Meireles:

Onde está o meu quintal

*Amarelo e encarnado,
Com meninos brincando
De chicote queimado,
Com cigarras nos troncos
E formigas no chão,
E muitas conchas brancas
Dentro da minha mão*

*E Júlia e Maria
E Amélia onde estão*

Onde está o meu anel

E o banquinho quadrado

*E o sabiá na mangueira
E o gato no telhado*

*- a moringa de barro,
e o cheiro do alvo pão
E a tua voz, Pedrina,
sobre o meu coração
Em que altos balanços
Se balançarão*⁹³

⁹²-KRAMMER, Sônia. Op.cit.p.6

⁹³-MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1990.p.65.

Os elementos significativos desse quintal que, com certeza, também povoou a infância de crianças que viveram num outro tempo, tão bem descrito pela poetisa, são de identificação imediata, pois trazem de volta valores do passado, que hoje transformados, se esfumam como as lembranças: Cecília entrou em contato com o seu próprio quintal. Assim também se fizeram presentes todos os quintais, ruas e praças da memória das pessoas das cidades de nossa pesquisa. O processo foi o mesmo, apesar da nostalgia, foi difícil manter o distanciamento, pois, à medida que prosseguíamos nas investigações, nos encontrávamos com a nossa própria Infância. O interessante é que as pessoas que aos poucos desembaraçavam o fio da memória, não pareciam, até então, terem se dado conta de que o tempo passou, a vida mudou, os espaços se transformaram. Foi o relembrar que trouxe à tona o sentido do tempo perdido.

Essas evidências vieram paulatinamente surgindo e o painel de suas origens vão se delineando e amarrando a história. Acreditamos até que esse aparente esquecimento é proposital, ocorrendo de acordo com o processo vertiginoso da transformação acelerada, em função do progresso nas vidas dessas pessoas que se viram, talvez, impossibilitadas de escolher. Enquanto caminhavam nossas investigações nos deparamos com essa lógica de infância como um tempo perdido e irreversível, como se não representasse o trampolim para a vida adulta, até mesmo nas criações de artistas, sintonizados em qualquer ampulheta, em qualquer localização geográfica.

Henrique, nos leva por esse viés:

Antigamente quando eu era ainda criança, brincava com os meninos da vizinhança alegremente. 'Senhora Dona Sancha coberta de ouro e prata, descubra seu rosto que nós queremos ver'. Depois veio a mocidade, foi-se-me toda esperança de achar a felicidade do meu tempo de criança. Quando eu ouço na minha rua, as crianças a gritar vou depressa sem tardança e fico olhando, a escutar,(ah, se eu fosse ainda criança)Sem poder acompanhar Aqueles meninos todos Satisfeitos a gritar. 'Senhora Dona Sancha Coberta d'ouro e prata Descubra seu rosto, Que nós queremos ver...'Felicidade, Senhora Dona Sancha, De rosto lindo, mas velado, Busquei-te por toda parte, Procurei ver o teu rosto, Devagarinho, com cuidado, Atrás daquela bonança. Do meu tempo encantado de criança. Agora, nem mais um sonho. Não é como antigamente Canto à toa, canto a esmo Baixinho, para mim mesmo, Tristemente, para não esquecer. 'Senhora Dona Sancha, coberta d'ouro e prata Descubra seu rosto que eu tanto quero ver...'⁹⁴

Voltando à história, deparamo-nos com essas modificações sofridas na configuração dessas cidades, mas também na forma como as pessoas receberam essas mudanças as quais questionam, mas não conseguem se desvencilhar. Aceitam a massificação barata, permitem que a canção e a roda desapareçam não só dos espaços das crianças, mas, sobretudo, da vida delas. Trocaram a experiência de apalpar o mundo para assistir a vida dentro de casa, no sofá da sala, de frente à TV. O brinquedo foge das ruas, junto com os bichos, os loucos, os poetas, continuam os mendigos e a infância também mendiga, cada vez mais.

As praças e as ruas das duas cidades por nós estudadas (Prata e Ituiutaba) foram se modificando à medida em que as pedras de pé de moleque foram substituídas pelo óleo queimado do asfalto. O centro, bem como o espaço das praças, se amplia para dar caminho ao concreto em substituição às árvores, testemunhas seculares da transformação da vida e do destino desses lugares, dominados, agora, pela modernidade. Com essa transformação se perderam muitas brincadeiras, superficializaram-se as relações, danificou-se a infância vivida. As praças hoje desenham um tempo que parece não ter existido: quando não havia calçamento nas ruas, nem supermercados, nem hotéis, os viajantes eram hospedados pelos donos das vendas, onde se comprava de tudo, pelo menos aqueles produtos necessários à continuação da existência, os outros não faziam parte ainda dos nossos registros cotidianos.

De lá, de onde se guardou a infância, arrancaram-se as imagens da criança perfeitamente engajada no momento, argumentando sobre as condições favoráveis às experiências de ontem, em conformidade com a impossibilidade do hoje, que, devido às profundas mudanças sofridas, interrompe o elo que liga o menino ao pai do menino na história. Provocados, eles soltavam as amarras do sonho, como se dele despertasse.

Perguntamos à Dona Aparecida como era esse tempo e como brincavam meninos e meninas de então. Ela se viu de novo criança se permitindo uma certa peraltice, enquanto, brilhando no olho a centelha da fantasia, revolve suas lembranças de um momento único e pleno, com a voz embargada de emoção, aliás, todos os entrevistados manifestaram essa mesma reação. Pudemos então, constatar essas afirmações na viagem, como ela mesmo disse, ao túnel do tempo:

Dessa vez o passeio estava marcado para Domingo, o único dia que a loja de meu pai estava fechada e se não chegasse nenhum compadre, ele nos levaria. Minhas irmãs moças colocaram a vassoura atrás da porta de entrada da casa, superstição usada na época para não chegar visitas. Faziam sempre isso, pois na opinião delas e de minha mãe, meu pai tinha compadres demais, e eles chegando na cidade, como não havia hotéis, se hospedavam com ele: o compadre, o fornecedor, o amigo, o dono da loja onde compravam de tudo, desde os tecidos para as roupas, os botões e a linha, os sapatos, até o açúcar e o feijão.

Naquele Domingo bem cedinho, para alegria de todos, entramos no fordinho 29 e partimos rumo à casa de minha avó materna, nosso passeio predileto. Já viúva, morava numa fazenda com meu tio solteiro e o José, manco de uma perna, que a ajudava nas tarefas domésticas. Na minha apreciação infantil era uma casa perfeita, com varandão na frente, muitos quartos, salas, salas grandes. Um pátio enorme, plano, que numa tarefa difícil, era varrido todos os dias. E era lá também, que a criança brincava as mais inocentes brincadeiras.

Havia também um rego d'água bonito, com seu monjolo onde se limpava o arroz que abastecia a cozinha. A goiabeira côncava que de tanto sustentar o peso das roupas ali estendidas para alvejar, esqueceu de crescer. O grande e pesado copo de prata junto ao pote onde bebíamos a água melhor do mundo. As bonitas saias confeccionadas por nossas mãos infantis à sombra das

⁹⁴-HENRIQUE, Waldemar e VIEIRA, Gastão. *Senhora Dona Sancha*. In: Canções. Belém: Secretaria de Estado da Educação, 1996, p. 212/ 217.

mangueiras do quintal. Elas nos emprestavam sua folhas bem grandes e nós a prendíamos, umas às outras com os espinhos da laranjeira. As costureiras(ri muito), fazendo as roupas com folhas de mangueira emendadas com espinhos de laranjeira! A gente ia fabricando uma saia, uma folha prendia a outra dando uma extensão naquela saia de folha, lembrando como nossa mãe fazia. E a meninada adorava.

Na viagem passamos pela fazenda da minha tia O cálices que nos acompanhou com sua turma até à fazenda da outra tia, bem pertinho uma da outra. Vivia com esta tia uma cunhada paralítica, o que a impossibilitava de viajar. O que fazer então para completar a caravana com destino à casa da vovó, pois naquele dia especial não podia faltar ninguém.

Depois de muita conversa, uma decisão fantástica: iríamos todos sem problemas com a doentinha D. Maria, no carro de boi!

Foi uma novidade, uma festa!

As cantigas, os balanços e solavancos daquela estrada empoeirada ficavam para trás junto com a marca da roda do carro-de-boi, da mesma maneira que ficaram alegremente essas lembranças marcadas na minha memória infantil.

Quando chegamos, lá estava ela a vovó querida recebendo sua família. Depois de abraçá-la, nós as crianças, saímos correndo para ver quem beberia da água no copo de prata em primeiro lugar.

Da cozinha tão grande com seu piso rústico de tijolo quadrado, já exalava aquele cheiro gostoso do “frango com macarrão” onde minha vó já colocava os devidos temperos, e que ninguém jamais em tentativa alguma podia fazer um igual.

Para mim, este prato tem cheiro e gosto de muito carinho, ternura e saudade!

“Somos três marinheiros dois quebrados e um inteiro.

O que vocês vieram fazer?

Muitas coisas.

Mostre uma delas.”⁹⁵

Essas lembranças nos permitem ver fragmentos de uma época vivida na zona rural e na pequena cidade do interior, configurada pelos signos afetivos da infância de D. Aparecida, que ela romanticamente arrasta do passado. Os elementos de identificação do seu tempo de menina, temperados pela saudade, são recuperados no significado do copo de prata, do monjolo e o rego d'água, do brinquedo sob as mangueiras, do cheiro do macarrão com frango, nas marcas deixadas pela roda do carro de boi. Como pano de fundo, a paisagem da cidade e do campo. Na imagem do Fordinho 29, da loja ou venda como chamavam alguns, onde se encontrava de tudo, a descrição e definição do tempo e de como eram as relações sociais, visto que a casa do dono da loja servia de referência para a cidade, abrigando viajantes que buscavam o lugar, a fim de exercer o ofício do comércio. Na representação da viagem à fazenda, no encontro com a avó, na solidariedade manifesta inconscientemente

⁹⁵-VILELA, Maria Aparecida Andrade. *História de Vida*. Ituiutaba. 05/ 03/2001. Achamos por bem registrar toda a história de Dona Maria Aparecida Vilela, por se constituir uma narrativa rica de lembranças e encantamento. Essa narrativa foi escrita por

pela narrativa, na generosidade da tia que se dispõe a todos levar na aventura do percurso no carro-de-boi, obtemos material que nos permite tecer algumas considerações sobre os valores cultivados pela sociedade, conforme nos propusemos entender no transcurso desse estudo.

Na entrevista oral, D, Maria Aparecida se viu estimulada a trazer para o presente as suas memórias e foi além, buscou mais fundo se encontrar criança e reviver as ausências de uma forma mais organizada; continua agora, escrevendo suas lembranças.

Acreditamos que, ao citar a brincadeira de “Somos três marinheiros,” pelo seu conteúdo, D. Aparecida faz, sem perceber, a relação da migração do campo para a cidade, onde a vida segue o seu curso ligeiramente modificado pelo imaginário. Na cidade, o novo, o moderno, a energia elétrica, o carro motor, o comércio, a substituição do rústico pelo mais elaborado, até mesmo no sentido do brincar. Ela não questiona o que seria melhor, aceita, mas sente que deixou marcas no lugar como as que descreve na viagem, sabe que sua história se interrompeu por algum tempo, sendo retomada no espaço urbano, onde a criança modifica o jeito de brincar, sem abandonar a essência do lúdico. Essa brincadeira que ela faz uma alusão quase que metafórica, se encontra ainda presente nas experiências lúdicas das crianças, embora com menor frequência, nos locais menos movimentados da cidade, por necessitar de espaço para acontecer. A brincadeira a que se refere, “Somos três marinheiros”, normalmente é brincada na porta da rua, assim: Dois grupos de crianças se defrontam enfileiradas e combinam uma ação a ser executada no país vizinho. Quem termina a elaboração da ação primeiro, faz a visita ao outro país que é representado pela fileira oposta. A cantilena ainda hoje ouvida, os leva até ela, onde irão executar o que foi proposto. Cabe ao país vizinho descobrir o que foram fazer, a partir da observação das ações, que são desenvolvidas através da mímica. Uma vez descoberto, correm atrás das crianças sem poder ultrapassar uma linha que demarca o limite entre os países. Caso encostem em alguém antes de chegar até ela, este passará para o seu país. Será agora a vez do outro país fazer o mesmo. A melopéia rítmica entoada pelas crianças por nós observadas é a seguinte:

Somos três marinheiros, dois quebrados e um inteiro de uma perna só e a outra rabió.- O que vieram fazer em nosso país? – Muitas coisas. – Faz um pouquinho prá gente ver.- É prá já.⁹⁶

Como vimos, brincando a criança constrói o seu imaginário. Essa brincadeira por exemplo, de existência secular, numa modesta interpretação, remonta às navegações, descobertas de terras e posse delas, como ocorreu no início do povoamento de nossa país, mas trabalha também a idéia de conquista e defesa

ela mesma.No capítulo seguinte, transcreveremos sua entrevista oral que mostra o brinquedo de casinha. Ela tem 72 anos, natural da cidade Prata

⁹⁶-Domínio Público.

de território, presentes no inconsciente coletivo da humanidade em qualquer época e lugar. Em outras situações de brincar, vamos encontrar a mesma identificação do cotidiano, como se pode observar na fala de Dalva Anéria, também moradora de fazenda, em uma década posterior a de Aparecida:

(...) Nossa casinha era no terreiro da cozinha, mas geralmente brincávamos também entre bananeiras onde tinha sombras ou debaixo da amoreira, do pé de limão. Os meus irmãos colhiam os limões, os maiores eram os bois, um pouco menores eram as vacas e os pequeninhos eram os bezerrinhos. A gente fazia os currais de rama de mandioca e aí apartava o gado. Os limãozinhos menores, eram pregados um no outro com pauzinhos enfiados neles, para fazer os rabinhos e as perninhas era a mesma coisa. A gente era quem improvisava com o que tinha no quintal, meninos imitavam o pai e as meninas a mãe⁹⁷.

Esse brincar com restos da natureza, representada pelo campo, recriando situações do cotidiano, a partir das ações do adulto, em que a imitação simulava a vida, constituía-se em uma prática comum nas histórias que colhemos, tanto no Prata como em Ituiutaba. O que difere são as diversas interpretações desses momentos, cujos significados dependiam exclusivamente das vivências pessoais, como podemos verificar nos depoimentos que se seguem:

Eu sempre passei as férias na fazenda. O brincar lá também era no quintal. Brincava de curral. Às vezes as mangas ainda pequenas caíam dos pés e a gente brincava de porquinhos, bois, vacas. Fazia os curraizinhos e os colocava lá. Eu brincava até sozinha. Fazia estradinhas, pegava latas de salsicha, enchia vidrinhos de penicilina que eu guardava quando tomava, porque tinha reumatismo, colocava dentro das latas de sardinha e falava que era latão de leite e ia buscar o leite na fazenda. Ia pelas estradas e pontes que eu fazia na terra. Eu gostava tanto disso, que brincava sozinha. De certo que eu ia ser fazendeira mesmo, não é?⁹⁸

Lacy estabelece a ligação do brincar com a definição de sua vida no futuro. Para ela, que nascera em uma cidade de origem sertaneja, onde a boiada visitava as ruas na hora do descanso, onde a casa que viveu era a representação da casa grande, com seus janelões de verão, seu teto distante do chão e um quintal onde era reproduzido as cenas de todo dia no imaginário da menina da fazenda, o lugar onde agora começa uma nova velha história, lhe parecia ser um destino natural. Casou-se com 16 anos e foi morar na fazenda. O marido de procedência rural, sintonizava a cidade, era 14 anos mais velho que ela e já possuía a sua boiada de leite nos arredores do Prata. Ela repete assim, a mesma história de sua mãe, de sua avó, transpondo a infância num salto, que naqueles tempos demorava um pouco mais para acontecer. Deixa de brincar no quintal para assumir papéis, cuja dimensão não teve tempo de alcançar, ainda de laços de fita amamenta bebês. Hoje nos deparamos

⁹⁷-RIBEIRO, Dalva Anéria Marques. *História de Vida*. Ituiutaba. MG. 12/04/2000

Dalva tem 53 anos, nasceu e cresceu na cidade de Ituiutaba, embora tenha vivido na fazenda até a idade de 8 anos mais ou menos. É professora de Canto no Conservatório estadual de Música e tem formação universitária. Tem quatro filhas.

⁹⁸-FRANCO, Lacy Vilela. 52 anos. Fazendeira. Nasceu e cresceu no Prata, hoje tem uma fazenda entre Santa Vitória e Canal São Simão, à beira do rio Paranaíba. Tem seis filhos. Sua família sempre possuiu fazenda, mas na sua infância alugavam, pois sua mãe era viúva e era cega. *História de Vida*. 30/04/2000

também com essa maturidade precoce, mas visto por uma outra ótica, o que acaba dando no mesmo: a infância diluída no turbilhão da vida adulta, desconsiderada na sua amplitude cósmica.

Tempos contraditórios, ao mesmo tempo em que a vida dessas crianças acompanhava o ritmo da vida do adulto, sendo considerados difíceis na descrição dessas falas quando comparados às facilidades da vida moderna, que possibilita a fácil aquisição do que se precisa para a sobrevivência do dia-a-dia, sobrava tempo para as excursões nos quintais, onde se pesquisava o mundo e a vida. Com o encurtamento do espaço, com a diversidade e rapidez dos meios de comunicação hoje, é facilitado o consumo de bens traduzidos pelos desejos, mas ontem, estar feliz não dependia de um par de tênis, última geração. Conforme os relatos, acordar com pássaros, boi berrando no curral, dormir com a lamparina tingindo de preto as narinas, caminhar entre grotas e cobras até à escola, constituíam um jogo repleto de aventuras, de desafios dos *tarzans* dos campos. Soltar a alegria sem medo de ser ridículo parecia alinhar a trajetória desses seres pequenos, mas presentes na vida do homem adulto. O momento da brincadeira era só delas, completa ausência do visível, enquanto absortas vivenciavam o faz-de-conta, depois, a aterrissagem forçada.

No caminho para a escola a gente parava nas grotas e ficava brincando nos espinheiros, fazendo arte de menino mesmo. Apanhava um galho, pegava os espinhos, as folhas e ficava furando, fazendo desenhos. Parava na beira do rio para ver uma parasita que a gente achava super bonito. Era um caminho longo o da escola, acho que uns 2 quilômetros mais ou menos, então parávamos na beira do rio para ver as folhas navegando na água, aí com aquela cabecinha de menino a gente ficava inventando histórias, pulando nos galhos das árvores éramos tarzans sem saber. Na escola, era uma sala só, todos estudavam juntos, dos menores aos maiores, agora as continhas eram para todos. De repente você estava estudando e passava uma cobra por ali, o que era motivo de muitos gritos e alegria, como se algo completamente novo visitasse a escola. (ela ri muito)⁹⁹

A criança participava ativamente da vida da família, embora não fosse levada a sério, não era ouvida, era “a última que falava e a primeira que apanhava” como bem ilustra a expressão popular. Era obrigada a cumprir as obrigações que lhe eram impostas, correndo um sério risco de entrar no sedém, caso se deixasse envolver pela brincadeira além do limite permitido. Essas observações foram feitas, levando em conta as entrevistas realizadas com algumas pessoas que habitaram o campo em suas infâncias, para que posteriormente pudéssemos confrontá-las com a vida das crianças da cidade, advindas do mesmo espaço, forçadas, na maioria das vezes, pelas exigências desses novos tempos, ou mesmo pela impossibilidade de sobrevivência, a deixarem atrás rastros de um pedaço da história.

A descrição desses momentos de vida em comum, onde a distância da cidade aproximava as relações, são permeadas pela saudade e pela justificativa de qualquer atitude tomada pelos pais, quando se mostravam duros e exigentes, ficando claro a predominância da força masculina na autoridade do lar. De acordo com Machado: *O pai é, nessa estrutura, o chefe da família. Casa onde não existe a figura masculina presente, basta o chapéu no cabide da sala para impor respeito. A tarefa de*

⁹⁹ -RIBEIRO, Dalva Anéria Marques. *História de Vida*. op. cit.

educar os filhos enquanto pequenos cabe à mãe; a partir dos doze anos se resolve com o pai. As transgressões da norma se corrigem no primeiro momento com a vara, de preferência de marmelo, que verga mas não quebra...Nesse sistema rígido, o espaço para o lúdico era muito limitado, demarcando as diferenças de gênero: os meninos eram mais livres, podiam sair para as matas, para caçar passarinhos, construíam eles mesmos as suas arapucas, nadavam em córregos e lagos, pescavam, jogavam peladas nas várzeas, brincavam de bolinha de gude, peão, imitavam animais com joá, mamona, inventavam carrinhos de carretel de linha. Já as meninas ficavam mais nas cercanias da propriedade e junto aos irmãos menores, pajeando, brincavam de casinha e boneca, o pique-esconde, a barra manteiga, o passa-anel eram divertimentos comuns.¹⁰⁰

Dalva deixa transparecer em sua fala esses momentos de “pisar em ovos”, quando se refere ao pai e, ao mesmo tempo, justifica o autoritarismo, com nostálgica lembrança de sua beleza masculina, da sua força de homem do campo, dos momentos de repouso acompanhado de música, que é a sua referência profissional. Ela busca a imagem do pai devotado, do homem trabalhador, em conformidade com a submissão da mãe, a qual pouco cita, conforme as relações naquela época. Não percebe que atravessou o arco-íris e se libertou das amarras, ganhando mais espaço, apesar de ter tido essa educação severa. Observamos como ela refaz esse tempo.

Sempre tinha alguém que ajudava a minha mãe nos afazeres da casa, mas tínhamos as nossas obrigações. Eu era a quarta de uma família de oito, tinha que passar barrela nas panelas de ferro, dar banho nos meus irmãos que eram mais novos que eu apenas dois ou três anos, eu tinha seis anos e eles eram bem pesadinhos, tinha que arcar com o peso deles e ainda varrer a casa (ri muito). Minha irmã mais nova que eu, tinha que tirar o penico debaixo da cama pois era o que ela conseguia fazer, lá não havia banheiro. Às sete horas da noite acabava qualquer brinquedo, pois a gente tinha que tomar banho para esperar o nosso pai, quando ele chegava, era a vez de seu banho, o banheiro tinha que estar desocupado e a família organizadamente esperando-o para o começo da noite. Ele era muito severo, mas cantava com a nossa mãe, em dueto. Com sete anos eu comecei a levantar de madrugada para fazer o café para o nosso pai, desobrigando a minha mãe que só preparava o bolo à noitinha, assando-o na última trempo do fogão em uma panela com brasas na tampa. Aí a gente ia ver tirar o leite e comia aquele bolo, brigando cada qual por uma fatia maior, a família era grande.¹⁰¹

Identificamos situações semelhantes de brinquedo, nas três décadas que nos propusemos a pesquisar, variando locais e pessoas. Verificamos que as tarefas femininas não incluíam jornada fora do lar, e mesmo as mulheres de classes mais abastadas, compunham o seu universo a partir da cozinha. Gerenciavam a casa, do ponto de vista da fresta, jamais por inteiro, o marido é quem abria as portas, continuavam “borralheiras.” A elas não era dado o direito de escolha: casavam-se, iam para onde o marido determinasse, na situação agora observada, iam para a fazenda, depois vinham para a cidade enquanto o marido

¹⁰⁰-MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimento em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo*. 1950-1985. São Paulo: USP, 1998 (Doutorado-História).

¹⁰¹-RIBEIRO, Dalva Anéria Marques. *História de vida*. Cit..

continuava lá, no seu “reino”. Na cidade, uma outra realidade, mas o comportamento era o mesmo. Zenaide, assim nos revela o seu mundo em miniatura:

Mamãe tomava conta da casa e dos cinco filhos, não tinha tempo para mais nada. Na fazenda não tinha luz, era lamparina, candeia, não tinha nada disso de hoje não, de manhã a gente amanhecia com as narinas pretas. Não era como hoje não, com geladeira. Hoje está um paraíso. A nossa comida na sua maioria, vinha da roça mesmo. Papai não tinha condução, um vizinho tinha um carro e de mês em mês, vinha na cidade comprar coisas no armazém, suprimentos, ia no caminhão de leite também, não era leite, era creme, tinha desnatadeira, era o creme que ele buscava. Eu não tive uma infância de muito conforto não, só de fartura, apesar de até ter condição. Aquilo era a vida de todo fazendeiro.

Até nove anos eu vivi na roça, depois a mamãe veio para a cidade para educar a gente. Tive uma infância na roça até boa. Quando eu era menina, já maiorzinha, vinha da cidade para a fazenda passar as férias. Foi uma infância simples. Hoje em dia é diferente, os filhos tem muitos brinquedos, naquele tempo não tinha não. A gente brincava com coisa de lá, da roça mesmo, sabugo, coitezinho, essas bobaginhas. (ri) Então juntava aqueles primos, não era sempre, mas juntava, para fazer estrepolia, arte. Eu lembro quando era pequena, uma bobaginha, juntamos mais meninos, os filhos do peão mesmo, a gente pegava o gato, brincava com ele, depois amarrava a palha no rabo dele pra ver ele ficar doido, incomodado, corria pra lá e pra cá, aquilo era uma diversão, foi bom, ficou na cabeça. Arte de menino, mas eu acho que menino toda vida foi levado mesmo, não é só hoje não.

Brincava com as minhas irmãs e com as filhas do peão. Começava o brinquedo de manhã, aí parava pro almoço, geralmente era na hora que a mãe ia trabalhar, mas à tarde elas, as mulheres do peão, vinham para ajudar a minha mãe e traziam os filhos para não ficarem sozinhos. Não tinha escola fácil não, acho que esses meninos eram tudo analfabetos e ficaram analfabetos viu?¹⁰²

A história de Zenaide, nesse primeiro momento, nos reporta à organização familiar nas décadas de cinquenta e sessenta, como viviam, longe do progresso, como resolviam seus problemas, como brincavam nesses espaços de pouca gente e distâncias geográficas, significativas pela ausência de meios de transportes. Vimos como se manifestava o sadismo da infância nas experiências de crueldade com animais, que, ao que parece, era comum numa época em que não se falava ainda em ecologia e esse momento da vida era encarado de forma romântica e pueril, “infantilóide,” aliás, idéia essa, muito atual, quando se referem à criança como um ser puro e inocente, anjo ou às vezes demônio. Isso nos faz pensar em Benjamim, quando ele afirma que a criança, bem cedo manifesta a sua vontade, determinação, com lances de bondade ou crueldade, enfim, um ser humano no começo do projeto, não uma página em branco, esperando nela acontecer os sinais do futuro.

¹⁰²-RIBEIRO, Zenaide Vilela. *História de vida*. 10- 02- 2000. Zenaide tem 63 anos, nasceu em Ituiutaba e até nove anos de idade viveu na fazenda. Cursou até o II Grau e logo depois se casou. O noivo não a “deixou”lecionar, casou e foi cuidar da casa. Tem cinco filhos que ela criou sozinha.

Percebe-se que a distinção de classe na prática do brinquedo não é visível, embora as diferenças nos foram apresentadas de forma camuflada, pois, existia uma certa cumplicidade entre pessoas de vida simples, entretanto, os recursos econômicos de uns e de outros implicavam numa distância significativa. Hoje essas diferenças sociais são mais ostensivas e já se fazem sentir nos grupos, mesmo enquanto brincam: crianças da mesma rua não são companheiras de brincar. Até a década de setenta essas diferenças de classe não eram consideradas relevantes para o exercício do brincar, uma criança precisava da outra para formar o conjunto que definiria o brinquedo da hora, raramente brincavam sós.

Tinha gente rica e gente pobre. Rico era o dono de comércio, dono de pensão, dono de açougue, fazendeiro não era rico não. Quando nós morava lá na fazenda nós era pobre, aí viemos para a cidade e viramos classe média. Os pobres eram o ajudante de pedreiro, furador de fossa, ajudante de açougueiro, mas todo mundo brincava junto. Ninguém falava de rico e pobre não. Falavam que um era mais conhecido o outro era filho do fulano, trabalhava pro sicrano. Essas coisas. Nada era regulado. As pessoas chegavam e pegavam o que a gente tinha no quintal ou na horta, uma abóbora, mandioca, mamão, milho. A gente brincava na rua, depois da escola. Na escola não tinha espaço para brincar não, era muito menino, fechado numa sala. Quando abria a porta, era que nem sair da gaiola, corria todo mundo para a rua e brincava até o motor de luz ser desligado. A rua era de barro batido.¹⁰³

Nas cidades do interior, percebemos que a vida das pessoas não apresentava grandes diferenças e, neste segmento social observado, o trabalho existia em função da sobrevivência e a generosidade era uma prática comum entre as famílias, pois, de um modo geral, cada uma produzia alguma coisa que seria trocada com o compadre, com o vizinho, estreitando as relações, num espaço onde todos conheciam todos. A organização social desses pequenos lugares seguiam ainda uma tradição “arcaica” na sua estruturação. Por outro lado, na mesma década ainda, podemos observar que a visão de infância idealizada, romantizada transparece no refluxo da memória de pessoas que vieram de famílias mais abastadas, como nos mostra Menezes:

A cabeça da gente era diferente. Você segurava as amizades, você segurava a sua vida ali, na brincadeira de criança. Hoje não existe mais isso. Você não tem paciência com velho, com menino, com seu marido, por que? Porque não aprendeu. A vida é muito agitada. Nós não. Tivemos todo o tempo do mundo para brincar. Eu acredito que nós brincamos até hoje. Naquela época, se você brigava com o colega, você chamava: Ô fulano! Vem cá! Vamos fazer as pazes. Você sentia falta. Era criança, mas sentia falta do outro. O amor de criança existe. A criança ama, às vezes ama mais

¹⁰³-BORGES, Jerônimo Queiroz. *História de vida*. 05/07/ 1999. Jerônimo tem 55 anos, é comerciante, tem o I grau incompleto, viveu a primeira infância na fazenda da Invernada, entre Santa Vitória e Ituiutaba. Mudou-se com 7 anos de idade para Santa Vitória e com 9 anos para Ituiutaba, onde considera que seu mundo infantil, fica mais comprometido pelos perigos da cidade “grande” e o brincar adquire uma forma mais organizada na sua efetivação..

que a gente. Não é um amor de interesse. Naquela época a criança era respeitada. Acho que a infância é tudo, a origem, a raiz, é onde você podia fazer tudo, e não era proibido. Acho que hoje, também, a criança ainda é o único ser que é respeitado. Nós brincávamos com todos os meninos da rua, o filho da faxineira, do lixeiro, o vizinho, o filho do pedreiro, não fazia distinção.¹⁰⁴

Esse modo de pensar a Infância veio aos poucos se modificando nas falas de interlocutores mais jovens, que vivenciaram as experiências de brincar, no país das incertezas, de maiores conflitos sociais impostos pelas desigualdades, pela miséria, que provocaram o isolamento e a segregação, refletidas na idade da vida em que o ser humano precisa, sobretudo, de proteção. Podemos verificar em Queiroz, essas observações:

Estudava em escola particular. Mas nenhum dos meus colegas vinha brincar comigo. Eu é que de vez em quando ia brincar na casa do João Roberto, mas chegava lá, era só vídeo- game, carrinho eletrônico, brinquedinho de controle remoto, negocinho que você dava corda e andava. Eu não gostava muito . Ia muito pouco à sua casa e ele nunca vinha na minha. Eu ia porque era um dia diferente na minha rotina, mas não tinha afinidade não. Naquela época já tinha saído aqueles jogos: Hatari, Odisay,, os meninos ficavam viciados, era o dia inteiro apertando botão. Eu não tinha muita paciência, gostava era da rua. Na casa dele tinha um quintal enorme, mas a mãe não deixava ir para lá, porque sujava a gente e a casa, só podia brincar dentro de casa, não podia sujar, não podia pisar no chão descalço. Era um quintal desativado. Agora, os amigos da minha rua eram outros. Eu nem contava aos colegas da escola do que eu brincava ou fazia na minha rua. A gente roubava fruta, era divertido desafiar os perigos, de ser apanhado pelo dono do quintal. Tinha um cara gordo de bigode, que tinha umas jabuticabeiras na sua casa, ele tinha um opala verde. Quando ele saía a gente corria para lá e subia nas jabuticabeiras, umas jabuticabas bonitas, grandonas, enchíamos a camisa com elas. Um dia estávamos lá na jabuticabeira e ele chegou antes da hora. Ficamos durinhos, olhando para baixo, enquanto ele colocava o carro para dentro, entrava na casa. Aí você só via menino pulando e correndo pra tudo quanto é lado. Do lado de fora era só festa, quase morríamos de tanto rir. Os colegas da escola para mim não significavam nada, os da rua não. Tudo que você falava o outro ouvia, qualquer idéia era aprovada na hora. O negócio era aproveitar o tempo para divertir. Os meninos da escola eram mais ricos, eu não ficava à vontade não. Na casa dos meus colegas da rua, eu comia da comida deles, tinha liberdade. A mãe deles parecia ser a minha mãe. A vida deles era dura, as casas eram simples, tinham problemas de pai que bebia muito, violência, mas eu achava mais fácil conviver nesse meio ,

¹⁰⁴ - MENEZES, Maria Bernadete Mello. *História de vida*. 12/ 05/ 2000. Tem 53 anos de idade. Nasceu e cresceu na cidade do Prata. Tem o II Grau. O pai era advogado, o marido é médico. A mãe sempre teve empregada. Família tradicional da cidade. O avô é um dos fundadores.

*que num meio mais elitizado. Eu me sentia mais tranqüilo para me posicionar diante de qualquer situação, Foi uma fase tão boa! Tinha pena dos meus amigos que precisavam trabalhar, levantar cedo para buscar pastel amanhecido, dormir na fila dos postinhos para pegar guia de consulta...Eles tinham obrigação. Era diferente. Eu não, só tinha obrigação de achar um brinquedo novo a cada manhã. Fico pensando se eu não deveria ter tido algum serviço pra fazer porque, talvez assim, eu não achasse hoje a vida de adulto tão complicada. Nossa Senhora, como é complicada!*¹⁰⁵

Essas declarações nos levam a refletir um pouco além sobre o brinquedo como expressão do imaginário, como representação simbólica e significante de uma realidade no seu contexto social, com seus valores, modos de pensar e agir. Esse imaginário também mudou, hoje ele reproduz uma lógica de mercado: o comércio da fantasia forja a ilusão e continua refletindo as diferenças sociais. Essas diferenças não parecem conscientes nas lembranças de nossos entrevistados: eles não aviam, quando se referiam ao hoje estavam sempre armados para o confronto:

*Todo mundo que chegava brincava. Não tinha problema. Pequeninhos de um lado, os maiores de um outro e estava resolvido. Não havia discriminação; chegou, juntou, brincou. Ninguém discriminava ninguém, nem gordo, nem pobre, nem preto, eu não me lembro. Se aconteceu isso, eu passei batida*¹⁰⁶

O imaginário está ligado às representações, embora ultrapasse o seu espaço pelo uso da fantasia, que lida com elementos que não resultam de processos meramente intelectuais. Ele permite recriar novas situações elaboradas sob um outro olhar. O brinquedo age no domínio da cultura e seus elementos simbólicos refletem, muitas vezes, os conflitos tanto individuais como coletivos do dia-a-dia. É principalmente pelo faz-de-conta, que se fomenta o imaginário. Essa criança, que nos é dado a conhecer pelo brinquedo, não é um adulto em miniatura, possui suas especificidades, seus amores e seus ódios; é voluntariosa, “rodeada de gigantes,” cria para si, brincando, seu mundo próprio; o adulto ao brincar apenas escapa do massacre do cotidiano, fugindo do mundo que lhe é imposto. Ele não brinca com a vida espontaneamente, no mínimo aceita jogar, encarando desafios para fixar imagens amparadas em estereótipos forjados pela lógica do mercado.

Encontram-se alguns brincantes em folguedos populares, que carregam nas manifestações culturais a mágica presente no brinquedo, traduzindo nessas representações marcas de sua cultura, reminiscências de um tempo esquecido no passado que é dado conhecer brincando, cujo elemento comum é o sagrado. Para a criança, quando brinca, os elementos do seu cotidiano com o qual elabora o mundo se reveste desse sagrado, poi, a realização de sua fantasia é cercada de significados. Se sofre a interferência do adulto de alguma forma, para ela é como se a profanasse, e a reação é sempre de descontentamento. Não se destrói o que não se constrói; a casinha, réplica da casa em que reside e divide sua realidade, é para a criança objeto de

¹⁰⁵-QUEIROZ, Flávio Leon Denis. *História de vida*. 18/ 03/2000. Nasceu e cresceu em Ituiutaba. Tem 28 anos. Curso Universitário. Trabalha no comércio. Foi jogador de vôlei, quando mais jovem. Também não queria crescer, “sofreu da síndrome de Peter Pan”. Acha a vida de adulto, difícil e aborrecida. É casado e tem um filho.

¹⁰⁶-JUSTINO, Silvânia Maria Queiroz Cunha. *História de vida*.17/ 04/2001. Tem 35 anos de idade. Professora do Conservatório E. de Música. Graduada em Música e Bacharel em Direito. Nasceu e cresceu em Ituiutaba, sempre no mesmo endereço.

reverência e respeito, é parte dela que se projeta enquanto brinca, é o seu mundo como ela o vê, onde se reproduz o afeto, a história da qual faz parte.

Em Benjamim, refletimos sobre a construção desse imaginário infantil determinado pela brincadeira e não pelo brinquedo. Se a criança quer puxar algo, já se transforma em cavalo, se brinca na areia, faz pão e bolo, é padeiro, se deita uma cadeira no chão e a envolve com lençol, a mesma vira cabana de índio, um pedaço de tijolo é fogão, armários, mas pode também se tornar um trator e ela um motorista. Os objetos se transformam nas asas da imaginação e mais ricos serão em fantasias quanto menos sofisticados forem, a falta de recursos faz nascer os desejos, libera os sonhos produto do imaginário: *uma lata de sardinha/ uma sandália havaiana abandonada/ um menino guia seu automóvel.*¹⁰⁷

Menino pobre, inventa brinquedo com restos do mundo do adulto, ou recicla, para usar um termo mais moderno; o rico, o pai lhe compra um brinquedo importado.

*Penso que o menino devia andar lá pela favela, olhos atentos, procurando algo, sem saber direito o que é. Até que deram com a lata de sardinha jogada no lixo. Foi um momento de iluminação. Ele disse: 'Esta lata de sardinha é o meu carro' ...Fez aquilo que um fundador de religiões fez ao tomar o pão e dizer que o pão era o seu corpo. E a lata de sardinhas ganhou um novo nome, virou outra coisa. O menino sem saber, executou uma transformação mágica. O menino dobrou a tampa e sentou no volante.*¹⁰⁸

No abraço com a arte, o adulto exerce a sua necessidade lúdica, ao criar, transpõe o real e se joga no imaginário, está brincando: *"Enquanto a criança usa a capa, o carretel ou o carrinho como suporte de suas fantasias, o artista usa o cinzel, o pincel, a madeira, a pedra, a tinta, a letra. Ambos fazem com que suas fantasias, via espaço transicional, cavalguem esses materiais da realidade"*¹⁰⁹ No momento da criação do artista e da criança quando cria ou recria o mundo pelo brinquedo, estabelecem-se novas conexões com o universo e com a sua história cultural.

Brincar, como experiência criativa, se manifesta desde os primeiros contatos do bebê com a mãe, se lhe for oportunizado, outrossim, negar-lhe esse direito, é impedi-lo de viver as suas práticas culturais, é impossibilitar o espaço do brincar no agora e no depois, contrariando, então, dentre outras tantas certezas, o pressuposto que afirma que o homem só é homem de fato se um dia brincou.

Nossos estudos nos mostraram também que o adulto se projeta no brinquedo, quando o concebe como objeto lúdico, nele introduzindo imagens relacionadas à sua cultura, estabelecendo um elo com a sua própria infância. Quando ele brinca, traz de volta suas primeiras experiências culturais, arquivadas na memória. Ao estabelecer o elo com o passado, fazendo a ponte com o presente, revê idéias e sentimentos, tudo se mistura na alegria plena de se sentir outra vez criança. Isto fica perfeitamente claro nas falas de nossos interlocutores, quando provocamos o reencontro com a criança pela memória do brinquedo:

¹⁰⁷-ALVES, Rubem op.cit.p, 99

¹⁰⁸-ALVES, Rubem. Op. cit. p, 100

¹⁰⁹-PIMENTA, Arlindo C. *Sonhar, Brincar, Criar, Interpretar*. São Paulo: Ática, 1986.p.56

Eu brinco até hoje, se eu tiver uma oportunidade eu tô brincando. Eu construo brinquedos para o meu menino até hoje porque não pode deixar sumir essa tradição não. Se isso acontecer a gente vai perder a nossa identidade. Só ir lá no um e noventa e nove comprar aquele carrinho pro seu filho é muito pouco e eu tenho certeza que um dia, já nem se vai lembrar mais que existiu a nossa participação. Eu vou lá pro campo de aviação, levo o meu menino, solto papagaio, jogo bola, biloca, eu viro menino de novo. Não podemos esquecer as coisas passadas mesmo com o progresso. Eu não deixo meu menino esquecer as coisas que eu brinquei, eu brinco com ele. Eu quero acreditar que os meus tataranetos vão brincar de pique, bete, biloca, papagaio mesmo tendo o computador de última geração. Tudo tem que ser devagar, não adianta você querer dar para o menino um computador quando ele está na hora de brincar de biloca, bete, de criar o seu próprio brinquedo. Eu não deixo isso acontecer, eu brinco junto.¹¹⁰

Verifica-se nessa fala uma preocupação de manter no presente, o passado, com um sabor mais sofisticado pela presença de elementos da cultura do progresso, mas enraizado na essência do brincar como base para uma existência mais viva e participativa, onde o homem reencontra o menino que foi, na projeção do filho que o convida a brincar. Justifica-se aqui a obstinação com que Benjamim defende o que é próprio do mundo infantil, quando discorre sobre a infância da sua pátria, mas que nesse contexto é universal, a criança como indivíduo social.

A preocupação de José Mauro em associar o brinquedo de sua infância ao mundo tecnológico de hoje, muito presente no tempo de brincar das crianças, está no fato de se impedir que a memória do brinquedo caia no porão do esquecimento e, como ele, ela também seja descartada, enterrando o passado junto com a sua própria história.

Daí, a certeza de que é preciso puxar os fios das experiências enraizadas nos sujeitos históricos, pois o tempo poderá apagar seus rastros, se eles não mais puderem efetuar suas práticas culturais, sobretudo, no tocante ao brinquedo, sua experiência primeira ao se jogar na vida. Benjamim não via com bons olhos os avanços do progresso, antes o concebia como uma tempestade que poderia varrer a sensibilidade, colocando em prova a capacidade criadora. Conforme Sônia, Benjamin: *Recusa apaixonadamente o mito do progresso da humanidade que teria resultado de descobertas técnicas do desenvolvimento das forças produtivas ou da denominação crescente sobre a natureza: o que propõe é a ruptura, a redenção, messiânica da humanidade, o “agora” rompendo com o “era uma vez”, o entrecruzamento de passado, presente e futuro. Entende, pois, que na memória capaz de resgatar o passado reside a possibilidade de se escutar os ecos de vozes que foram emudecidas, e a partir desse resgate é que poderá se realizar o encontro secreto que está marcado entre as gerações precedentes à nossa.*¹¹¹

Essas ponderações correspondem às preocupações de quase todos os entrevistados que vêm na evolução tecnológica, na influência poderosa dos meios de comunicação, um apelo incosequente da anulação do já visto, do já

¹¹⁰-ALVES, José Mauro. *História de Vida*. 28/ 03/2001. Tem 45 anos de idade. Fez o II grau. Professor de Música no Conservatório E. de Música e Maestro da Banda Municipal de Música em Ituiutaba. Nasceu e cresceu em Ituiutaba.

¹¹¹- KRAMER, Sônia. op. cit. p. 49

experenciado, do já sentido, o que certamente colaboraria para o atraso rumo à realização da vocação do homem, no sentido do exercício de sua humanidade.

Essa união do ontem com o hoje só foi possível a partir de uma primeira brincadeira. O brinquedo como experiência cultural está presente em todas as épocas em todos os povos. Machado, ao situar o brinquedo como experiência cultural, diz que a mãe brinca com o filho no ventre, ao imaginá-lo, ao organizar o seu espaço, ao se imaginar mãe. Uma mulher que já foi bebê e menina, que já brincou com bonecas, quando sua mãe brinca com ela, agora volta a se encontrar com a infância, recuperando-a na espera de seu filho.¹¹² Antes disso tudo acontecer, o jogo se manifestava na comunicação estabelecida entre mães e bebês. O primeiro coleguinha de brinquedo da criança é a sua mãe. Aos poucos uma se diferencia da outra e a criança se desvincilha e assume o seu próprio brincar, criando seus jogos, escolhendo brinquedos, encontrando parceiros de aventura lúdica, ganhando o mundo pela fantasia: *No fazer amigos a brincadeira se torna mediadora das relações de afeto. Nas competições e nas atividades de colaboração ou no formar times, os laços de amizade tendem a ser constituídos em prol de um determinado sentido. A interação acontece na medida em que os brincantes vão ao encontro do outro. Esse encontro é mediado pelo brincar. Os brinquedos acontecem em diferentes espaços: o físico e o imaginário*¹¹³.

A forma de ver e pensar a criança varia de cultura para cultura, nas diferentes épocas. No mundo ocidental, antigas concepções consideravam-na como um adulto em miniatura, ignorando suas especificidades etárias, cognitivas, retratada como uma Alice no país das maravilhas”, ora é anão, ora é gigante, sem definição de identidade.

*A ausência de sentimentos de infância corresponde, para alguns, a uma visão desvalorizante deste adulto miniaturizado e inacabado. É contra esta visão que a partir do século XVIII, Rousseau, no Emílio, divulga a especificidade infantil, a criança como portadora de uma natureza própria que deve ser desenvolvida.*¹¹⁴ Mais uma vez nos reportamos à Benjamim, que se revela um profundo conhecedor do universo da criança, definindo-a como um ser social, nos chamando a atenção para a especificidade da vida Infantil e Juvenil. Para ele a infância não se reduz à representação do mundo adulto em tamanho pequeno, pois, bem cedo o ser humano constrói seu próprio universo com lances de pureza e ingenuidade, mas também agressividade, resistência, perversidade, humor e vontade dominadora. A criança não é um Robinson solitário e soberano. Seu comportamento global evidencia as diferenças de classes, nas atitudes em grupo, nas representações do meio social em que vive, por meio da brincadeira, onde se reforça as dominações, mas também a resistência.¹¹⁵

A criança é parte da cultura e produz cultura, construindo a partir dos restos, do lixo da história, o seu próprio mundo, trazendo à tona o seu caráter “anárquico”, como o do artista, do qual ela está mais próxima, subvertendo a ordem, mas também o caos, enquanto cria ou recria pelo brincar. Assim fazendo, enquanto se apropria do seu próprio brincar, sem interferências processuais, ela resiste à massificação, o que nem sempre ocorre. Exemplo disso está na invenção do brinquedo das mãos, praticado em pequenos espaços, pela poluição espacial decorrente do acúmulo de “coisas” consumíveis pela era moderna, onde autdors convivem com paineiras coloridas.

Elas brincam em garagens, nos parques, pequenos ou grandes pátios de escola, onde o movimento maior que lhes permite o espaço é o espalmar ritmicamente das mãos e o giro do corpo na

¹¹²- MACHADO, Marina Marcondes. op cit.

¹¹³-PEREIRA, Eugênio Tadeu. *Brincar na Adolescência: uma leitura no espaço escolar*. Faculdade de Educação UFMG. Dissertação de Mestrado, 2000.

¹¹⁴-KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brinquedo e brincadeira: Usos e significações dentro de contextos culturais*. In. *Brinquedoteca, o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis: Vozes, 1997. p, 24.

¹¹⁵- BENJAMIN, Walter. op. cit.

coreografia que elas generosamente dividem na intenção do brinquedo. Sobre a regeneração dos destroços do cotidiano, por meio do brinquedo, poderemos verificar nas informações:

Tinha um quintal que me parecia muito grande; tinha pé de café, pé de laranja, de goiaba, de limão. A gente gostava de ficar atrás do pé de café, porque era bem fresquinho e escurinho. Ali que a gente montava as barraquinhas, fazia os fogãozinhos. Hoje, pela construção da casa, o quintal, eu penso, que não era tão grande assim, ele já desapareceu. Não sei, penso que era pela dimensão do prazer que eu o via, pela alegria de montar o brinquedo com os restos do quintal. Aquilo era tudo que a gente tinha, para nós estava bom demais, não é só o espaço físico não, é a dimensão do prazer.¹¹⁶

Nós jogávamos bola, mas não era bola comprada não. Era feita de palha de milho, a gente ia enrolando a palha, molhando, amaciando e enrolava cipó para firmar, e chutava, sem saber jogar futebol, a esmo. Nunca ganhei um brinquedo de ninguém, na roça, naquela época a gente não conhecia papai noel não. Brincava com o que tinha no quintal, ou nadava nos rios, caçava passarinhos com arapuca feita de pedaços de pau, brincávamos também de cavalos, com os galhos mais finos das árvores quando precisava fazer lenha.¹¹⁷

()...Em frente à minha casa tinha um pessoal completamente diferente. Eram aventureiros e a gente gostava de brincar com eles, pois faziam coisas que nós não estávamos acostumados a fazer. Eles tinham umas coisas assim, de ferro, eles não tinham jogo, brinquedo, boneca, comum não. Eles tinham pedaços de lata e faziam um carro, carrinho de rolimã, patinete de latinha, no meio do ferro velho. Eles tinham um depósito de ferro velho.¹¹⁸

()...Eu gostava de brincar com carrinho de litro. Eu cortava os litros de óleo de cosinha e de diesel. Lembro direitinho disso: Ia ao posto e buscava os litros que cortava rente no comprido e fazia a carroceria do caminhão, só isso, como ele era redondinho em baixo, era fácil arrastar na areia, então não tinha roda. Furava na frente e colocava uma cordinha de puxar. Fazia estradas e pontes para os caminhões passar. Gostava de brincar assim.¹¹⁹

¹¹⁶ - JUSTINO, Silvânia Maria Queiroz Cunha. *História de vida*. Cit.

¹¹⁷ -BORGES, Jerônimo Queiroz. *História de vida*. Cit.

¹¹⁸ - SANTOS, Alessandra Borba dos. *História de vida*. 25/ 03/2000. Ela tem 30 anos de idade. Nasceu e cresceu em Ituiutaba. Graduada em Artes Cênicas pela UFU. É uma brincante nata. Desenvolve o Projeto do Conservatório E. de Música:Brincarte, arte e brinquedo no espaço da Escola, cuja idealização foi feita com a nossa contribuição. Observa-se, que o carrinho de rolimã, muito usado nas décadas de 60 e 70, é o substituto dos cavalinhos de pau, e patinete de crianças de classe menos favorecidas economicamente. É o precursor dos Karts.

¹¹⁹ - FREITAS, Sônia Maria de. *História de vida*. 11/04/2000.Ela tem 43 anos de idade. É professora universitária, UNB. Nasceu e cresceu na cidade do Prata. Casou-se em Brasília onde brincou com os seus filhos.

A reinvenção do mundo a partir de restos, estilhaços do consumo, ou sobras do dia, nos espaços da vida cotidiana, estimula a construção do imaginário, da forma como a criança estabelece o seu mundo e as relações com quem nele compartilha ou que a espera num futuro próximo, muito próximo e quiçá, melhor.

A resistência se manifesta, também, no processo de seleção daquele brinquedo que vai ficar e atravessar o tempo, apesar de todos os mecanismos de massificação. A criança seleciona e apropria-se de elementos da cultura adulta, incorporando-os a seu universo lúdico, brincando e fantasiando, reproduz modelos, reflete o mundo adulto, mas do seu jeito. No faz-de-conta da “mamãe e filhinha” por exemplo, está presente a história do cotidiano da sua família, ou do grupo a que pertence com seus problemas e transformações. Também o adulto se projeta na criança, pois traz na memória as lembranças do passado, de quando brincava, se vê menino(a) outra vez, se remete de volta ao tempo de ser feliz, na imagem da Infância idealizada, como bem expressa Carlos Drumond de Andrade em seu poema “Infância”:

*...Meu pai montava a cavalo, ia para o campo
Minha mãe ficava sentada cosendo
Meu irmão pequeno dormia
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia a história de Robinson Crusóé.
Comprida história que não acaba mais ...
Lá longe meu pai campeava no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de
Robinson Crusóé.¹²⁰*

Esta nostalgia de infância é despertada pela magia do brinquedo que representado é lembrado e transportado para a dimensão do lúdico. Nesse sentido, retornamos sempre ao ponto de partida: a dimensão do lúdico na essência do humano. Nesse ir e vir, Walter Benjamin é quem nos esclarece primeiro por meio de suas metáforas, esse universo infantil construído pela criança com os restos que sobram do mundo do adulto, que elas transformam ao brincar. Assim, reafirmamos nossos pressupostos, o que na verdade coincidem com o pensamento benjaminiano de criança e infância, tema proposto nesse estudo que tem no seu bojo o brinquedo exercido de forma natural e espontânea, a partir do que ela vê e escolhe nos escombros que lhe sobram à sua volta. Observamos que as crianças estão mais interessadas em estabelecer uma nova relação entre esses diferentes materiais e o que criam com eles na brincadeira, do que propriamente em imitar as suas obras: Conforme Benjamin: *Elas sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou marceneiro. Nestes restos que sobram, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Assim as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido num maior*¹²¹

Restos guardados nos bolsos, nas caixinhas vazias, pedrinhas e cacos são objetos de carinho, elementos sagrados com que as crianças organizam o seu mundo, recriam a natureza, o quintal, a sua casa, num ritual lúdico, brincando do seu jeito numa viagem única e verdadeira, estabelecendo a ponte entre o real e o imaginário. A criança é extremamente sóbria no recrutamento desses diferentes materiais, pesquisadora atenta e determinada; uma simples pena, um pedaço de pau, uma semente lhe permite criar o mundo exuberante de formas e figuras. Encontramos na música de Odilon Machado para o espetáculo infantil “As aventuras de Samba Lelé”, uma curiosa leitura desse mundo de cacos, sementes e pedrinhas:

¹²⁰ -ANDRADE, Carlos Drumond. *Infância*. in: Reunião. Rio de Janeiro: José Olympio. P. 3-4.

¹²¹ -BENJAMIM, Walter. op. cit. p.77.

*Você menino tem tudo, tem todas as coisas no bolso,
no bolso tem pedra, tem sol e tem chuva ,
tem árvore, tem terra e tem lua
no bolso do menino e na bolsinha da menina
eu vou guardar também uma canção.
Você menino e menina está tudo escondido no bolso
mas o seu até parece um bolso furado
mas é no seu bolso que o tesouro é guardado.
Cadê as cirandas e as cantigas de roda,
eu estou preocupado e com razão.
Você menino é doido, e tem o mundo inteiro no bolso,
no bolso tem herói e dragões,
tem cavalo com asas e super heróis,
tem até as aventuras do samba-lelê.¹²²*

Esse texto trabalha no sentido da recuperação das cantigas de roda e outros brinquedos, tendo como protagonista o samba-lelê, personagem que se cansa de viver em uma música que ninguém canta mais, e tem como companhia constante uma mulata agarrada à sua saia. Desiludido com o descaso pelo brinquedo, ele resolve deixar de ser música e virar menino para ver se brinca de novo nas horas do recreio. Com ele resolvem partir todos os outros personagens dos brinquedos cantados, que também se sentem desprezados pelas crianças que preferem “televisar” ao invés de brincar. Nesse contexto, armam uma revolução geral, embora pacificamente conclamem as crianças a deixarem de ver a vida na TV e irem para os quintais, viver suas vidas, brincar. O autor faz a reflexão sobre o desaparecimento do brinquedo numa linguagem estética, já preocupado com a substituição dele pela tela da televisão, numa década em que o apelo comercial não atingira ainda o seu auge. Lembra-nos da omissão da escola que não estimula mais o tempo de brincar, o que faz com que as crianças o esqueçam de fato no bolso, como diz a canção, uma vez que o recreio não representa mais a liberdade de voar depois da tarefa e o brinquedo se afastou de sua rotina.

Todas essas preocupações nos foram apresentadas no decorrer do nosso trabalho e, curiosamente, não foi possível detectar nenhuma reação de mudança no sistema, ainda que o assunto fizesse parte da pauta de várias assembleias e constasse de planejamentos pedagógicos elaborados com zelo. Até mesmo, o universo entra em sintonia com a criança quando brinca. Se nós que buscamos o brinquedo como um dos elementos primordiais para se entender o homem, não ficamos indiferentes ao seu mistério, antes, tentamos entendê-lo na sua essência primitiva, ou pelo menos explicar a sua história no tempo; ao educador caberia estimular sua vivência como prática pedagógica no sentido do humano. Na sua configuração ontológica, podemos ainda defini-lo como um soluço do mundo sensato. De acordo com Filho:

*Nas mãos do menino
A bola girando, girando,
é o mundo.
Nas mãos de Deus,
o mundo
girando, girando,
é a bola.
Será o menino*

¹²² - MACHADO, Odilon.in: *As aventuras de Samba Lelê*. Texto de teatro. Sem publicação. 1980.

*Deus?
Será Deus um menino?*¹²³

Nas mãos do(a) menino(a), qualquer objeto se transforma em brinquedo e adquire valor simbólico, cria vida, atinge o imaginário, no qual estará presente o real e a fantasia. Coleciona tudo que possibilita a sua imaginação criar, ampliando sua referência de mundo. Como um mágico, a criança dá vida a tudo que toca no ato livre de criar, enquanto brinca, prerrogativa da Infância ou do brincante- que ainda carrega consigo na seriedade imposta pela vida adulta, o olho do menino.

O adulto também possui o tempo do brincar, de jogar, se estiver aberto para isso, o que não significa uma regressão à infância, mas uma libertação da mesmice, da dormência repetitiva do cotidiano. Precisa fugir, escapar da realidade que o escraviza: “sair de órbita” ainda que temporariamente, para voltar revigorado para o embate de cada dia. Há sempre uma criança adormecida em todo adulto, e, para acordá-lo, é necessário o devaneio da volta à infância pela memória e imaginação. Então ele começa a inventar jogos de salão com suas regras que assim, revestidos de seriedade, servem de escudo para defender a alegria espontânea que o brinquedo provoca. *O jogo autêntico e espontâneo pode ser profundamente sério ... A alegria que está indissoluvelmente ligada ao jogo pode transformar-se não só em tensão, mas também em arrebatamento. A frivolidade e o êxtase são os dois polos que limitam o âmbito do jogo.* É Dionísio presente no jogo.¹²⁴

No receio de se infantilizar, uma vez que a infância não é vista como um momento da vida de muita responsabilidade, o adulto cria regras para a competição, que o permite sair do esquema de trabalho duro, imposto pela sociedade capitalista. O jogo possui a característica da informalidade como atividade livre considerada “não séria” e extra- cotidiano, mas capaz de envolver o jogador de forma intensa e total. Ele remete o homem para o interior de si mesmo, em contato com sua natureza e com o mundo, reestabelecendo o elo perdido.

Essa sensação de magia e arrebatamento contida no processo de brincar não se define, apenas é percebido pelo que brinca, ficando este completamente possuído pelo brinquedo, que se manifesta num plano paralelo, simultâneo à realidade. Esse “estar tomado”, no currupio¹²⁵ da infância, enquanto brinca, só é sensível ao que se permite entrar no jogo e estabelecer a relação com o invisível. *Brincar só acontece com o ‘sim’ do sujeito. A “natureza da gente,” numa abordagem ingênua, pode remeter-nos a uma concepção idealizada de ser humano, nessa natureza está contida o “impulso lúdico,” aquele que é a fusão do impulso formal e sensível.*¹²⁶

Esse encantamento que o brincar provoca e que arrasta para fora do eixo formal e comportado não habita apenas o mundo infantil, antes poderá enriquecer a vida de qualquer um, em qualquer idade, constituindo-se em uma experiência única e intransferível, que empurra para o surpreendente e misterioso encontro da identidade universal. O brincar é, por isso, atividade que envolve, e estabelece um contato com algo maior que o hoje, num reencontro com a origem, com os ancestrais brincantes, com as vozes do passado. Esse envolvimento faz com que o brincante esqueça de si e do tempo, pois ele está

¹²³ - FILHO, Hardy Alcoforado. *Jogo de bola*. In: O Bailado. São Paulo.: Scipione, 1992, p..27.

¹²⁴ - HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Perspectiva, 1993, p.24.

¹²⁵ -CURRUPPIO: Brinquedo e brincadeira. O brinquedo pode ser confeccionado com botão (de roupa) grande ou, tampa de sucos, leite, frascos de plástico ou de rodela de cabaça, com dois furos no centro, por onde passará um pedaço de cordão com as pontas ligadas. Gira-se esse disco e puxa-o num ritmo ininterrupto, para que ele dê a sensação de subir e descer. A brincadeira se constitui em duas crianças de mãos dadas, ou melhor, ligadas pelas pontas dos dedos ligeiramente curvos, frente a frente, com a ponta dos dedos dos pés também ligados, o corpo ligeiramente inclinado para trás, girando, girando até soltarem as mãos e rodopiarem cada uma para um lado. Definição dada a partir da vivência pessoal da pesquisadora e observações feitas em espaços do brinquedo.

¹²⁶ - PEREIRA, Eugene Tadeu. op cit. p. 141.

muito bem centrado ali, na dimensão lúdica do desconhecido, que a fantasia alimenta na construção do imaginário:

A gente brincava na rua até ouvir o chamado da mãe, depois de inúmeras tentativas sem nenhum sucesso, a gente não parava, parecia que não estava ali, era um outro lugar, o do mocinho da matinê, do circo, do pique-pega, não lembrava nem do xixi. Parecia que o tempo parava, não pensava em nada, era só alegria. Aquilo, era todo dia depois da escola, uma pressa danada de chegar o fim da aula e encontrar os amigos na rua e o brinquedo não tinha hora para acabar. Naquele tempo as ruas eram das crianças, não tinha perigo nenhum, não tinha movimento Hoje em dia, não pode deixar menino sozinho e os pais não tem tempo de ficar na porta da rua e depois tem a televisão.¹²⁷

Eu brincava muito de ser herói, porque ser herói é divertido. Você sabe que não é de verdade, é de mentira. Eu gostava de ser o homem-aranha, Peter Pan e Tarzan quando eu ia para o meio do mato, todo mundo falava que era. Era muito pequeno, usei capas, revólveres era demais! Eu fazia o revólver de galho de árvore, mas quando brincava de “camoni” eu gostava de revólver de espoleta. Brincava também de polícia e ladrão, naquela época todo mundo queria ser polícia, hoje penso que eles iriam querer ser ladrão.(ri) Corria atrás de um e do outro. Trocava tiro: “Acertei?” “Não, não, eu não morri!” “Morre então Uai!” “Acertei no braço!” “Matei sim, pode morrer!”. Tinha que deitar e morrer lá no chão. Planejava tudo, tipo um filme na cabeça da gente. Primeiro a gente fazia o revólver, eu gostava de fazer de talo de mamão, aquela parte mais grossa, fincava um palitinho de fósforo para ser o gatilho. Esquecia do tempo. Brincava até a mãe chamar para o banho. Eu saía de manhã para o brinquedo e só me lembrava de voltar quando a sirene do Baduy¹²⁸, apitava as 11 horas. Até apitar eu não preocupava com nada não. À noite eu gostava de ir para a marginal¹²⁹ soltar pipa, principalmente no mês de junho, no frio. Adorava por calça comprida, calçar o meu tênis, e as minhas luvas e ia para a marginal e soltava pipa noite a dentro. Ia dando linha, dando linha até sumir, a pipa, não via mais, só sentia a linha na minha mão e ficava ali, segurando a linha por mais ou

¹²⁷ - ALVES, José Mauro. *História de vida*. Cit.

¹²⁸ -A sirene do Baduy marca a vida da cidade. É uma fábrica de laticínios na cidade, que hoje funciona em outro local mas mantém a tradição de chamar para o trabalho às 8:00 horas, para o almoço e de volta dele, bem como encerrar o expediente. A passagem de ano para os ituiutabanos só acontece após o toque da sirene à meia noite., os conservadores só pegam o prato para servir o almoço após o toque da sirene. Sobre ela canta o poeta Odilon Machado: *São onze horas na cidade a vida aberta faço um dueto sirene do Baduy. São onze horas coração mais que desperto, da rua 20 estou mais perto, mesmo estando tão longe de ti.*

¹²⁹ - A Marginal, é a avenida sobre o córrego sujo, onde cai o esgoto da cidade, que por ocasião da canalização ficou muito tempo sem asfalto, permitindo à criançada maior liberdade para o brinquedo. Essa canalização tem sempre grandes problemas e foi chamada pela demora da conclusão de sua obra de : A obra do século. Ela fica entre as avenidas 13 e 15 em Ituiutaba.

menos 2 horas, depois eu a recolhia toda molhadinha, umedecida pelo sereno da noite, e eu achava bão..¹³⁰.

Brincava muito com meu irmão de “máquina do tempo.” A gente subia em cima da cama, punha dois criados de madeira que era da minha mãe, colocava uma coberta em cima, entrava debaixo, enfiava as pernas no meio do criado e ia navegando, viajando pelo tempo, encontrando mil obstáculos e inimigos pelo caminho. Isso até a hora de apitar 11 horas, que então eu saía no “gás” para o brinquedo de prazer maior: encarapitar nas pernas do meu pai, para ele me levantar nos braços e descer até minha casa, quando ele apontava na esquina, de volta do trabalho.¹³¹

Eu lembro da lojinha, Loja do Ferreira¹³², era na esquina e tinha de tudo, era tipo um armazém, mas vendia de tudo; tinha dedal, linhas, agulhas, essas coisas de costura que a minha mãe precisava. Então, eu falo isso porque acho grandioso, eu ia pelo caminho para comprar essas coisas para mamãe e encontrava um amigo qualquer e parava para brincar e esquecia às vezes até o que ia comprar, o tempo passava. Lembra a personagem do “Vila Sésamo” que saía para comprar batatas ou outra coisa qualquer, ia repetindo baixinho a lista de compras e pelo caminho se distraía com a vida, esquecia tudo e tinha que voltar para de novo perguntar o que deveria comprar, isso acontecia por várias vezes, até que a mãe da garota desistia e ia ela mesma cumprir a tarefa. Assim era eu. Ficava completamente envolvida pelo brinquedo que era bola, pique-pega, a gente parava e sei lá, esquecia do tempo, não tinha idéia das horas, quando chegava em casa até apanhava e repetia tudo de novo depois que esquecia dos tabefes.¹³³

Observa-se que o sentimento nostálgico da Infância, como momento de alegria e plenitude, está presente em todos os depoimentos. Aqui fica evidenciado o caráter de fascínio, devaneio, envolvimento, uma quase hipnose que as lembranças da infância provocam, numa regressão ao passado, que também retrata um momento de calma no comportamento das pessoas, em confronto com a vida frenética dos tempos atuais, da qual não se consegue desvencilhar. Podemos entender, a partir dessas ponderações, que o brinquedo reflete o momento, sendo um elemento constituinte do comportamento humano.

Apesar da irreverência do jogo ou do brincar, estes se constituem em atividades revestidas de profunda seriedade, é o trabalho da criança, é o que ela sabe fazer por si só. Podemos vê-la compenetrada, completamente abstraída na hora da brincadeira, de forma tão solene, sacralizando o momento de fantasia como quem habita uma outra esfera inacessível aos de fora, mas inteligível, ela sabe que está brincando. Essa mesma solenidade está presente na concentração do atleta, na execução da música, na presença do ator no palco, no ritual sagrado, embora todo esse envolvimento e enlevo seja

¹³⁰ -QUEIROZ, Flávio Leon Denis. *História de vida*. Cit.

¹³¹ -SANTOS, Alessandra Borba dos. *História de vida*. Cit.

¹³² - Lojas que se pareciam com Supermercados, só que os produtos não possuíam a organização deles e não eram acessíveis aos fregueses, que eram sempre atendidos pelo dono ou o filho ou afilhado. Esta loja era na cidade do Prata, não existe mais.

¹³³ - FREITAS, Sônia Maria de. *História de vida*. Cit.

consciente. Pode-se afirmar então que a qualidade lúdica é própria das ações mais elevadas das práticas sociais.

2. SE ESSA RUA FOSSE MINHA

*Se essa rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
Não para carro matar gente
Mas para criança brincar¹³⁴*

E era. A rua pertencia aos bichos e às crianças, assim como as praças, na solidão do luar. Habitavam também esse espaço, os loucos, mendigos- poucos na verdade- assim como vendedores ambulantes, engraxates e bêbedos. Essa é a imagem da rua de brincar dos nossos sujeitos, no reencontro com a criança que foram um dia. Eles nos apontam, nas suas histórias ruas de muitos lugares, praças que atendem ao padrão da moda sem a preocupação de guardar o ontem, de fixar as marcas que costuram a história, quintais esquecidos em uma gaveta qualquer da memória, circos que já não mais modificam o desenho do cotidiano, brinquedos de ontem e sempre. Olhando por sobre o ombro, podemos ainda vislumbrar as silhuetas, assim como nos conta Sônia sobre as brincadeiras de rua na cidade de Prata:

Não, a rua não era movimentada. Carro quase não passava. Não se via isso. Como era uma cidade de clima mais quente, as pessoas ficavam assentadas nas suas cadeiras, nas portas de casa, na calçada, ou mesmo em alpendres, as que os tinham, vigiando as crianças que brincavam. A gente ficava praticamente na rua inteira brincando de queimada, bete. Nós não víamos perigo na rua, embora nela transitasse os mendigos, os malucos, ninguém passava para gente a idéia de violência da rua não. As diferenças sociais não eram impedimento para as relações. As formas de lazer eram as mesmas para todos, o espaço era um só. Ao invés de sair para a pizzaria, as famílias saíam para a praça. Na praça tinham dois caramanchões, forrados de pedra de rio, parecidas com amendoim. Quem estava na praça estava nesses caramanchões. Eram bem altos, a idéia que eu tenho de criança é que eles eram alguma coisa que saltava à vista. Os banquinhos que os pais assentavam eram um pouco longe deles. Você entrava neles por uma escadinha, porque era um pouco alto do chão. Tinha três pilastras de cada lado feitas dessa pedra e com buganvilles, plantados e enroscados nelas, tinha assim um cipozinho de buganville sem flor nem nada, só para compor o cenário do caramanchão. Tinha também uma basezinha, que você podia assentar ou então você subia para brincar de pedir cantinho, nas pilastras e era o brinquedo que eu mais gostava, pois parecia que as pilastras estavam ali, esperando a gente para brincar. E tinha o circo. O circo influenciou as nossas brincadeiras no quintal e na porta das ruas. A gente reproduzia todas as coisas do circo nas brincadeiras e uma delas era o teatro, pois tinha o “Drama” do circo no final dos espetáculos. Eram histórias simples, até mesmo de lobisomem, que trazia para dentro dele as famílias para assistir. Era de praxe, na cidade todo mundo adorava: tomavam banho, se

¹³⁴ - PAES, José Paulo. *Convite.in: Poemas para brincar*. São Paulo: Ática. 1990.

*arrumavam para ir ao circo, teatro no circo, era uma coisa deliciosa. Apagavam-se as luzes e eu ficava agarradinha no meu pai, pois eu sabia que o lobisomem viria e era coisa de sonhar à noite. Uma comédia era sempre uma surpresa muito gostosa. Nos próximos dias, a brincadeira seria toda inspirada no circo, às vezes até usando as histórias mesmas contadas por nossa mãe.*¹³⁵

A encenação dessas histórias, que aconteciam nas portas das ruas ou quintais, contava sempre com a figura do apresentador, que colhia dos espectadores, as possíveis performances. Era utilizado um microfone feito de cabo de vassoura e uma lata de estrato vazia, amarrada na ponta dele. Anotava os nomes dos artistas e o que iam fazer. O figurino era improvisado com roupas dos pais, guarda-chuvas, chapéus e batom, o que agradava muito às meninas, pois criança jamais usava maquiagem. Da nossa memória ficou parte da adaptação para o teatro da história da Gata Borralheira, toda em versos, que fala da luta das irmãs de borralheira para ficarem bonitas para o baile:

*As duas sabendo disso, trataram de se aprontar. Gastaram mais de doze cordões, para a cintura afinar.*¹³⁶

Outra rua, a mesma cidade, cotidianos semelhantes, saudades outras, praças solitárias hoje, testemunharam a repetida história de um mesmo tempo, estampa colorida do painel das lembranças, os significados, só o brinquedo recupera. Bernadette define a sua rua e cidade com um olhar mais apaixonado, de quem relutou em deixar a casa, o arcabouço dourado em que enrodilhou a infância:

É uma cidade que não sai da cabeça de ninguém, que marcou muito a vida de todos nós, a gente saiu, mas o coração está lá. Um lugar onde você viveu sem perigo, que todo mundo conhecia todo mundo: “Olha, vamos pajear, porque é filho do fulano!” “Ô meu filho não faz isso não, você é o filho do fulano?” Foi uma infância muito boa, sem maldades, sem aborrecimento quase nenhum. É uma cidade boa de morar, não sei se é a minha visão de menina, mas para mim, até o passarinho cantava diferente, a árvore floria diferente, mesmo a rua, não sei, que a gente andava e brincava era diferente. A rua que eu brincava era de terra. Logo depois veio o progresso, mas foi bem mais para frente, o que calçou foi a pedra de rio e só depois o paralelepípedo e bem mais tarde, o asfalto. Ela era pequena e estreita, mas a dimensão que eu tenho é de grandeza, porque a gente não conhecia mesmo muitos lugares, só os municípios em volta, fazendas, então a cidade para gente era uma beleza, não era nem Prata, era ouro. Carro, eu me lembro era só o do Olegário, dos fazendeiros e o do Dr. Dudu. Tinha dois bairros o do Soca e o do Chuvisco. Tinha possibilidade de crescimento, mas parece que os políticos gostavam mesmo era da cidade um pouquinho menor. De certo era mais fácil de tomar conta, né?”¹³⁷

¹³⁵ - FREITAS, Sônia Maria de. *História de vida*. Cit.

¹³⁶ - Naquela época era comum usar sob o vestido um cinto de tecido para afinar a cintura, ou mesmo as chamadas “cinturitas”, que eram cintos de elástico, bem apertados, que as mocinhas usavam e ficavam todas de cintura fina.

¹³⁷ - MENEZES, Maria Bernadette Mello. *História de vida*. Cit.

Refazendo a história que a memória guarda, retomo a via por onde passei um dia e vejo: da sacada do Prata Clube (avistava-se) sob a parca iluminação da praça, o vermelho dos flamboians, as pilastras dos carramanchões que nos pareciam verdadeiras colunas gregas, onde as crianças buscavam espaço para voar: “Me dá cantinho? Vai pedir seu vizinho, Limão galego, relá mão, tá pegó! Barra manteiga na saia da nega! Vamos brincar de estátua?” As mães assentadas nos bancos curvados de recosto abaulado, onde outrora namoravam, garantiam a ordem da brincadeira, enquanto trocavam receitas de doce e de vida. Os homens também não iam muito longe e, predominava na roda, o riso gostoso da última piada contada bem ao jeito do mineiro interiorano, matreiro e zombador. Essas representações nas cenas do cotidiano, bem como a configuração dos espaços de brincar e da cidade nos é revelada pelos nossos interlocutores, no despertar do passado:

Cidade pequena, com ruas calçadas de pedras de amendoim, tipo pedra de rio. Eu morava numa rua um pouco inclinada. A dois quarteirões de minha casa tinha uma rua de terra, a poucos metros dessa rua uma cachoeirinha, a dois quarteirões acima de casa era o centro da cidade com um clube, uma praça onde as pessoas se encontravam à noite, as mulheres para conversar e os meninos para brincar nos caramanchões. Eu diria que era uma cidade simples e rica em termos das inter-relações. Eu morava num polo a dois quarteirões da cachoeirinha e a dois quarteirões do centro da cidade. Ao redor dessa praça brincavam os meninos filhos de médico, com os filhos do pedreiro. Na cachoeirinha encontravam-se meninos e meninas da mesma faixa de idade, com as mesmas brincadeiras. Não tinha televisão nessa época, não tinha hábito de assistir uma novela. Ela chegou lá no final da década de 60 e não adquiriu essa importância que se dá hoje. Às vezes se parava após o jantar para uma novelinha, como não eram todos que possuíam o aparelho, juntavam-se nas casas de vizinhos. Ao lado de nossa casa havia uma família com muitos filhos. De tardezinha eles tomavam banho, penteavam bem os cabelos e iam todos para a nossa casa assistir a novela todos os dias, às vezes até chateando a minha mãe que queria sair com a gente. Ninguém na minha casa curtia muito televisão não. Gostávamos mesmo era de brincar na rua e sem nenhuma distinção de classe, era um ambiente riquíssimo para o crescimento pessoal. Em 64 foi um tempo de muito brinquedo¹³⁸.

Sônia morava na cidade de Prata. Via a cidade com seu olho de menina que, no momento da entrevista, também adquire essa juventude. No seu campo de visão hoje, de mulher moderna, moradora da cidade de Brasília, não se apresenta nenhuma interferência na idéia que ela tem, do que foi a sua história nesse pequeno espaço do interior, onde brincou junto com a repressão ainda que velada, em função da ditadura militar, que povoava o cotidiano das cidades maiores, refletindo em dose menor nesses lugares esquecidos pelo progresso. Essa sua definição da cidade confere com outras advindas das nossas pesquisas feitas nessas cidades, bem como nossa vivência nelas, por ocasião da infância. Para Alves em Ituiutaba era assim:

¹³⁸ -FREITAS, Sônia maria de . *História de vida*. Cit.

Naquele tempo era assim: a iluminação das ruas era fraca e feita pelos “tomatinhos”, aquelas lâmpadas que eram acendidas por um rapaz que chegava de bicicleta e com um bambu, cutucava-as, às 6 horas da tarde e desligava do mesmo modo às 6 horas da manhã. Quase não tinha rua asfaltada, só paralelepípedo tinha pouco, era mais pé-de-moleque, não, não, era terra mesmo. Minha mãe até mandava a gente ir na rua para pegar pedra para amassar e limpar as panelas, aquelas pedras maiores que saíam porque passavam alguns carros. Na época a gente não tinha muito poder aquisitivo não. A cidade não tinha gente com dinheiro não. A gente aproveitava o que tinha. Plantava nos quintais, fazia hortaliça. Eu comi muito molho de mamão verde, o pessoal usava muito. A cidade não era lá essas coisas. Tinha muito pouco, o transporte ainda era todo animal. Tinha um vizinho nosso que tinha carro de boi. O lixo era colocado na rua, tudo jogado. De 68 para cá é que Ituiutaba deu uma melhoradinha. Tinha até um ditado que dizia: “Ô Ituiutaba de fama, quando não é pó, é lama.” Quando eu era menino, não tinha brinquedo não. A gente construía com o que tinha.¹³⁹

São representações que permanecem dentro das pessoas, povoando o imaginário, de quem ficou lá num momento, em outra data, como diz o poeta, *no tempo em que se era menino, no tempo em que se era pirata.*¹⁴⁰ A cidade mudou, o que não mudou foi a vontade de guardar o tempo, cristalizar o momento para sentir outra vez o vento no rosto, encontrar de novo os flamboians vermelhos que cerram a lua, o silêncio do domingo com cheiro de saudade. Na conversa com Cardoso, a mesma lembrança com um novo sabor, ela fala do jeito das pessoas viverem aqueles momentos em que se traduz a mesma simplicidade:

Eu não me lembro de ninguém dizer que a vida era difícil como a gente vê hoje, apesar de todas as facilidades da tecnologia. Eu até comento com as pessoas que quando eu era menina eu não ouvia falar de crise não, essa palavra não existia na minha casa e nós éramos pobres. Eu acho que a gente era tão simples que nem sabia que existia crise, nem pensava nisso. A simplicidade era demais, tinha o essencial, o principal. A comida era a mesma de todo mundo, a roupa era para vestir e não para exibir, a cama era para dormir, a limpeza da casa era o que fosse apenas necessário. Não me lembro de falar de crise nem de miséria, isso não, eu nunca passei fome, apesar da vida simples de gente pobre. A gente brincava muito. Não vivia fazendo festa não, não tinha isso, a gente brincava na rua boiadeira, lá na rua de terra, de pique-pegas, saía correndo, escondia, saía do esconderijo para os colegas pegar. Não tive uma infância marcada por clubes, essas coisas não. Lembro também do caramanchão da praça, toda rodeada de árvores e pintadinha de criança! Lá era só alegria, muito brinquedo de estátua, de me dá cantinho, vai pedir seu vizinho,

¹³⁹ -ALVES, José Mauro. *História de vida*. Cit.

¹⁴⁰ -PAES, José Paulo. op. cit.

chicotinho queimado... Todo Domingo depois da missa da tarde, era a mesma coisa, as mães sentavam pra trocar as conversas e olhar a gente de rabo de olho, e o brinquedo corria pela noite a dentro, até as dez horas, que as mães eram muito exigentes naquela época, embora eu não tivesse mais a minha, a vovó não me dava trégua não. Aqui em Ituiutaba eu senti uma diferença muito grande, custei a me acostumar, era um povo mais fechado, no Prata não, está do mesmo jeito, até hoje. Lá você passava e perguntava: - O fulano tá bom? Aqui não, eu me sentia desprotegida, era muito diferente. Eu dou muito valor nessa simplicidade, acho muito bonito, porque o progresso acaba com muita beleza.¹⁴¹

Ela viveu entre Prata e Ituiutaba e segundo diz, anda nas ruas de Prata e nas calçadas de Ituiutaba. A diferença entre as duas não é só a terra vermelha que colore esta última, mas por ser uma cidade maior, mais progressista, com um povo de natureza mais fechada.

Essas cenas onde o lúdico preenchia o vazio das ruas, das praças e até mesmo das pessoas acostumadas ao pouco desejar e despreocupadas em medir o tempo, se repetiam sempre a cada domingo após a missa das sete com o pároco local (cidade de Prata), o enérgico e dominador padre “Casinha”, presente na vida das pessoas do lugar, desde 1946 até 1983. O padre, naqueles tempos, era autoridade máxima na cidade: era delegado, farmacêutico, conselheiro, educador, ele era tudo, como nos contou o professor Sebastião:

O padre só é mais preso no seu ministério se a cidade tiver autoridades constituídas por prefeitos, juizes, aí ele fica mais, só na parte religiosa, mas não deixa de intervir na vida dos outros não. Ah, podendo eles interferem mesmo, isso é batata!¹⁴²

O padre Casinha era conservador até na confissão, quando todos recebiam as mesmas advertências e pagavam a mesma penitência. Era contra qualquer idéia um pouco mais progressista, assim, impediu por muito tempo a demolição do prédio da Igreja, cuja madeira já estava completamente tomada por cupins. Interferia no comportamento dos jovens com seus sermões severos em que, com o dedo em riste, apontava pecados e pecadores, como podemos observar nos relatos que se seguem:

O padre Ângelo Casa Grande foi o pároco de lá muitos anos. Sistemático!(com ênfase)Se alguém chegava atrasado na Igreja ele já ficava bravo...algum “casalim” de noivo que chegasse atrasado, ele ficava nervoso...! e às vezes largava até o altar e ia embora, precisava das pessoas ir lá chamar e dizer para ele ter um pouco de paciência, que as pessoas tavam chegando. Ele passava o maior pito em todo mundo e nas pessoas que tavam chegando. Teve um casamento de uns agregados nosso, eles foram pra casar e era o Padre Casagrande ainda, o pai humilde, né? O pai do noivo muito humilde tava fumando dentro da Igreja, uma pessoa humilde

¹⁴¹ -CARDOSO, Maria Adelina Vieira. *História de vida*. 12/03/2001. Adelina tem 52 anos. Nasceu no Prata e foi registrada em Ituiutaba onde morou até dois anos de idade. Voltou ao Prata e morou até a adolescência retornando para Ituiutaba onde reside até hoje.

¹⁴² -ÁVILA, Sebastião Alexandrino de. Entrevista. Cit.

fazendo aquilo de pura ignorância, por simplicidade, né ? Nossa! Mas ele ficou tão revoltado que falou que nunca mais entrava naquela igreja. Quer dizer que aquilo foi péssimo prá religião. O tempo que ele morou lá, Deus que me perdoe, mas era uma coisa que tava acontecendo, o povo tava deixando, afastando da igreja porque o padre era nervoso, ele dava bronca mesmo! Mais tarde eu fiquei sabendo, parece que ele tinha aquela doença....(estala os dedos) Como é mesmo...a pessoa fica zonzã...(lembrando) Ah! Labirinto. Ouvi falar que tinha crise de labirinto muito forte e às vezes ele ficava nervoso por isso, né?¹⁴³

Tinha muita festa na cidade, festa da padroeira, coroação de anjos no mês de maio, mês de Maria. Eu fui anjo. A gente cantava em fila com flores nas mãos, antes da coroação”. Oh vinde, vamos todas, com flores à Maria, com flores à Maria, oh! virgem mãe de Deus”. Cada um dos anjos representava uma flor, cantando: “ Lírios, lírios, roxos lírios” Eu era o junquilha. Depois que cada um cantava o seu verso, sentava na escada para ser coroado e tirar fotos. Só as meninas participavam. Tinha também a primeira comunhão com festas nas escolas, muito bolo, guaraná. Isso acontecia depois da missa. Entrava primeiro as meninas todas vestidinhas de noivinha, com rosário, terço, missário na mão, na escola para a festa, pois elas estavam de jejum devido a comunhão, que era feita pela primeira vez em jejum. Só depois que o padre chegava na escola é que podiam servir os doces e só depois que as meninas da primeira comunhão comessem é que abriam-se as portas para a família delas. O padre era muito bravo. Ele e meu pai tiveram com revólveres na mão. O padre excomungou meu pai e jogou-lhe uma praga. O padre excomungava crianças, xingava todo mundo e adorava jogar praga. Ele detestava criança. Se menino chorasse na missa ele ficava muito bravo e mandava a mãe sair com a criança.¹⁴⁴

Junto com as lembranças, foi-se também a antiga praça dos caramanchões, da cidade de Prata, substituída por uma fonte luminosa de concreto e uma concha acústica, como se a acústica não se produzisse na natureza por entre as árvores vermelhas dos flamboyans. Também desapareceram os encontros amistosos do pós-missa, ao mesmo tempo em que o som da televisão calava os gritos das crianças na hora de brincar. A Igreja regia os momentos coletivos de lazer com suas festas que duravam semanas inteiras, e a missa segurava o cordão do tempo: *Não existe Sábado sem sol, Domingo sem missa e Segunda sem preguiça*, diz o adágio popular. Naquela cidade, no Domingo, a missa era o acontecimento de maior galhardia, só depois dela a vida podia continuar.

Mais leves, após a cantilena do mesmo ato de contrição, os jovens e as crianças saíam da missa para a dança da rua com suas cirandas, girando na praça e o vai- e- vem na esquina do cinema, o Cine Prata, hoje sede do Banco Bradesco. Sobre esse momento ilustra Silva:

¹⁴³ -VILELA, Maria Aparecida Andrade. *História de vida*. cit.

¹⁴⁴ -MENEZES, Maria Bernadete Melo. *História de vida*. cit.

A porta do cinema era o centro social da cidade, referencial para tudo, ponto de encontros, a calçada do vai e vem da moças no exercício da paquera. Só não havia sessão quando o palco era usado para espetáculos ou cerimônias de formaturas do Ginásio São Luiz. As latas com os rolos de filme chegavam pelo ônibus da véspera. Na saída das aulas, o cinema estava no caminho e a gente passava para conferir a programação com o Hélio Tucano, sujeito polivalente nas funções de pintor de cartazes, porteiro ou bilheteiro. Nem precisava. A tarde, o Zé Morcego, arauto oficial, saíria pelas ruas apregoando: “Não percam hoje na tela mágica do Cine Prata...” O Alaor, ou o Jair, donos do cinema, tremendos gozadores, soltavam o Zé Morcego, magrelo, muito branco, grandes orelhas em abano, megafone na boca, fantasiado de acordo com o programa do dia: Tarzan, bang-bang, cavalaria, capa e espada... Um espetáculo quase tão bom como os da tela.”¹⁴⁵

Ali ficavam os rapazes com um pé no meio fio da calçada e, no olho, um ar de malícia misturada a uma doce timidez e a esperança, que numa cruzada de olhar, o convite para pegar um “bonde” com a garota dos sonhos.

Esse vai-e-vem nas calçadas públicas de um local central das pequenas cidades, hoje substituídas pelas portas dos barzinhos, fazia parte do costume da época em que a rigidez paterna já começava a abalar. Mesmo assim, esses passeios inocentes com a amiguinha da escola ou vizinha de porta, não poderiam acontecer muitas vezes por semana, correndo as moças o risco de ficarem “batidas”. Em Ituiutaba, cidade cuja população mesclou as mais diferentes pátrias desde os primórdios; os sírios libaneses, portugueses, italianos, gregos e nordestinos trouxeram em suas canastras as cores de suas remotas tradições e realizavam aqui os seus encontros culturais nos populares saráus, o que mais tarde originou as “brincadeiras dançantes”. O “footing” na porta do cinema também era uma prática, naquele tempo em que a cidade contava com a presença de duas casas de espetáculos. Até 1970, para entrar nesses cinemas, os rapazes precisavam usar uma roupa mais formal, traduzida no paletó de cambráia e gravata tradicional. Esse vai-e-vem displicente acontecia com maior frequência ao redor do coreto do jardim, descrito por Chaves:

Havia duas alamedas cruzadas ligando os quatro portões e que faziam junção justamente em frente ao coreto e davam acesso à pracinha, por qualquer entrada que o visitante preferisse. Outra alameda contornava o jardim, fazendo confluência com mais uma de cada lado da alameda central, quatro ao todo, retilíneas, de chão batido, por onde passeavam moças e rapazes, no prá-lá,prá-cá em grupos separados, circulando em sentido inverso, namorados trocando, de longe, olhares apaixonados, nos fortuitos e rápidos encontros... Os passeios no jardim, às tardes de domingos e feriados, após o jantar, que era servido costumeiramente às 4 horas, terminavam ao crepúsculo, “seu crepúsculo de ouro”, com a retirada dos jovens, que voltavam aos lares ou iam assistir ao cinema, enquanto outros procuravam residências onde se realizavam brincadeiras já programadas no decorrer do dia.”¹⁴⁶

¹⁴⁵- SILVA, Geraldo Costa e. *Na tela mágica do Cine Prata*. in: Banca de retalhos. Riberão Preto, Artigraf, 1994.

¹⁴⁶-CHAVES, Petrônio Rodrigues. *A loja do Osório*. Ituiutaba-Edição do autor, 1984. p.310.

Enquanto cruzavam à noite os olhares nos namoricos inocentes, dançavam as rodas de crianças em “gatas espichadas e moda da carochinha,” ao mesmo tempo corria, entre os homens, a notícia da alta do boi gordo ou o resultado da última safra do arroz. Valsavam no ar os vagalumes atrás das crianças com a sua cantilena: “vagalum tem-tem, seu pai táqui seu pai já vem”. Para Machado, esse jardim era poesia:

*Uma tarde, e numa vida inteira
não se conhece todo o jardim
seu número
de folhas, risos, falas,
e gritos, sua música,
Ter um jeito de casa
Em véspera de festa, ser luz e silêncio
Ser no tempo, uma fresta.¹⁴⁷*

Nas cidades interioranas, todo domingo era festa; depois da missa, a praça de frente à Igreja matriz enchia de gente e de alaridos de crianças. Era no pique será, no corre cutia, barra manteiga, Mariinha vem pró céu, o Lobo e as galinhas, chicotinho queimado, boca-de-forno, que se garantia o sossego das mães para um dedinho de prosa antes do merecido descanso da faina doméstica, no cansaço das crianças, que iriam para casa nos braços dos pais. Eram momentos plenos, como podemos conferir na descrição de Freitas:

Às vezes, até nossas mães entravam nas brincadeiras. Me lembro de uma delas, aquela que ficava uma menina no centro de uma roda e as outras crianças, seguravam na saia rodada dela que, nesse tempo não eram tão curtas e por baixo usavam anáguas e, enquanto cantávamos, íamos retirando as crianças. No final quando ela estava descoberta, todos se juntavam e jogavam-na para cima gritando: descoberta a Margarida. A música era assim: “Onde está a Margarida olê, olê, olá. Onde está a Margarida, olê seus cavalheiros. Ela está em seu castelo, (repete sempre o olê, olá). Eu queria ver a ela.. Mas o muro é muito alto. Tirando uma pedra. Uma pedra não faz falta..” E assim ia retirando uma por uma das pedras ou, muitas vezes, duas ou três, quando o número de crianças era grande. É bonito de lembrar. Você estava ali na brincadeira e o pai e a mãe, do lado. Era uma maneira saudável de se relacionar, o pai e a mãe de todos ali juntos, enquanto o brinquedo tomava conta da vida e da sorte. Ninguém queria se mostrar melhor que o outro, se tinha ganhado ou não, o que tinha conseguido a nível de dinheiro, nada disso era tão importante. O que fazia sentido era maior, era a experiência vivida no contato com o outro, com a família, isso era muito forte.¹⁴⁸

¹⁴⁷-MACHADO, Odilon.Jr. *Jardim Velho*. In: loja do Osório. op.cit. p.310.

¹⁴⁸-FREITAS, Sônia Maria. *História de vida*. Op. cit.

O cansaço vencia e os pais conseguiam interromper a brincadeira que chegara à exaustão. Já meio adormecidas, as crianças perdiam a referência espacial, enquanto eram levadas para a casa, umas nos braços, outras arrastadas pela mão, revezando o colo vez ou outra, se o caminho era mais longo. Uniam-se o homem e o menino nesse aconchego do caminho de volta, cujos passos retornariam no outro domingo para o mesmo deleite do corpo, jogando no tempo e no espaço, talvez o único jogo tão inteiro e tão intenso.

Os que ficavam para a primeira sessão do cinema, com recursos tecnológicos insuficientes, o raro prazer de ver a exibição de fitas, que se tornariam mais tarde os verdadeiros “cult movies” da época: La Estrada, de Fellini, A Dama das Camélias, Carmem, O Corcunda de Notre Dame, são exemplos do que se via nesses pequenos lugares de vidinha “mansa.” Os enredos desses filmes eram depois apropriados pelas crianças de 7 a 14 anos; nesse tempo a adolescência começava mais tarde, na hora do teatro na rua. Nela acontecia também a reinvenção da vida. As matinês eram recursos usados por essas cidades, na falta de outras opções, com a ausência da televisão, que não atravessou o tempo, sendo facilmente substituído, nas tardes de Domingo, por programas de auditório em TV, ou filmes em vídeo, já na década de oitenta. Pobres NioKas, Jins das Selvas, Lorna, Tarzans, que nos mostravam suas aventuras e sempre se detinham num perigo qualquer, esperando a sua resolução no próximo capítulo, aliás, recurso esse apropriado da novela de rádio, que perderam o espaço para a tecnologia, aposentando a imaginação.

Se esta rua fosse minha, que é também o tema do faz-de-conta na porta da rua, buscou trazer para o presente a memória do jogo, do brinquedo que se dava nas portas das ruas, e algumas vezes, nos quintais dessas pequenas cidades, num momento em que a informação e a vida não transcorriam tão vertiginosamente como hoje. Na configuração das ruas dessas cidades, tudo parecia muito sossegado e elas continuavam sua aparente vidinha pacata, sem maiores complicações visíveis, embora a pobreza continuasse aumentando. Nossas fontes orais, tomadas por um sentimento nostálgico de regresso ao lar, despertado pelas lembranças, tentaram camuflar essa realidade, mostrando-nos as cidades numa visão bucólica, como se elas não pertencessem a esse contexto, talvez, pela recuperação da memória numa dimensão infantil. De acordo com as falas desses sujeitos o tempo caminhava devagar e as relações sociais se efetivavam em lições mais profundas e duradouras, cultivadas espontaneamente em amizades que durariam anos, pela absoluta necessidade humana de compartilhar a vida, e até mesmo, por ser uma das poucas alternativas de se fazer presente numa comunidade e participar de sua história.

Na rua, na calçada, no meio fio, talhava-se o palco onde se recriaria as histórias vividas nas inter-relações do dia-a-dia, de novo o drama da vida com o recheio da fantasia. As relações afetivas e sociais, manifestas no cotidiano, eram reelaboradas e transformadas em verdadeiros textos teatrais improvisados, encenados pelas crianças que faziam do meio fio a platéia, e da rua, o palco onde se desenrolava a ação. Essas experiências “dramatúrgicas” faziam parte da vivência lúdica do entardecer ao anoitecer do dia, nas duas cidades pesquisadas. Eram práticas comuns que permeavam os momentos de lazer, deixando aflorar o imaginário, no verdadeiro faz-de-conta, permitido pelo jogo teatral. É quando se dá a socialização, a administração da relação com o outro, da apropriação da cultura, do exercício da decisão e da invenção. Com base na temática da realidade vivida ou das observações das situações vivenciadas, as crianças compõem o jogo, com os elementos que acham necessários e o representam do seu jeito, à semelhança do já visto, construindo o imaginário na definição dos papéis que assumem. Borba nos esclarece isso na sua narrativa sobre o brinquedo de escolinha:

A escolinha era assim: eu e o Flávio éramos alunos e a Daniela era a professora, sempre ela era a professora, sempre mandava, bom ela tentava, né? A gente não obedecia não, ela ficava uma fera. O Flávio era mais relaxado, eu era assim, muito

quieta, devagar, demorava para chegar no lugar. Às vezes a gente ia num lugar assim cheinho de menino e todo mundo ia correndo, e eu? Ih...aquele negócio de levar bolo, eu sempre levava. Na escolinha a gente tinha um quadro e a Daniela vestia, naquela época as pessoas davam aula e usavam jaleco, ela usava o jaleco da mãe dela. Acho que as professoras usavam jaleco não só para não sujar de pó de giz, mas também par ficar tudo igual. Uma igual a outra e diferente de nós. Elas iguais de lá e nós iguais de cá. A Daniela usava também uma régua grande e ficava sempre muito brava. A gente nem ligava.¹⁴⁹

Na brincadeira de faz-de-conta, em que alguém protagoniza um papel, está o verdadeiro brincar. Nesses papéis que a criança escolhe representar, em que ela “escreve” seu próprio texto, fica evidenciada a inserção dela na história de sua comunidade. Ela revela atitudes e comportamentos referentes a valores de uma época e o como as pessoas se relacionavam com eles. Brincando assim, as crianças podem compreender o mundo e as ações humanas do cotidiano, conscientizando-se da realidade, podendo modificá-la de acordo com a sua necessidade, resolvendo, muitas vezes, os problemas que as pessoas ou a vida lhes impõe.

Ah! A gente brincava muito de teatro também. Juntava os meninos da rua, ia pras calçadas ou mesmo no fundo da casa, organizava o circo com pedras, toco de árvore, pedaço de tijolo pra servir de banco. O ingresso era palito de fósforo, não sei porque. Pendurava lençol em varas ou nos postes, para marcar por onde entrariam os artistas. Cada um inventava uma roupa, uma maquiagem e o artista que iria representar. Eu era invocado com música, por isso tocava minha guitarra feita de tábuas. Quem gostava de cantar, cantava, os mais engraçadinhos eram sempre o palhaço, era um papel muito disputado. Ninguém tinha vergonha não, o circo ficava na cabeça da gente até depois dele ir embora, muito tempo ainda. A gente brincava também com as histórias dos filmes das matinês, os filmes de tarzan, de faroeste, brincava de “camoni” com revólveres de pau de mandioca, aquela parte mais firme do pé, inventava os nossos planos para roubar diligências, para salvar mocinhas...ih, o brinquedo parecia não acabar nunca, se a gente enjoasse começava outra história, tinha sempre um dando idéias. As tampas de panela, as roupas sujas da casa, os chapéus e guarda-chuva, que naqueles tempos usava muito porque o povo andava muito a pé, era tudo usado escondido, as mães não davam muita confiança para os brinquedos não, esqueciam da gente por um bom tempo, só não podia brigar, porque aí o brinquedo acabava e vinha todo mundo pra dentro.¹⁵⁰

Brincava muito de teatro também, de cantar, na fazenda e na casa da minha tia na cidade. A gente pegava um lençol para fazer uma divisa para o palco e dramatizava as histórias que ouvíamos. Tinha uma história, onde havia uma menina que a

¹⁴⁹-SANTOS, Alessandra Borba dos. *História de vida*. Cit.

¹⁵⁰-ALVES, José Mauro. *História de vida*. Cit.

amiga morria e ela chorava e perguntava: “E agora? Quem vai me dar isso? Quem vai me dar aquilo?” e no fim a amiga estava era fingindo, não havia morrido nada. Ela ficava tão brava porque essa amiga não gostava dela nada e sim das coisas que dava a ela. Fazíamos também teatro com as coisas da Igreja, da Semana Santa, por exemplo. Fingia ser a Verônica e desenrolava aquele pano cantando. Ali a gente brincava com os meninos da vizinhança, que quase habitavam o mesmo terreiro da minha tia, um menino criado pela avó, pois sua mãe havia morrido, ficava também por ali. Tinha muita criança lá. A gente assentava no meio fio da calçada e aí cada um fazia uma coisa que dava conta de fazer, ou inventava. Usava roupa suja da mãe, ou do pai, amarrava pano na cabeça, aí alguém rezava ou cantava o que estava na memória. Não é que a gente soubesse algum texto não...A gente inventava de acordo com as coisas que via.¹⁵¹

Essa forma de brincar era muito comum nos anos cinquenta e sessenta e foi desaparecendo junto com o sossego da rua, como pudemos observar. Constituíam-se na reelaboração do lazer de crianças e adultos, com a presença forte do cinema e do circo. Este reunia e nivelava todas as pessoas da cidade, mesmo as que não podiam pagar, ganhavam ingressos, realizando alguma tarefa extra, ou entrando debaixo do pano e, no cinema entravam no “bolo,” no meio da multidão, pelo corredor.

Buscamos entender esses momentos pela representação do brinquedo, refletida nas informações das pessoas que viveram esse tempo e em alguns registros fotográficos que nos foi possível encontrar.

Nos anos cinquenta, a força do rádio interferia na vida das pessoas, mas não impunha modelos e padrões valorativos, sendo ainda o “tete-a-tete”, a conversa na calçada, a melhor forma de filosofar sobre a vida e descobrir o mundo. É também a partir daí que a expansão desenvolvimentista começa a povoar o imaginário popular e a ser meta de governos populistas. As novelas do rádio, suas propagandas, os programas humorísticos eram repetidos com uma outra roupagem nos encontros do dia seguinte, quando as crianças com figurinos pesquisados nos cestos de roupa suja improvisavam as histórias ouvidas, as cenas imaginadas:

“Acordei cerca de três da matina ouvindo vozes no quarto. Conversa baixa. Agucei os ouvidos. Ora a impressão era de que vinha do outro lado da janela, ora que o som das vozes estavam bem do meu lado. De repente, total silêncio. Alguns minutos depois era uma só voz, falando o que não era possível entender. Pensei em rezar ou chamar a polícia. Foi quando a intensidade cresceu. Parecia estar ali no armário embutido. Acesa a luz e aberta a porta, lá estava o rádio. O primeiro que vi foi um bem grande, quase um metro de comprimento. A bateria quase do mesmo tamanho, em envoltório metálico. A gente morava na fazenda e papai voltou de uma viagem trazendo a maravilha. À noite vinham os vizinhos ouvir Tônico e Tinoco, pela Record. Desse tempo ficou a lembrança de ver minha mãe concentrada ouvindo o “Direito de Nascer” e da voz de mamãe Dolores. Quem viveu o momento histórico sabe e entende o valor de tudo isso em nossa formação.

¹⁵¹ -RIBEIRO, Dalva Anéria Marques. *História de vida*. Cit.

Para os mais jovens deve ser difícil imaginar o mundo com rádio e sem televisão.”¹⁵²

Na memória das pessoas que pesquisamos, encontramos as descrições desses momentos acompanhados de reflexão sobre o jeito de se viver naqueles tempos e comparações com o hoje. Ilustrando esses exemplos, “arrancamos do baú,” fotografias preciosas bem como “causos” contados por cronistas que definiam pessoas e personalidades. Muitos deles eram revividos nos espetáculos improvisados pelas crianças no fundo dos quintais ou nas brincadeiras de faz-de-conta, quando as cenas cinematográficas eram repetidas numa nova leitura em que cavalos de pau e cavaleiros mascarados perseguiram os bandidos com revólveres de pau de mandioca, talos de mamão, e as cadeias eram atrás das árvores. Ali no quintal, refazia-se as histórias de Nioka, Jim das Selvas, Tarzans, Cavaleiro Negro, Zorro, do matiné do domingo, numa verdadeira encenação improvisada. Encontramos descrição desses momentos em vários depoimentos. No quintal, a criança era o rei.

E saía o rei, por vezes, a excursionar pelo reino vizinho, em companhia de seu amigo. E quanta coisa nova descobriam!...Fruta nova, bicho novo, árvore nova. E corria a vida, tranqüila e feliz naquele reino: a mãe do rei lavava roupa e cantava, os passarinhos pulavam, voavam e cantavam, as formigas carregavam as folhas, as borboletas enfeitavam, a mangueira fornecia abrigo, mangas e sonhos para o rei e seu amigo. Esse rei cresceu, encontrou sua rainha e com eles mais dois reis e uma rainha, se não de algum quintal, de um playground de edifício. Porque são meninos.”¹⁵³

O tema dos quintais permanece ainda no imaginário, como um espaço esquecido na rede do tempo, só recuperado no encontro com o passado, no contato com a memória. Até a década de setenta, ele era muito presente no cotidiano das crianças. Era o cantinho mágico de grandes realizações da fantasia. Pudemos ainda vislumbrar restos de sua existência, nas lembranças de nossos interlocutores e nas observações do brinquedo hoje, configurações fragmentadas no cotidiano da criança de periferia. No mais, a palavra quintal não se insere no vocabulário da infância do videogame, como pudemos constatar, concluindo então que esse espaço caminhou paralelo às grandes transformações decorrentes do processo acelerado da vida moderna: hoje, o quarto, os “parquinhos”, os clubes, outros tantos espaços alternativos, onde os tentáculos da violência da rua e dos homens não conseguem de todo alcançar, são os quintais.

Aqui, o quintal desses anos, reatados pela presença oral na história desses lugares que procuramos reaver, se fez representar pelo Quintal da Casa Velha da cidade de Prata, ponto de encontro das crianças do quarteirão, após um dia de escola, mas bem poderia ser qualquer, outro no mesmo tempo, sobretudo, nas pequenas cidades. Na rua, o espaço comprido e sinuoso como o rio, permitia as corridas e saltos mais arrojados, os vôos das pipas, o corre corre até a hora de dormir. No quintal, o mundo mágico espelhado nas sombras das árvores, nos galhos transformados em cavalos, casas,

¹⁵²-SILVA,GERALDO Costa e . *Papo de Rádio. In. Banca de retalhos.*. Ribeirão Preto. Edigraf.1994

¹⁵³-CARDOSO, José Eustáquio. *O Rei do Quintal*. Belo Horizonte: Miguelin, 1993.

canoas montanhas e nuvens. Cada canto, um paraíso de sonhos imaginados conectados ao balanço ou gangorra soltos no espaço, signo de asas e liberdade. “Todo menino é um rei. Eu também já fui rei.” Rei do quintal. Todo lugar pode possuir também uma “Casa Velha” com seu quintal encantado. Ribeiro nos fala dele:

Eu já tinha 13 anos quando brincava no quintal da casa velha. Éramos uma turma de 7 ou 8 meninos. Lá havia muitas bananeiras. A tia Chana, falava pra gente ter cuidado porque lá podia haver escorpião e a gente andava muito descalço. Ele era no meio do quarteirão para o lado do Soca. Eu me lembro do João doido, João Pão, a gente falava dormindo lá,, ele cuspiu no sol. Nós éramos um quarteto que sempre brincava lá: eu, a Liciane, a Eliane, e a Maria Ângela.. Tinha muita fruta nesse quintal.¹⁵⁴

No Prata, essa “casa velha” ficava no meio do quarteirão que fazia sombra diagonal com o “imenso” pátio do Grupo Escolar Noraldino Lima, hoje E.E. Maria Carmem Novais, perto da praça da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Atualmente, a casa não existe mais, bem como a Igreja cheia de cupins e solenidade. Só o pátio da escola continua lá, não tão grande assim, como era visto pelo olhar da infância, mas ainda sobrevive cercado pela mureta alta e vigorosa: o pátio dos meninos e o das meninas separados pela ponta do prédio antigo, de estrutura sempre igual aqui ou lá, cada qual *na* sua época. Franco também se recorda desse quintal e outros tantos de sua vida:

Era o quintal da casa da vovó, o quintal da casa velha. Era um quintal enorme. Ele está comigo até hoje. Lá parecia esconder uma floresta, tinha árvores de toda qualidade, até carambola tinha. A meninada da rua vinha toda brincar ali, no nosso quintal, pois tínhamos tudo, muitos irmãos, muito espaço e o consentimento da nossa mãe, para brincar. Quando íamos para o quintal o tempo parava. Podíamos construir nossas casinhas, o circo, as cabaninhas, e brincar de correr e esconder. Tudo era possível. Nós não saíamos para brincar na casa dos outros, porque ali não precisávamos de nada. Tudo ao alcance da nossa vontade e da nossa mão, e da nossa criatividade, é claro. Era um mundo muito mágico.¹⁵⁵

A palavra de ordem da turma após um dia de aula era: “Mãe, vou brincar na casa velha”. Isso corria por volta de 1955. Nas informações que obtivemos, algumas pessoas se lembraram dessa casa remotamente, mas junto às suas lembranças, tantas outras de somenos importância afloraram nas memórias, a vida das pessoas, os costumes, a moral, a crença, presentes nos depoimentos.

¹⁵⁴ -CARDOSO, Maria Adelina. *História de vida. Cit.*

¹⁵⁵ -FRANCO, Lacy Vilela. *História de vida. Cit.*

Ao recuperar essas memórias, se estabeleceu a conexão, que permitiu a compreensão da verdadeira identidade histórica desses sujeitos, quando num momento, em algum lugar, viveram essas histórias. A partir dessas narrativas cujo passado histórico se revela na brincadeira, é possível recuperar as experiências em que as condições de sua existência estão se perdendo. De acordo com Setúbal: *A experiência está diretamente ligada à memória e ao fato de se contar histórias. A memória evoca um passado que pode conter outras possibilidades de continuidade para histórias em curso, ou seja, ao contar uma história, resgatar um acontecimento do passado, o narrador está transmitindo uma experiência desse passado, que é sua ou que também lhe foi transmitida.*¹⁵⁶

Refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, nas relações interpessoais, nas formas de brincar para entender as resistências e permanências nos brinquedos tradicionais que ainda sobrevivem, que não foram tragados pelos tempos modernos, será a rota para possíveis investigações no futuro, na continuidade de estudos de um tema inesgotável, por se constituir fonte e objeto ao mesmo tempo na concretude da representação de uma época, retratada enquanto se brinca.

¹⁵⁶-SETÚBAL,op.cit.p. 34

III - ATRAVESSANDO O "ARCO-ÍRIS"

1.A BONECA NA TRAVESSIA DO TEMPO.

Ela era uma menina
nina, nina
Palha verde – amarela era ela
Uma boneca de milho
quem conhece
Ninguém mais se
lembra dela
ai, quem dera.
Ser espiga nem sonhava
a menina
Quando o milho pendoava
verde palha
Uma boneca de milho
quem se lembra
Ninguém mais brinca
com ela
ai, tão bela.¹⁵⁷

Tempo de criança, tempo de brincar debaixo da mangueira, ao lado do tanque, no “alpendre,” no quarto, tempo de passar debaixo do arco-íris e trocar de sexo, fazer “diabruras”, “do arco-da-velha,” era assim que as crianças de ontem o chamavam. Brincar é um ato de celebração da vida. Esse deslumbramento que envolve a criança, quando ela brinca, acontece pela transição que ela faz a qualquer momento do imaginário ao real, pois a brincadeira associa ação e ficção, revestida de sentido na lógica de fazer de conta, trazendo a terceira dimensão, um mundo além da porta, do outro lado, na esfera da fantasia, ou seja, imagens com volume para o mundo das representações. Isso significa transpor para o real um outro mundo, o da imaginação, com suas significações culturais, que, transformadas nas mãos da criança, adquirem novas interpretações. Ao brincar com uma boneca-bebê, a criança despertará o carinho no cuidado simbólico da “mamãe” com sua “filhinha,” atos ligados à

¹⁵⁷ - MADUREIRA, Antônio e BRITO, Ronaldo de. *Boneca de Milho*.in: Bandeira de São João. Texto e Música para Teatro.1985

maternidade, embora não seja essa a função do brinquedo, pois há nele uma representação que remete a essa atividade, conferindo-lhe significativa importância como objeto de referência social.

Configura-se no papel da menina-mãe, num futuro provável, atribuições de funções determinantes que farão parte do seu imaginário quando adulta. Nessa perspectiva, carrinhos, armas etc, não é tudo isso a reprodução fantasiosa do mundo do adulto que a criança recebe da sua própria mãe? É verdade que o brinquedo na mão da criança é sempre reconstruído a partir da sua interpretação, da sua inventividade na hora do brincar, nem sempre obedecendo às regras que ele impõe: é ela que lhe atribui sentido e significado, quem determina a dimensão do brinquedo, quem decide como e quando brincar; sua boneca ora é grande, ora é pequena, mas é sempre sua filhinha, e como ser pequeno, lhe é subordinada. Não são os adultos que reconstróem os brinquedos, mas as crianças, na hora da brincadeira, os transformam, selecionam o que vai ficar e atravessar o tempo, resistindo ao avanço da modernidade.

É a brincadeira que determina o conteúdo imaginário do brinquedo, definido na hora mesmo em que ela acontece. A criança não precisa do objeto para realizar o milagre da transformação, pode ela mesma ser o que quiser: o seu corpo se apropria de qualquer metamorfose, vira cavalo, doceira ao brincar com o barro, cozinheira na casinha com folhinhas e frutinhas do quintal, herói de aventuras vistas ou imaginadas, quando coloca a toalha ou o lençol da casa que a mãe empresta para o exercício da fantasia. Ela possui o toque de “Midas”: transforma em pedaços de encantamento o que toca ao brincar, são tesouros que guarda para entender melhor o seu mundo no devir. A essência do brincar está no eterno recomeçar, fazer de novo, depois, transformar a experiência em hábito, de acordo com os ciclos do brinquedo que a criança mesmo determina pela memória coletiva, sem saber como e porque se dá dessa forma. Todo mundo brincou um dia, mesmo que não tenha vivenciado as práticas habituais de organização, que conscientemente não saiba, que não se lembre das brincadeiras. Benjamim pontua essa questão: Mas quando um moderno poeta diz que para cada homem existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro desaparece, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma caixa de brinquedos?”¹⁵⁸ Partimos dessas observações para o encontro do objeto lúdico que melhor configura as relações sociais, por representar a figura humana nas suas diversas formas de existir, realçando, nessa busca, a boneca de pano.

¹⁵⁸-BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.p. 75.

Vamos encontrar na boneca, desde as mais priscas eras, o objeto inefável do sonho das crianças: ela, sem dúvida nenhuma, foi aprovada em todos os testes infantis do brinquedo preferido de meninas, e também dos meninos, quando disfarçadas de heróis, que eles nomeiam de “hominhos,” com eles se transportam para o faz-de-conta. Constatamos diversas formas de brincar com elas, até mesmo na ausência delas, enquanto forma definitiva controlada pelo mercado, pois descobre todos os segredos de amor da criança para seduzí-la.

Recuperando um pouco desse brincar, em tempos que já se foram, tentando trazer para o agora essa prática milenar, coletiva e individual, com suas constantes modificações, vasculhamos os porões do esquecimento de lá trazendo, aos poucos, a criança oculta na memória. E foram tantas infâncias que emergiram dessas lembranças presas no tempo, assim como a inexistência delas, ou até mesmo o massacre de suas possibilidades. Muito se diluiu no tempo, mas muito também se guardou, se lembrou, se brincou. Do nada saía quase tudo, as bonecas surgiam dos mais diferentes artefatos, das mais curiosas invenções.

Encantamento puro era fazer aquela boneca de sabugo de milho, escolhida com o maior carinho no meio de tantos outros, já tentando adivinhar o que tinha dentro, cabelo escuro ou claro? Só valia se fosse o mais bonito de todos, desgrenhados, trançados às, vezes, os cabelos seguiam a moda. Depois, era preciso vestir a boneca, aproveitando a sua roupa natural, que, com um pouco de imaginação, se transformava no modelo semelhante aos que se encontravam ao redor, o que não se via na televisão, porque esta não dominava ainda o cotidiano infantil. Costurava-se os frangalhos de palha, depois de cortar com esmero as suas pontas agulhadas. Outras vezes, a costura era idealizada e confeccionada com os pedaços de roupas esfarrapadas das crianças. Boneca construída logo de manhã, que o dia precisava começar logo que o sol nascia para o brinquedo durar mais tempo. O filho acabado de vir à luz enchia os olhos e a alma, porque tinha o sabor da invenção, o logotipo, a grife da costureira e do artista do sereno. Encontramos em nossas “andanças”, momentos dessa poesia, assim como o testemunho das obrigações de homens e mulheres, nas descrições que nos relataram desse brincar em tempos que já se foram, mas, mantiveram a memória histórica de construções e desconstruções do pensar, fazer e sentir de uma coletividade.

Fomos ao encontro de lembranças, que delimitaram o perfil de uma época, já contendo no seu bojo todo um significado de um agora, que não pode prescindir do ontem, mas se encontra prenhe de transformações. Nesse sentido, traçamos, nesse itinerário, a rota do faz-de-conta infantil, passando

rapidamente pelo contexto histórico do objeto significativo mais popular no mundo da criança: a boneca. No entrelaçamento com o presente, a verdadeira face da sociedade, na qual a criança se insere, refletirá sua imagem na tradição milenar de brincar de casinha e “filhinhas”, mostrada no espelho do tempo, onde a identidade e definição de papéis se plasmaram também, pelo exercício das brincadeiras consideradas femininas ou masculinas. Crianças são frutos das sociedades em que vivem, pertencem à história, uma vez que seus brinquedos são parte da dinâmica cultural e do povo: se este muda, muda também o brinquedo e suas diversas formas de brincar.

Não foi possível precisar, nas dobras do tempo, o aparecimento da boneca apenas como objeto lúdico, até mesmo porque o brinquedo, como elemento da cultura infantil, tem um passado não cronometrado, ao contrário do conceito de infância, no que tange à especificidade de um momento na vida. Sabemos que a boneca foi e é ainda, elemento de representação do sagrado, presente em diversas manifestações ritualísticas, quer sejam revestidas de crença espiritual ou não. Carvalhaes busca essa referência histórica e nos diz: A boneca, imagem antropomórfica, réplica mais ou menos fiel do homem, proveniente de uma história perdida no tempo, sem dúvida, aparece sempre associada às intenções de seu criador e conceptor. Nas culturas antigas, a história de tais objetos tomam muitas vezes contornos indefinidos, beirando ao rito ou ao culto do divino. Numerosas bonecas do passado estão a meio caminho entre o fetiche e a figura mágica. Por carregar o jogo-rito, geralmente carregam forte espiritualidade.¹⁵⁹

Na ampulheta do tempo, vamos encontrá-las por aí, bonecas anônimas, frutos dos materiais próprios de cada lugar, feitas de barro, pano, casca de árvore, madeira macia e hoje, produto da mídia, concorrente no mercado, do plástico ao silicone, profusão de formas e aspirações, reflexos do imaginário. Servindo aos mais diferentes propósitos, atravessaram o tempo e pertencem ao patrimônio cultural da humanidade, podendo ser encontradas, à guisa de exemplo, nas prateleiras de confeitores em forma de pirulito, em vudus dos rituais de magia e fetiches, em camas de bebês para o aconchego e defesa contra pesadelos, na calunga do Maracatú brasileiro, enlaçada ao pulso da dama do passo, nas figuras doces e gigantescas, modeladas no barro por Dona Isabel Mendes da Cunha da cidade de Santana do Araçuaí, no vale do Jequitinhonha, nas figurinhas de presépios de vários artistas populares desse país, no milho, por ocasião de São João, em que se tem boa colheita, nas bruxinhas de pano do passado permanentes em esparsos lugares, tema primordial dessa nossa pesquisa.

¹⁵⁹-CARVALHAES, Cristina. *Da idade do mundo.in: AMAE- Educando*. Belo Horizonte: Fundação AMAE para educação e cultura, n. 243, 1994.

Essas bonecas não têm mais a mesma aceitação de antes, são pouco conhecidas e as crianças que as vêem, não manifestam desejo de possuí-las, mas estão vivas. São utilizadas pedagogicamente para educação sexual, como objeto de transferência nas terapias pelo psicodrama, como signos de cultura artesanal, como enfeites, como ilustração nos estudos sobre família, conforme vimos em Belo Horizonte uma “bonequeira” de feira, e até mesmo a campanha de aleitamento feita em Brasília, nos anos 80: “As amigas do peito”, bonequinhas grávidas, em que o nenê nascia de parto normal, e no seio prendia a boquinha de colchete de pressão.

Acredita-se, que, assim como o teatro, a boneca tem a idade do mundo, nasceu ao mesmo tempo que a vida humana, junto com a criança. Presume-se a sua existência a partir de evidências encontradas em representações ligadas aos ritos de passagem em diversos povos, como nos foi dado conhecer nas poucas informações conseguidas.

Os egípcios tinham por hábito enterrar junto com os mortos os seus pertences, e nos túmulos foi possível identificar o aspecto, bem como a matéria da qual foram confeccionadas as bonecas encontradas nas catacumbas; o mesmo se repete em Roma e Pompéia. No Museu do Cairo se encontram figuras de barro advindas das catacumbas de Tebas, que podem ser consideradas bonecas, que eram enterradas junto com as múmias após os rituais fúnebres. Eram bem simples, tinham os braços articulados em conexões metálicas e o restante do corpo imobilizado. Olhando de relance, poder-se-ia supor que se destinassem apenas ao ritual, mas devido à mobilidade do braço, é possível atribuir-lhe uma outra função: o lúdico.

Na Grécia, por ocasião da passagem da puberdade, as garotas ofereciam à Deusa Ártemis as suas bonecas, renunciando, assim, à sua virgindade, ao jogo, à infância.

Algumas tribos africanas tem como signo da fertilidade as bonecas, quando uma mulher engravida passa a andar com bonecas penduradas na cintura. Conforme Carvalhaes: Consideradas portadoras de espiritualidade, de magia, considerava-se que deixar uma boneca no leito de uma criança doente tinha o poder de levar a doença embora ou que presentear um casal com uma boneca era símbolo de prosperidade e felicidade conjugal. Tais representações são imagens culturais que permanecem na memória dos povos por meio da transmissão de seus mitos, tradições e costumes.¹⁶⁰ Apesar do pouco conhecimento que se tem a respeito da sua história, alguns registros permitem identificar papéis que certos modelos de bonecas exerceram no decorrer dos séculos.

¹⁶⁰-CARVALHAES, Cristina. op. cit.

No século XVIII, justo quando emerge o conceito de infância e suas especificidades que dão uma nova “cara” à criança, a boneca e a moda deslizam no mesmo lago, bonecas francesas com o nome da deusa da sedução Pandora, invadem o universo feminino, elas são as precursoras dos manequins de moda, substituídas depois pelas gravuras. Essas bonecas eram vestidas quase iguais às meninas. Os bordados das roupas infantis eram também utilizados nas roupas das bonecas.

Por sua vez, a imagem da criança passa a ser associada ao brincar, à fantasia, à liberdade, à pedagogia do vir-a-ser. Mas, é no século XIX que se assistirá à explosão da boneca, condicionada pelo imaginário do consumo. Nos apoiaremos, outra vez, no esclarecimento de Carvalhaes: O gosto e o pensamento evoluem tão rapidamente ao curso desse século que se sucedem rapidamente o neoclássico, o romantismo, o realismo. Com a emergência da classe burguesa, as bonecas tomam uma importância considerável no desenvolvimento da industrialização do brinquedo. O brinquedo é considerado indispensável ao mundo infantil e não mais apanágio das classes nobres. Assim pode se dizer que o século XIX representa o verdadeiro “século de ouro” para a evolução e difusão da boneca, que passa de um simples fenômeno artesanal a uma verdadeira indústria, com suas exigências e regras em perfeito acordo com os desejos dos tempos modernos.¹⁶¹

*Nesse período, aprimora-se a feitura das bonecas de porcelana, pintadas à mão, ou feitas em **biscuit** que saem das mãos do artesão para a produção em série das fábricas, sobrando apenas como relíquia ou objeto de arte para colecionadores. Para o colecionador, segundo Benjamim, o importante não é só o objeto em si, mas a história que traz consigo, o seu passado, a sua origem, o seu valor.*

Nesse sentido, o colecionador servirá de fonte documental ao pesquisador, sempre que abrir o seu museu pessoal às investigações. Ele se identifica com a criança, pelo afeto que dispensa aos seus objetos lúdicos, pois, o ato de colecionar é uma forma de brincar, haja vista o exemplo das crianças quando trocam figurinhas, bilocas, gibis, e guardam suas bonecas em lugar de destaque, após um longo tempo de faz-de-conta: a filhinha dormirá até que seja novamente acordada pelo desejo de brincar.

¹⁶¹-CARVALHAES, Cristina. op. cit..

As bonecas refletem uma época, uma determinada realidade, podem encarnar várias personas. Abrimos aqui um parêntese para mencionar na história, a presença do boneco de palco, o mamulengo,¹⁶² o fantoche, a marionete, palavra e objeto masculino que se apropria da invenção do seu similar feminino, e se põe a brincar no cenário de teatros populares, para platéias de qualquer rincão, crianças ou não. Boneco é um termo usado para designar um objeto que, representando a figura humana, ou animal, é dramaticamente animado diante de um público. Ele tanto pode ser zoomórfico, como antropomórfico, quando nesse caso, reflete a figura humana...Historicamente, ele é um objeto sagrado, tanto por suas ligações com a máscara como por se identificar com objetos rituais.¹⁶³

Fechando o parênteses, retomamos a questão da realidade espelhada nas práticas do brincar, no que se refere a países de desigualdades ostensivas, que é o caso da situação brasileira. Neles, as bonecas retratam a invenção do possível: a aquisição da boneca da moda é remota e evidência, com clareza, as diferenças sociais, as crianças que brincam, criam seus próprios mecanismos, como vimos, sabugos de milho e pedaços de pau se transformam em filhinhas, bem como retalhos de pano.

Essa convivência do lixo com o luxo, refletida nas bonecas do momento, nos faz pensar sobre a transformação deste produto artesanal pelo industrial, lembrando que, Barbie chega ao Brasil no final dos anos cinquenta, portanto já é vovó. Essa concepção de boneca racionalizada, e a industrial, não invalida o suporte do recurso tradicional, não houve ruptura, mas um acréscimo dos elementos nos planejamentos tecnológicos. Sabemos que é consenso quase que universal de que a boneca significa a representação humana, seja ela construída pela criança ou para ela, porém, a forma que assume essa representação depende da idealização dos sistemas, das expectativas sociais e das mentalidades, é o que nos esclarece Brougère: propiciou-se o aparecimento das bonecas-vedetes que, desenvolveram-se com o apoio da publicidade (revistas para crianças, televisão). De fato, existe um desequilíbrio quanto à notoriedade das bonecas, sendo que algumas conseguiram ser cercadas de uma imagem associada a seu nome, isso tanto para a boneca-manequim quanto para a boneca dita tradicional. Além da publicidade, a

¹⁶²-O teatro de bonecos foi introduzido na Rússia pelos alemães no século XVII, sendo ainda hoje, motivo de orgulho do povo russo seus incontáveis teatros de bonecos profissionais. Catarina II nas suas memórias menciona a atitude infantil do Duque que manda instalar em seu quarto um palco para bonecos. No Brasil, a apropriação desse recurso de linguagem teatral é representado pelo mamulengo, boneco caípira muito comum no nordeste, em fase de extinção. Os bonecos são feitos por artistas populares e a maioria dos textos apresentados, são também de domínio popular. Sobre esse assunto ver: Mamulengo; revista dedicada ao teatro de bonecos do Brasil. SNT: MEC.1974.

¹⁶³-AMARAL, Ana Maria. *Teatro de formas animadas: máscaras, bonecos, objetos*. São Paulo: USP,1991, p.70-73.

existência de clubes reforça esse fenômeno de notoriedade, permitindo aos fabricantes conhecer melhor os consumidores de seu produto¹⁶⁴

Se observarmos bem, concluiremos que a boneca moderna empresta da boneca tradicional a sua fôrma, a articulação, por exemplo, e dela se difere pela sofisticação do material e recursos tecnológicos. Alguns excessos dão um certo ar grotesco, até mesmo mórbido às criaturas que antes eram seduzidas pela característica de ingenuidade e graciosidade. Surgem bonecas estereotipadas, do tamanho de crianças de cinco anos, que assustam pela sua imitação quase perfeita da figura humana, numa imobilidade facial que lhe é própria, numa dimensão distante do bebê, que seria o seu objeto de transferência e de identificação com o mundo.

Dessas invenções destituídas de compreensão do mundo infantil surgiram até inspiração para filme de terror, com é o caso do: “O brinquedo assassino.”¹⁶⁵ Por outro lado, bonecas atuais, pelos inúmeros recursos de manipulação e acessórios que a elas são atribuídos, possibilitam o desempenho das mais diversas atividades presentes na realidade do dia-a-dia, como: dar banho, conversar, bater palmas, enfim, criar também um mundo imaginário que permeará o real e a fantasia. A boneca é concepção do adulto, mas no seu destino siamês atrelado à criança, enquanto rodopia de mão em mão, é-lhe imputada o sopro da vida e ela se transforma, adquirindo mil faces. A voz que lhe é dada pela criança é aquela que sai do interior da alma infantil como intérprete das suas emoções, ecoando o contraponto entre a dialética da existência interior e a interação com o outro mundo.

Pelo fato de representar a pessoa e servir de companheira para todos os momentos de angústia, tristeza e medo, enfrentados pela criança, a boneca é o objeto lúdico preferido por elas. Barbie é exemplo de fascínio exercido sobre as crianças, produto da mídia, como bem justifica a propaganda: “Toda criança quer ter uma Barbie”, ela representa o símbolo da modernidade. Foi criada em 1959, pelo americano Elliot Handler, e, já no início da carreira, galga os degraus da fama. Em cada quarto da criança americana, mora uma Barbie sorridente. Para a criança, ela significa o sonho de se tornar mulher bem sucedida, com um estilo moderno de viver de acordo com os nossos dias.

¹⁶⁴ -BROUGÈRE, Gilles.*Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 30.

¹⁶⁵-*O brinquedo Assassino*. Filme. Diretor: Tom Rolland, 1988. Um psicótico perseguido pela lei, cujo nome é Charles Ray, se esconde numa loja de brinquedo onde é baleado. Antes de morrer, agarra-se a um boneco e jura vingança, entoando um misterioso cântico vudu. Em um outro lado da cidade, Káren dá de presente ao seu filho Wendy, um boneco idêntico ao da loja, dando-lhe o nome de Chucky. Começa então, a partir desse momento, a acontecer crimes estranhos que envolvem o menino e seu boneco. Todas as evidências apontam o menino e o seu boneco como culpados. Ninguém acredita no menino que se defende e ele é internado em uma clínica psiquiátrica. Sua mãe descobre com assombro, que a bateria do boneco não havia sido instalada e ele se movia. Trama diabólica com crimes monstruosos que desafiam a lógica humana.

Para o mercado, ela representa o sucesso de século XX, com a introdução dos artigos de plástico: leve, magrinha, lavável, cabelos penteáveis, cores suaves e delicadas, em guarda-roupa que justifica o mito da boa aparência, difundido na nossa civilização, pela sociedade capitalista. Sua praticidade contrasta com a sua ancestral anterior, cuja origem é bem próxima à sua: as bonecas brasileiras de celulóide, que, se deixadas no sereno, descoravam e às vezes até desmanchavam, quando não eram comidas por formiga.

Barbie vende a imagem da beleza e do padrão de vida digno de posar para a revista "Caras," sonho que toda menina acalenta, ser modelo como ela, bonita, elegante. No Brasil colonial, sistema escravista, a criança negra não participava da vivência lúdica dos sinhozinhos brancos e é a partir daí que se perpetuam as diferenças. Lobato nos mostra com propriedade esse momento de conflito social:

()...Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos...que falava mãe...que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

- É feita?...perguntou extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

- Nunca viu boneca?

- Boneca? Repetiu Negrinha. Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

- Como é boba! Disseram. E você como se chama?

- Negrinha.

- As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

- Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços d'olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia anteparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria dos hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

-Vão brincar lá fora, vão! E você também, mas olhe lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma na princesinha e na mendiga. E pra ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o

momento da boneca- preparatório, e o momento dos filhos- definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.¹⁶⁶

O conto de Lobato dispensa comentários, tal a sua força não só literária, mas também como documento que revela um instante, quando o brincar recupera o humano: Negrinha deixa de ser coisa, sente e vibra, brinca. Na imagem da boneca loura, representa a figura do colonizador europeu, de olhos azuis, que a personagem relaciona com os querubins que vislumbrou por certo um dia, em algum canto da casa grande, para ela, anjo só podia ser loiro. O escritor cai de pára-quadras na questão feminina, para ele, fruto do pensamento de seu tempo, a suprema realização da mulher era a maternidade, por outro lado, mostra-se extremamente sensível à especificidade do mundo infantil, que aliás, foi sempre motivo de inspiração das suas histórias. Nesse sentido, entendia como ninguém a alma da criança, que nunca deixou de ser, como nos mostra a sua literatura, rica de fantasia e aventuras.

O elo de ligação com o mágico, o místico e o belo, que traz para o real a presença do afeto, do espanto, da consciência de si como um ser, para Negrinha e outras tantas que por aí existem, é o brincar. Ao brincar, ela estabelece uma relação de amor entre ela e a boneca, que cria vida e se torna única naquele momento e que se repetirá interminavelmente enquanto existirem crianças no mundo.

*Esse pensamento de Lobato, que achamos por bem grifar, produto do imaginário, que diviniza a mulher no momento em que desperta para a maternidade, traduz o que se espera do comportamento feminino, como também do masculino, e a definição de papéis, em vários aspectos do conhecimento humano. Muitos foram os defensores da educação diferenciada, através dos tempos. Michelet, nos chama a atenção para o perfil de menino e menina que ele pensa: Abreviemos o que é comum entre menina e menino. Insistamos na diferença. Ela é profunda. Ei-la: A educação do menino, na idéia moderna, é organizar uma força, força eficaz e produtiva, criar um criador. O homem moderno não é outra coisa. A educação da menina consiste em fazer uma harmonia, em harmonizar uma religião. A mulher é uma religião. Seu destino é tal que, quanto mais no alto ela ficar como poesia religiosa, mais eficaz será na vida comum e prática.*¹⁶⁷

Nessa época, eram veiculados manuais de orientação de civilidade ou boas maneiras para meninos, meninas, homens e mulheres. Esses manuais estabeleciam regras bem definidas de conduta que eram reforçadas pelas instituições escolares, como acontece até hoje. O modelo de educação que se tem agora, embora questione essas receitas, não consegue se livrar dos estereótipos impregnados na cultura

¹⁶⁶-LOBATO, José Bento Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.p.9/10- Grifos meus.

tradicional cujos manuais se encarregaram de influir.¹⁶⁸ É comum reconhecer seus paradigmas, em atitudes de reprovação e julgamento de comportamentos considerados vanguardistas, em que seres femininos e masculinos rompem padrões de conduta, não reproduzindo o pensamento moral e religioso de concepção arcaica.

Conforme Souza “esses livros ‘educativos’ (Dr.Surbled e Sálvio de Almeida) foram utilizados por professores, pais e religiosos, visando a orientação do jovem em momentos ‘cruciais,’ como o da adolescência e o da descoberta do sexo.

(...) esses valiosos manuais de civilidade, de conselhos e de higiene, indicam, nos mínimos detalhes, como vestir, o que comer, o que falar, como dispor os móveis, condutas sociais e religiosas, norma de bem viver, como assentar-se, como se lavar, como e quando fazer ginástica, quando e com quem casar, enfim, idéias sobre os momentos íntimos, tanto da moça quanto do rapaz.(...) A gravidez sem casamento, a homossexualidade, os celibatários, ainda hoje, no final do século XX, são vistos como ‘anormais.’ São situações inaceitáveis pela sociedade do interior das gerais. (...) na documentação ficou evidente essa questão do “pecado”, do jovem “desviante” do seu “crime,” como “câncer,” como “mal,” que aprofunda e corrói o “organismo social.” Foi difícil para aqueles que, apesar de tudo, da educação, da disciplina, da vigilância, enfim, do controle autoritário, optaram pelo desvio, pelo diferente, pelo proibido.”¹⁶⁹

Michelet, ao escrever a sua obra, A Mulher, acreditava que, em “essência,” homens e mulheres são diferentes e por isso deveria haver uma educação distinta para meninos e meninas:

Se deixarmos a menina escolher seus brinquedos, ela escolherá certamente miniaturas de utensílios de cozinha e de casa. É um instinto natural, o pressentimento de um dever de um dever que a mulher terá de cumprir. A mulher deve alimentar o homem...¹⁷⁰

Como vimos, justifica-se as diferenças entre os sexos e as desigualdades entre homens e mulheres, utilizando para isso o argumento do instinto, da natureza humana. A mulher deveria ser educada nos princípios religiosos e sob égide da moral, da submissão e servilismo, ela só se salvaria ou

¹⁶⁷-MICHELET, Jules. *A mulher*. São Paulo: Martins Fontes. 1995, p.83

¹⁶⁸-Ver: DE SOUZA, Vera Lúcia Puga. *Entre o bem e o mal: educação e sexualidade nos anos 60-* T.M./MG.São Paulo: USP. 1991. Mestrado/ História

¹⁶⁹ -()- DE SOUZA, Vera Lúcia Puga. Op. cit.pp, 53-74-372.

¹⁷⁰-MICHELET, Jules. op. cit. p. 100

se realizaria fazendo o homem feliz. Esses discursos, defendiam a idéia da felicidade por meio do casamento e a mulher deveria se preparar para exercer o seu papel de mãe e dona de casa.

É nesse pensar que a boneca salta para dentro dos quartos das meninas, numa projeção da maternidade, num futuro virtual, que elas assimilam ao imitar a mãe, sem saber se um dia serão protagonistas desse papel. São modelos conservadores que não estabelecem a conexão tão propalada por Benjamin e tantos outros, do passado como coadjuvante do presente, ignorando as transformações ocorridas na lógica sexista, que discute o feminino e masculino na corrida do tempo. Mesmo hoje em que a mulher busca espaços fora desse contexto, as lojas e fábricas de brinquedos continuam insistindo na imposição de objetos que constroem esse imaginário, travestidos de modernidade, com recursos tecnológicos que facilitarão o trabalho doméstico no futuro, que continua ser atribuído à mulher. Essa forma de se pensar, na mulher, ficou evidenciado em várias histórias de vida que colhemos, como exemplificaremos à seguir:

Mamãe levantava cedo, papai buscava o pão, ou a menina que a gente criava executava essa tarefa. Papai sempre criou mais uma criança na nossa casa. Ele era muito austero, no sentido de colocar a pessoa no caminho certo. Mamãe nunca chamou nossa atenção por sermos tão barulhentos. Sacudia a cabeça para tudo. Ela era um anjo, um anjo italiano meio puxadinho, às vezes dava umas palmadas. O café já estava na mesa. A mesa do pratense sempre foi farta. Mamãe cuidava da casa, ou melhor, da organização da casa, da roupa, das tarefas de escola até a quarta série porque ela não tinha muito estudo, depois era o meu pai quem cuidava. Era uma mulher submissa, mas a última palavra sempre era dela. Sempre era ela que dava as coordenadas. Meu pai era como qualquer homem da época, meio barra pesada. Olha, o homem sempre deu todas as coordenadas para a mulher ser feminina, mas ela não quis. A mulher é quem mudou a cabeça dos homens. Muitas das minhas amigas dizem que deveriam ter feito como eu: feito um cafezinho e mandar chamar o marido até mesmo no trabalho, assim, fora de hora. Passar a mão na cabeça dele quando chega, assentar para conversar deixando o que estiver fazendo para depois, ter tempo para ele. Eu sou assim, tenho tempo para tudo, até para os animais.¹⁷¹

ESSE depoimento mostra que, na sociedade brasileira, especialmente naquelas criadas no interior de Minas Gerais, a mulher não tinha uma identidade própria, ela não fala do que sente, mas do que deve fazer. Nessa situação, ela está a serviço da felicidade do marido e dos filhos, justificando sua subserviência pelo discurso sexista que introjetou desde a infância, no espelho da mãe. Mas é a figura do pai que lhe suscita a admiração, a qual se projeta no marido. Durante toda a sua história, ela menciona o desempenho do pai na vida do lar, com os filhos, nunca com a mulher. Nesse outro depoimento, verifica-se a reprodução da pedagogia do recato, nos bancos escolares:

A tarefa que às vezes nós tínhamos, porque minha irmã que era mais velha, ficava bordando, a mamãe não gostava que a gente ficasse batendo perna pros corgo não, então ela riscava os panos pra gente bordar. Eu gostava de bordar, mas não era muito não. A gente só ia pro corgo se o pai fosse junto.

Na cidade depois da primeira série do ginásio, o brinquedo ia raleando, porque os estudos iam ficando apertado. Comecei a namorar na terceira série do ginásio, namorei muito, namorico, não tinha esse agarramento não. A educação na escola era muito severa. Só tinha duas escolas de I e II Grau: O Santa Teresa, só de mulher e o São José, só de homem e mais tarde o Marden, que era misto. A gente não podia ficar com muita liberdade com rapazes não. As moças tinham que ser muito sérias. A gente aproveitava dos brinquedos para flertar com os meninos: Passar anel, Maria Viola, as rodas de falar versos. Na escola sentava menina separada de menino, na fila também, no pátio do grupo também era separado, no ginásio não. Os professores não davam muita confiança para aluno não, perdia o respeito. A gente não podia nem rir muito e nem alto.¹⁷²

Esses manuais recomendavam ainda, recato e pudícia às meninas, em atitudes modestas e reservadas como convinha à mulher, ao homem, cabia uma fala mais inteligente pelo seu prestígio social. Os sentimentos femininos deveriam ser controlados, camuflados e evitada a sua manifestação. As amigas da menina deveriam ser limitadas, cabendo à mãe, o papel de confidente, para assim controlar a sua vida. Felipe elucida essa questão: Este cerceamento, apesar de não colocado de forma explícita, estava diretamente relacionado à sexualidade, pois a recomendação de não haver proximidade física entre meninas e até mesmo a censura por estabelecer uma relação mais afetiva (através de confidências entre elas), mostrava o quanto as sexualidades deveriam ser submetidas a uma constante vigilância, por serem consideradas perigosas.¹⁷³

É quase impossível acreditar, quando nos confrontamos hoje com o que se mostra para criança e o que se faz com elas, quando vendidas pelas mães, em programas de TV, elas reproduzem as imagens eróticas das bailarinas do momento. É o que nos mostra Fiori: Na guerra pela audiência, as emissoras banalizam o erotismo sem demonstrar compromisso com o bem estar psicológico de crianças e adolescentes. No país das peladonas, a bola e a boneca foram parar no baú. Hoje, meninas de 4, 5, anos fantasiavam-se de máscaras e chicotinho, deixando de lado as cantigas de roda e outras brincadeiras próprias da idade. Incentivadas pelas mães, ferozes empresárias, meninas com roupas curtas e agarradinhas, pintadas e dançando no gargalo da garrafa, arrancam aplausos e olhares maliciosos.¹⁷⁴

A escritora lembra ainda que, a televisão danifica a estruturação da identidade de nossas crianças. A criança recebe uma enxurrada de imagens ligadas à sexualidade sem nenhum critério. A

¹⁷¹-MENEZES, Maria Bernadete Melo. *História de vida*. op. cit.

¹⁷²-RIBEIRO, Zenaide. *História de vida*. Op. Cit.

¹⁷³-FELIPE, Jane. *Infância, Gênero e Sexualidade*. In: Educação e Realidade. PPGDU. UFRGS. Junho, 2000.

¹⁷⁴-FIORI, Vera. *Era uma vez...No país do rebolado*. in: Estado de São Paulo: Suplemento Feminino. Domingo, 08 de Julho de 2000.

sexualidade é construída aos poucos, de acordo com as etapas do desenvolvimento emocional e psíquico, e também da maturação biológica é claro, e nada disso está sendo levado em conta. Onde estão as bonecas? As cirandas? O balanço caixão, a infância? E o respeito com a criança que se tornará gente grande um dia? De novo à criança não é dado o direito de escolher livremente; os valores, hoje efêmeros, são impostos e definidos de acordo com o interesse inescrupuloso da sociedade capitalista.

De acordo com Steiner, quando ele fala da boneca, e da criança, se açoítarmos seu cérebro da forma já aludida, prejudicaremos sua alma para o resto da vida.¹⁷⁵

Para esse autor, além de eliminarmos de nossa pedagogia os castigos anímicos, deveríamos ter cuidado com os castigos físicos internos e, sem mais delongas, levar o brinquedo até a criança de forma mais correta possível, isto é possibilitar-lhe a escolha do brincar, do lúdico, que ela sabe intuitivamente como fazê-lo. Ele defende a construção do brinquedo e, mais especificamente, a boneca, pelas mãos da própria criança, aprendiz do futuro. Combate ferozmente o brinquedo intelectualizado, permitindo à criança viver maior tempo, na agradável letargia do sonho e da fantasia, na qual ela cresce em direção à vida, o mais distante possível da intelectualidade.

Ele diz ainda: Uma criança treinada intelectualmente antes do quarto, quinto ano de idade leva para a vida algo de terrível, que poderá torná-la materialista...É preciso se ter bem claro, quando se deseja conduzir amorosamente a criança ao brinquedo, o quanto de forças internamente construtivas entram em cena.¹⁷⁶

Entendemos que suas preocupações são pertinentes, quando se trata da importância que se deve dar ao sujeito lúdico, ao cuidado que se deve ter com um momento tão delicado da vida, por uma filósofo e educador austríaco, nascido em 1861 e que lutou toda a sua vida pelo auto-aperfeiçoamento do ser humano, a partir do início da existência. Seus princípios, tão distante da realidade brasileira, são adotados no mundo inteiro, aqui, na pedagogia Waldorf, em algumas escolas particulares, onde o brinquedo e os contos de fadas constituem o mote, para os objetivos propostos.

A nós nos interessa a sua concepção de boneca ideal, a boneca de pano, cuja semelhança com a figura humana descrita pela criança nos seus desenhos, a forma como ela vê o seu semelhante e o mundo, é a que mais se aproxima dela. Ele acredita, que a boneca industrializada, a “linda boneca” como ele a chama, representa uma agressão ao psiquismo infantil: Não devemos pois flagelá-la

¹⁷⁵-STEINER, Rudolf. *Andar, Falar, Pensar: A atividade lúdica*. São Paulo: Antroposófica, 1994.p.28

¹⁷⁶-STEINER, Rudolf. Op. Cit.p. 24.

interiormente através de lindas bonecas, mas conviver com ela e moldar a boneca que ela própria vivencia interiormente...devemos orientar carinhosamente a criança para aquilo que ela mesmo quer.¹⁷⁷

Para nós, o seu pensamento revela um profundo respeito pelo ser humano que se projeta na criança e que se plasmará com a contribuição inquestionável da liberdade de brincar, mas ele não contava com o aceleramento do progresso e do processo tecnológico na velocidade da luz, cujo estrago já foi feito.

A nós, nesse momento, compete analisar esses pressupostos e apropriar da sua brilhante defesa da boneca de pano como ideal de representação humana, mostrando o resultado do trabalho que nos propusemos fazer, na recuperação da memória dessa antiga forma de brincar.

¹⁷⁷-Idem.Ibdem.p. 24.

2-RETALHOS DE PANO NA CONSTRUÇÃO DE “FILHINHAS.”

Minha boneca de pano
Feia mal acabadinha.
Negros olhos de retrós
Rósea boca rasgadinha
Dos meus tempos de menina...¹⁷⁸

Contudo, não poderemos deixar de assinalar que, mesmo considerando vital para a criança o brincar de boneca e de casinha, não estamos reafirmando, através dessa brincadeira, os papéis sexuais a ela atribuídos socialmente como forma de determinar à mulher, especialmente a de

¹⁷⁸-CAMARGO, Ely. *Boneca de Pano. Música*. São Paulo. Chantecler Discos.

hoje, uma preparação para a sua submissão. Pelo contrário, se brincar é a parte do imaginário, da fantasia que prepara também para uma vida real, e se a brincadeira é historicamente construída e portanto, recriada constantemente, o brincar de boneca, hoje, implica observar novos modelos de relações sociais, em que as mulheres atuais têm buscado não só se realizarem como mães, mas também como indivíduos, cujas aspirações pessoais extrapolam o lar, possibilitando-lhes exercer sua cidadania, não só no mercado de trabalho, mas, sobretudo, no campo do político e do social.

Esta experiência ora relatada é resultado de anos a fio, no contato com brincantes das mais variadas idades, quando foram recolhidas e registradas algumas formas de se brincar com bonecas e, sobretudo, essa pesquisa efetuada recentemente, já com vistas na elaboração desse texto. Buscamos como a mostragem do estudo em questão, quatro brincantes no ofício de fazer bonecas de pano, nas idades de sessenta a oitenta anos, todas da cidade de Ituiutaba.

Junto com as alunas do Curso de Magistério em Educação Artística do Conservatório Estadual de Música da referida cidade levantamos evidências ou vestígios dessa prática, que imaginávamos se não desaparecida, no mínimo, esquecida. D. Amélia, 88 anos de idade, foi a primeira das “bonequeiras” por nós contatada, por ser vista na feira da cidade, vendendo suas bonecas, também chamadas de “bruxinhas”, e ela foi, sem dúvida, o fio condutor para a conclusão do trabalho.

Essa pesquisa teve início em agosto do ano de 99, numa primeira visita à D. Amélia. Ela já nos aguardava com todas as suas bonequinhas expostas na porta da cozinha, em uma colcha forrando o chão, demonstrando um grande prazer em falar e mostrar a sua produção de filhinhas.

Suas bonecas são feitas com um certo “descuido,” devido talvez, a sua idade avançada e o total descompromisso comercial de D. Amélia, que aparenta uma compulsão natural pela confecção das bonecas, como necessidade de ocupar o tempo, produzir e estabelecer sem sentir, o elo com o passado. Ela diz não saber porque faz as bonecas:

(...) Ninguém mais se interessa por isso hoje em dia, todo mundo só quer saber de bonecas compradas, pra depois deixar jogadas num canto qualquer. Os meninos de hoje não sabem mais brincar. Eu aprendi a fazer bonecas num sonho que eu tive, ninguém me ensinou nada não. No meu tempo, menino não tinha tempo pra brincar, tinha muita obrigação.¹⁷⁹

¹⁷⁹-FARIA, Amélia Cândida de. *História de vida*. Ituiutaba. 10-10-1999. D. Amélia nos diz ter 88 anos, embora ela mesma não tenha certeza, pelo fato de não sabe ler e nem escrever. Nasceu no município de Ituiutaba. Cresceu e depois se casou, sempre na zona rural. D. Amélia faz suas bonecas assim: Lapidada um pedaço pequeno de madeira macia e nela enrola um tecido até engrossar, formando a cabeça. Faz-se o arremate, costurando a mão com linha e agulha: uma das pontas serve de cabeça e a

Essa falta de tempo e tarefas do cotidiano a serem cumpridas pelas crianças, de que fala D. Amélia, foi constatada em todas as outras entrevistas, o que nos leva a concluir que o brinquedo era encarado como uma pausa no tempo da criança, tratada pelos pais como um adulto em miniatura. O brinquedo não era entendido como forma de sociabilidade, possibilidade de descobrir o mundo, sendo assim, o trabalho era natural na infância. D. Iraniza Maximiliano Arantes, sessenta anos, na sua história de vida também descreve esse tempo:

(...) No meu tempo de criança era bom demais, porque era muita gente. Meu pai tinha um sitiozinho, então era uma colônia de casas. Toda casa tinha muito menino. Então chegava à noite, nós juntava todos na casa do meu pai. Brinca era de noite. Juntava menino e menina mulher. Brincava de roda, passar anel, de pique de escondê. Nossa brincadeira era assim. Mas, brinquedo de boneca eu nunca tive. Às vezes enrolava uma trouxa de pano e isso era a boneca. Nós não conhecemos as bonecas compradas. Quando eu era criança, minha mãe determinava o dia para brincar, porque as crianças tinham serviço ajudando a mamãe a fazer polvilho, farinha de mandioca e queijo. Nós trabalhávamos o dia todo, não tínhamos folga durante a semana, só brincávamos aos domingos e à noite. Criança de 7 anos acima já tinha sua obrigação: limpava arroz na mão, torrava café na mão; não tinha moinho, socava no pilão. Hoje as coisa são mais fáceis. Prá começar, hoje, até o coador já vem pronto: melita, usa e joga fora, não precisa lavar, eu ainda tenho o meu coador de pano, feito em casa¹⁸⁰.

Encontramos a mesma descrição dessa boneca, construída com panos sujos usados no cotidiano, em outro espaço e em um outro tempo; o mesmo brincar atravessando fronteira e décadas, uma não sabendo da outra, se encontram na mesma representação, na mesma necessidade de reinventar a vida:

Não eram bonecas fixas. Eram de toalha que a gente pegava no banheiro e enrolava bem enrolado, num rolo bem fininho, dobrava isso pegava outra toalha maior e enrolava por cima desse rolo, dobrava e a voltinha da toalha parecia o rosto, com a boquinha, ali

outra é o pescoço. Também as roupas são feitas à mão e o cabelo é moldado de tecido, ou às vezes ela usa, tampas de recipientes plástico como chapéus, ou rede de embalar fruta ou legumes para os cabelos. Quando menina, já fazia crochê, não brincava, só trabalhava junto com a mãe. Esta, trabalhava muito e não ligava para os filhos. O pai cantava e tocava violão fazendo todos dormirem com muito carinho. Ela começa a montar suas bonecas primeiro pela cabeça, depois o corpo e por último os braços. As pernas já são costuradas junto com o corpo, inteiriças. Os detalhes do rosto são bordados com linha colorida em ponto atrás, ou ponto cheio. O nariz aperta para dar uma arrebitada, ou coloca-se por dentro, um grão de arroz, para dar volume.

¹⁸⁰-ARANTES, Iraniza Maximiliano. *História de vida*. Ituiutaba. 12- 03- 1992- Ela tinha 62 anos na época em que registramos a sua história. Nasceu e cresceu em Ituiutaba. Foi empregada doméstica até 13 anos de idade. Casou-se com 17 anos criou os seus 4 filhos e os 3 netos. Cuidou do marido doente. Morou na fazenda e atualmente, na cidade.

minha mãe amarrava outro pano com barbante e era o cabelo. Então não tinha nem as feições de rosto, não tinha o desenho do olho, nem do nariz e não precisava, porque ali a gente enxergava a boneca e era a brincadeira; a boneca era a minha filha. Ela entregava para gente e a gente voltava para a visita da “comadre”. Não lembro se tinha

nome. Não era boneca comum, mas era real para mim. A gente não tinha outra. De vez em

quando ela fazia outra para mim, costurada, naquele momento o brinquedo era construído

na hora, a gente inventa na hora e não precisava ter forma definida, só isso era o suficiente. O mais importante era o significado e o tempo. Naquele dia da troca da roupa de cama, de banheiro, a gente era livre para pegar os panos e fazer o nosso brinquedo. Era um momento aguardado, data marcada. Era um dia que eu podia arrumar a minha casinha mais do meu jeito. Criava todas as condições, recriava as situações. Além da casa, o esperado era a visita às comadres, porque esse era o costume dos adultos, não tinha TV, não existia a idéia do consumo, não precisava comprar o sabonete novo e nem o cotonete de marca, ou o boneco... Como é que é mesmo? (lembrando) PoKemon... agora eu já não tenho menino e não sei mais.¹⁸¹

Fizemos questão de transcrever essa entrevista um pouco mais extensa, devido a relação estabelecida pelo nosso interlocutor, com o presente, quando reflete sobre a necessidade imposta pelo consumismo dos dias atuais, levando em conta o seu tempo de criança, na década de sessenta, e a importância de construir do nada o seu objeto lúdico na cidade, em pleno advento da indústria do plástico. Foi curioso notar como ela lidou com esse fazer, num outro tempo, numa outra esfera: a da fantasia. Suas lembranças nos mostram a transposição da sua realidade para a dimensão mágica do lúdico, realizando o sonho, mas também produzindo o afeto na menina-mãe, na mãe-menina, aproximando os dois mundos, ambos dentro da mesma bolha de sabão.

Caminhando um pouco mais no tempo, de costas para o presente, encontramos nas experiências de D. Maria Parreira elementos descritivos dos costumes vivenciados naqueles dias, onde a infância se interrompia brevemente para o exercício do matrimônio, sendo retomada na hora de brincar com o próprio filho:

(...) Tive 14 filhos, dois fora do tempo

Vivo tenho só sete, graças a Deus. Fui casada só uma vez, graças a Deus. Meu marido se

chamava Zé Mulato. Eu tinha 17 anos, quando eu casei com ele, mais eu conheci ele eu tinha 10 anos. Ele era rapaz e eu menina.

¹⁸¹-FREITAS, Sônia Maria de. *História de vida*. op. cit.

A primeira vez que ele me viu eu tava

brincando de boneca no quarto. Ele chegou lá em casa procurando uma vaca deles que tinha fugido. Eu mais a cumadre Santinha, tava no quarto brincando de boneca. Eu escutei ele falando com meu pai e riu muito. Ele era muito risão. Eu falei pra Santinha: -Credo! Que homem que gosta de ri! Eu vou lá na sala pra mim ver quem é. Cheguei na porta e disse: -Boa tarde pros dois! Fiquei ali olhando. Tudo pra ele era graça. Eu achei ele bunitinho. Olhei mais um bocadinho e fui pra dentro brincar com minha boneca e falei pra Santinha: -Santinha, quando eu crescer, vou casar com aquele rapaiz, ele é bunitinho.. E ele logo que saiu, passou por um capoeirão que tinha no mato e jogou o burrinho num pé de lobeira e disse: -Eu vou esperar essa minina crescer e vou casar com ela. Nessa hora os anjos falou amém, porque casamento é sorte. Nois casou mesmo.¹⁸²

D. Maria Parreira brincou de bonecas até se casar e depois com as suas filhas. O casamento era sempre arranjado, e a moça geralmente se encontrava com o futuro marido poucas vezes até o casamento. Os homens costumavam ser bem mais velhos que as mulheres, acontecendo de assumirem sempre a figura paterna que a menina acabava de deixar. Brincar de boneca era reproduzir no mágico toda a intimidade amorosa do cotidiano da mãe, com a qual partilhava a afinidade feminina; eram cúmplices de um segredo que só o ventre materno conhecia, exercitava o seu futuro personagem, ensaiando para a maternidade. Sua mãe fazia-lhe bonecas grandes e pequeninas, que seriam as suas filhas. Ela, que era muito pequena, costurava as roupinhas das bonecas à mão, pois naquela época só existia esse tipo de máquina de costura e a sua inabilidade infantil arrebatava sempre os pontos cosidos sem destresa. D. Maria batizava as bonecas, conforme se fazia com as crianças e dava-lhes nomes de Julieta, Maria, Ana, nomes comuns de seu tempo. Conheceu só esse tipo de bonecas, enquanto era criança:

De primeiro as coisas eram muito mais atrasadas. O povo antigo não gostava dessas ilusão, não gostava não! Você não via isso, dessas bonecas, em lugar nenhum, essas bonecas grandes. Toda menina que brincava tinha essas bonecas de pano feita em casa. A minha mãe fazia boneca muito bem feita. Punha boneca de cabelo preto, enrolava, picava de lado, ficava igual gente do cabelinho penteado. Era cabelo de pano. Punha unhas nas bonecas, ficava bem arranjadinho, feito uma pessoa. Nois brincava uns com os outros, lá um dia um vizinho aparecia, porque era

¹⁸²-FREITAS, Maria Parreira. *História de vida*. Ituiutaba. 15- 08- 2000- Maria tem 92 anos. Nasceu em Santa Vitória e creceu na Fazenda do Baú, no município de Ituiutaba. É analfabeta, porque os pais não aceitavam que as filhas aprendessem a ler, para que não escrevessem cartas aos namorados, conforme ela nos disse. Muito vaidosa, sempre pintadinha, enfeitada de colares coloridos, os filhos cuidam dela e lhe fazem todas as vontades, porque os filhos tem essa obrigação, segundo ela.

*fazenda, morava tudo longe, né? A mamãe era caseira, não era muito andeja não. Os bebezinhos, nois punha o nome das mães, eu esqueci agora, qual era. Só brincava nos domingos, durante a semana nois trabalhava, não podia brincar. A mamãe não deixava meninos brincar não. Nois que já sabia pilotá fogão, descarroçar algodão, ia catá cisco no algodão, agora os pequenos, ela misturava arroz com feijão e mandava eles catá separando um do outro. Menino não ficava a toa pra fazer arte não! Hoje tem menino artista porque não tem o que fazer. Hoje uma muiezinha não faz nada dessa vida, né? Nesse tempo, se crescia mais um cadiquinho, achava mais serviço pra fazer, folga, isso só no Domingo e dia santo.*¹⁸³

Fica evidenciado nessa história, como se pensava sobre a criança numa determinada classe social na realidade rural do interior de Minas. Uma educação dura, mas sem perder os laços de ternura entre mães e filhos, porque o pai não foi citado, exceto quando aparece conversando com o pretense noivo. O brincar se revestia de uma determinada solenidade, uma vez que ocupava um tempo determinado para acontecer. Certamente as crianças trabalhavam com a contagem regressiva para chegar logo o domingo, quando todos se reuniam para a recriação da vida. As bonecas, no faz-de-conta das meninas, representavam os seus filhos e com elas se repetia o teatro do cotidiano.

Foram várias as Marias que pesquisamos, como são em número e na vida, conforme já cantou Milton Nascimento. Essa próxima Maria nos contou um episódio triste sobre a sua boneca, em que reflete o imaginário crendeiro, dando a perceber o pensamento castrador sobre a sexualidade, presente na educação feminina, enraizado, sobretudo, na cultura popular:

Fiz muita boneca de pano para as minhas filhas, que aprendi com minha mãe. Eu tinha uma boneca chamada Roxo Triste e aí a mamãe falava que a gente tinha que brincar com boneca fêmea, porque com macho era pecado. Então, o Roxo Triste morreu e nós fomos enterrar ele no formigueiro. Mamãe ficou mais brava ainda e falou que nós tava gorando, que podia morrer alguém de casa. Aí, nós desenterramos ele, lavamos, pregamos

*uma maminha nele, para ele virar mulher, ele era de pano mesmo! Eu vi a primeira vez uma boneca de louça,¹⁸⁴ já era noiva, chamava bebê.*¹⁸⁵

¹⁸³-FREITAS, Maria Parreira. *História de vida*. Op. Cit.

¹⁸⁴-Essas bonecas de louça são réplicas das bonecas de porcelana, produzidas em larga escala na Alemanha no final do século XIX, até às primeiras décadas do século XX. Elas começaram a ser fabricadas em 1880 em “biscuit,” (porcelana fina, duas vezes cozida, que tanto na sua cor como no seu aspecto imita o mármore branco), passaram a apresentar expressões infantis, olhos de cristal e finas perucas de pêlo natural. Hoje, elas habitam as estantes de colecionadores por se constituírem elemento básico do grande movimento pró-boneca em todo o mundo. A boneca da moda, anterior a essa era a francesa que servia de manequim, cabelos bem penteados, era de porcelana vitrificada e muito delicada. Iniciava-se a era das “bonecas-menina” ou bebês, como eram chamadas na França. A partir de então, os corpos das bonecas, que antes eram feitos artesanalmente, começam, cada vez mais, a se industrializar, e também a se articular. As cabeças finas eram também montadas em corpos de

D. Amélia é analfabeta e como quase todas as mulheres de sua época, casou-se muito cedo e teve quatro filhos, perdeu uma filha e também o marido. Indagada a respeito de seu companheiro, a sua resposta nos surpreendeu:

*Deus me livre dele, Deus me perdoe, mas não quero saber de
companheiro, a não ser meu pai que me criou.*¹⁸⁶

Ela começou a fazer as bonecas quando veio para a cidade, pois sua família era rural, embora não fixasse morada em nenhum lugar, como ela mesma diz:

*(...) Nós nascemos e muda para aqui, muda para ali, igual
cebola, mas nunca a raiz. Quando nós chegamos a criar raiz, os
filhos já estavam crescidos, casaram-se, cada um quis o que era
seu, aí viemos para cá. Passou uns tempos e eu mexendo com outras
coisas, então me deu vontade de fazer bonecas e tive um sonho que
me ensinava a fazer. Juntei uns retalhos e fui fazendo. Eu faço
boneca para passar o tempo. Eu levava na feira, mas agora lá não
tem lugar, o pessoal não mexe mais com isso, estão todos
invocados com bijuterias.*¹⁸⁷

Ainda assim, ela conserva uma caixa de papelão repleta de bonecas. Elas variam no tamanho e nos detalhes. A entrevistada, utilizando-se de sucatas, recria a partir da atualidade, rede de plástico que embala frutas, tampa de botijão de gás, garrafas e tampas de refrigerante se transformam nos mais requintados chapéus, dando às rudes carinhas um certo ar de nobreza.

Num segundo momento da pesquisa, convencemos D. Amélia a ensinar o seu “ofício”. A oficina de “filhinhas” (os) ocorreu em sua casa. Ela sempre se queixando de que não estava bem, de que não sabe ensinar, pois havia aprendido sozinha, acabou cedendo e sem assentar momento algum, manifestou uma certa alegria por reviver a prática, num contexto mais utilitário. Às vezes ela “perdia o fio da meada” e era preciso trazê-la de volta ao momento:

*(...)Ah... eu vou largar mão disso porque eu to perto de morrer, eu
não vou agüentar muita coisa mais, então o que eu tenho já dá para*

couro, que eram muito apreciados, pelos movimentos naturais que proporcionavam às bonecas. Deve ser dessa época, que Collodi cria o seu Pinocchio, boneco articulado cujo sonho era virar menino de verdade, bastando para isso ser bom. Por volta de 1890, com o início da produção em massa, predomina no mercado, bonecas de expressão abastalhada de porcelana inferior, o que diminui o custo, possibilitando a mais crianças com elas brincar. In: *O mundo mágico das bonecas de porcelana*. Barcelona: SALVAT. Fascículo. n. 2.p. 9/10.

¹⁸⁵-FREITAS, Maria Rosa de. *História de vida*. 04-06-98. Ela tinha 70 anos. Nasceu em Santa Vitória, cresceu na fazenda no município de Ituiutaba. Sempre brincou muito, pois era a caçula de 08 filhos, sendo, por isso, sempre mais poupada das tarefas domésticas. Era também uma boa contadora de histórias. Coursou até a terceira série do antigo primário.

¹⁸⁶-FARIA, Amélia Cândida. *História de vida*. op.cit..

¹⁸⁷-FARIA, Amélia Cândida de. *História de vida*. op. cit.

*apresentar, o que eu fiz já dá para ver, o que eu não fiz é porque não sei. Meu pai falava: Minha filha tudo nesse mundo que a gente quer aprender não é ninguém que ensina, a gente observa fazer e aprende! Eu fiz e faço boneca até hoje porque aprendi sozinha, ninguém me ensinou. Meu pai ensinava assim para nós. Minha mãe não me ensinou nada, pois eu era doentinha, tinha amarelão, inchava a cara, os braços, as pernas, comia cavaco de pau e nada me derrubou, não deu para me matar. Eu precisava de casar, ter a minha casa, eu não queria viver na casa dos outros. Eu não gostava do meu marido, ele gostava de mim, mas era muito ignorante, tocava roça longe e eu ficava sozinha até de noite. Dava cada pé de chuva no mato, no meio das capoeiras e eu chorava, eu não sabia onde estava esse homem, aí eu me lembrava do que minha mãe me dizia: olha, se o vento vier dessa banda você se enfia debaixo da mesa e leva o Joãozinho (filho), entendeu? Só bem mais tarde ele chegava e nós encolhidinhos debaixo da táboa tão tristes...*¹⁸⁸

Essas histórias ela nos contava sem que lhe perguntássemos, coisa alguma; tudo aconteceria por necessidade de falar de sua vida, de relembrar, como uma catarse provocada pelo simples ato de brincar de novo, enquanto ensinava a fazer bonecas. D. Amélia recria suas “filhinhas” com trapos e panos, sobras que a indústria joga fora. A nós nos pareceu que, ao remexer nas lembranças, a sua memória estabeleceu o “elan” vital entre sujeito e tempo e ela se viu senhora de um fazer que ninguém mais conhecia, sentindo-se de novo pessoa e não apenas uma vovozinha birrenta e impertinente, inteira outra vez, sem perceber. É Bosi, quem faz uma ponte entre a memória viva e a perpetuação dos valores essenciais à pessoa humana no processo cultural: *É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há corrente do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas com ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora.*¹⁸⁹ O ser humano sem a memória da experiência do passado perde a identidade. Assim, seremos eternos prisioneiros desse passado que colocou o homem de pé sobre a terra, ainda que forças externas tentem apagar as suas marcas sobre a estrada.

O fato de D. Amélia e outras tantas Amélias saírem do lugar de origem, faz com que se distanciem de suas histórias, mas é na desvalorização dessas vivências culturais, impostas por um sistema cruel de desapropriação do humano, característica da sociedade capitalista, que se perderá o eixo que liga passado-presente, rompendo o laço com o futuro. Para recuperar esses significados, é imprescindível buscar na memória, a síntese da consciência histórica, para entender e participar das construções e desconstruções do tempo em que se está inserido. Assim, seguimos a trilha de outras bonequeiras com suas histórias, com suas brincadeiras, buscando entender a evolução desse brincar, no registro de cada tempo.

¹⁸⁸-FARIA, Amélia Cândida de. *História de vida*. op. cit.

¹⁸⁹-BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUSP, 1979.p.33

D. Maria Parreira construía suas bonequinhas já mocinha e, mais tarde, para as suas filhas. Ao relembrar esses momentos de ludicidade em sua vida, deparamo-nos com uma das alunas em plena sintonia com a confecção das bonecas, lembrou que sua mãe também vivenciou essa prática e que gostaria que ela nos mostrasse, assim ficamos conhecendo posteriormente, o trabalho de D. Maria, de 68 anos de idade. Esta nos recebeu em sua casa para uma primeira entrevista com algumas bonecas já confeccionadas, sua filha Rosidelma só conseguiu convencê-la ao levar uma boneca de D. Amélia para ela ver, quando então ela certificou-se de que suas bonecas não eram “feias” e que não seriam debochadas:

*Isso é muito fácil, mas eu não faço de trapos não, eu capricho (enfática), as meninas dizem que vão comprar uns tecidos para mim, as de trapo também saem, às vezes até mais que as minhas.*¹⁹⁰

Sentimos nas evocações dessas mulheres o mesmo sentimento desolado de não mais serem necessárias, sobretudo, no ato de confeccionar essas bonecas de trapos que, para elas foi significativo no passado; hoje se envergonham da sua rusticidade. Voltamos à Bosi, para elucidar essas questões: *Na velhice, quando não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora, é fazer. É por isso que o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz.*¹⁹¹ O que seria das crianças, das suas fantasias, do seu tempo de brincar, hoje, cada vez mais recheado de objetividade mecânica, se não convivesse, ainda que insuficientemente, com essas vozes do passado? Em que outro momento elas ouvirão acalantos, histórias de Marias Borracheiras, brincarão de comadres, senão no espaço do colo ou no cantinho amoroso da cama quentinha, depois do dia da escola? Esse consolo para a estafa do dia pode se esconder no abraço, no reaparecimento do velho e novo brinquedo esquecido nas malhas do tempo, guardado a sete chaves por receio talvez, de se perder de vez junto com a história de cada um. Bosi nos adverte: *Hoje, fala-se tanto em criatividade...mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem diminuir e morrer.*¹⁹² Esse descaso com a velhice é na mesma proporção a que se pratica com relação à criança, dois seres tão distantes cronologicamente e tão próximos nos anseios, no desprestígio, tão carentes de importância, dois “fedelhos”, caminhando paralelos, um a passos lentos, outro que voa no vento.

D. Maria Alves dos Santos, que relutara em resgatar lembrança das bonecas de pano por ela confeccionadas, acabou não só recuperando essa antiga prática, mas também comercializando-a. Nascida em Ituiutaba, morou a maior parte da infância na fazenda, tendo vindo à cidade para estudar e depois da quarta série primária, que era o máximo permitido pelos pais, retorna à fazenda, de lá saindo quando se casou. Aprendeu a fazer bonecas com uma amiga chamada Olívia que se casara muito nova e, para disfarçar a “meninice,” fabricava as bonecas para as outras brincarem, fingindo, assim, efetuar

¹⁹⁰-SANTOS, Maria Alves dos. *História de vida*. 15-09- 1999. Nasceu em Ituiutaba onde morou por uns tempos depois se mudando para Fazenda do Baú, município da referida cidade. Na época de estudar ela volta para a cidade. Morou com a avó que era viúva, durante alguns anos. Sua mãe não a deixou estudar mais, por isso, fez apenas o curso “primário.” Foi com a avó que aprendeu a fazer bonecas de pano, segundo ela, por falta de outros afazeres. Recuperou a vontade de fazer bonecas durante a pesquisa e agora ensina uma netinha. Tem 68 anos.

¹⁹¹-BOSI, Ecléa. op. cit. p. 398

¹⁹²-BOSI. Ecléa. op. cit. p. 41

um trabalho sério de costureira. D. Maria brincava de casinha com uma prima de quem muito gostava depois das tarefas da fazenda. O espaço era organizado nos grandes galpões do engenho de cana que o pai tinha:

Pois é, como eu estou te falando, lá havia muito arvoredo, ainda tem até hoje, mangueiras muito altas, varria tudo muito bem e cada um montava a sua casa com o que achava ali, pois não havia brinquedos como hoje, que você vai ao l, 99 e compra uma variedade deles, naquele tempo o povo não interessava por essas coisas e a gente fazia a casinha do jeito que dava, com caquinho de louça, tijolo, e punha lá. Lembro até hoje, minha irmã via a minha mãe lavar feijão com sabão, agente lava até hoje, aí ela não sabia que passava só no feijão, então lavou o arroz também com o sabão, na hora que ele ferveu foi só espuma, (ri muito) tivemos que jogar fora e fazer outro. O sabão era muito bão, você lembra daquela fábrica de óleo, fazia sabão com o resto do óleo de algodão.¹⁹³

D. Maria também tratava as bonecas como suas filhinhas, e sempre fazia o casal e os filhos, porque eles representavam a família. Ela nos ofereceu uma oficina de bonecas em Novembro, na Feira de Folclore, no Conservatório E. de Música. As suas bonecas são mais elaboradas que as de D. Amélia, porém mais convencionais. Na feira, ela demonstrou um grande prazer de ensinar e as crianças em aprender.

Dessa experiência, pudemos perceber que as crianças outrora eram tratadas pelas suas famílias de forma diferente de agora. Adultos em miniatura, só brincavam após cumpridas as tarefas. Como mulheres pobres, nossos informantes se casaram cedo, tiveram seus filhos, assumiram novas tarefas, mas guardaram na memória do brinquedo essa prática do “saber fazer.” Reviver esse momento provocou-lhes uma identidade com tempos partidos. Ontem e hoje, modernidade, industrialização, interesses comerciais se evidenciaram e evidenciam. Em comum, elas afirmam que sonharam para produzir, no entanto, ensinar acabou sendo um fazer. Os jovens que participaram dessa experiência conheceram um outro jeito de brincar que, em parte, desconheciam. O fio que alinhava Amélias e Marias a elas está no fato de a boneca permanecer como brinquedo que define papéis e que resistiu ao tempo, embora com uma nova roupagem. Em essência, ela ainda é soberana. As lojas de brinquedo estão repletas dos mais variados modelos e mesmo os que dizem não mais brincar, costumam adquiri-las para enfeitar camas e quartos, como amuletos da sorte para seduzir jovens enamoradas, para dar um recado e agradecer alguma gentileza, permitindo, assim, veladamente, o retorno da criança adormecida no adulto embrutecido pelos embates da vida.

A boneca nem sempre estava presente no brinquedo de casinha, que se constituía na extensão do faz-de-conta, na relação dela e a reelaboração do cotidiano familiar no universo infantil. Ali se estabeleciam papéis, que reproduziam a idéia que se tinha e tem, do masculino e feminino na nossa sociedade. O brinquedo faz parte desse contexto, porém, se é dado à criança o direito de brincar livremente, ela apenas brinca de acordo com a sua necessidade, sem lidar com padrões

¹⁹³-SANTOS, Maria Alves dos. *História de vida*. op. cit.

conceituais, que, com a interferência do adulto, se definem e se instalam como diferenças e preferências até então não percebidas.

Esses conceitos são introjetados e acompanharão todo o processo de evolução do humano, dificultando as relações, fixando precocemente os preconceitos que reforçarão a discriminação: homens e mulheres continuarão a se degladiar no futuro, impossibilitando o vôo de mãos dadas em direção à plenitude da vida. Rocha, cuja tônica dos livros infantis e juvenis que escreve, sempre se atentou para as questões pertinentes à harmonia da existência humana, aborda o tema das diferenças:

Esta é a história de dois irmãos. Com eles aconteceu uma coisa muito esquisita, muito rara e difícil de acreditar.

Pois eram dois irmãos: um menino, o Pedro. E uma menina, a Joana.

Eles viviam com os pais, seu Setúbal e dona Brites. E os problemas que eles tinham não eram diferentes dos problemas de todos os irmãos.

Por exemplo...

Pedro pegava a bola para ir jogar futebol, lá vinha Joana:

- Eu também quero jogar!

Pedro danava:

- Onde é que já se viu mulher jogar futebol?

- Em todo lugar.

- Eu é que não vou levar você! O que é que meus amigos vão dizer?... Joana ficava furiosa, batia as portas, chutava o que encontrasse no chão, fazia cara feia. Dona Brites ficava zangada:

- Que é isso menina? Que comportamento! Menina tem que ser delicada, boazinha...

Às vezes Pedro chegava da rua todo esfolado, chorando.

- Que é isso- espantava-se seu Setúbal- O que foi que aconteceu?

- Foi o Carlão! Foi o besta do Carlão! Me pegou na esquina- choramingava Pedro.

Seu Setúbal ficava furioso:

- E você? O que foi que você fez? Por acaso fugiu? Filho meu não foge! Volta lá já, já, e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!

- Eu estou chorando é de raiva! É de ódio!

Joana se metia:

-Homem é assim mesmo! Quando a gente chora é porque é mole, é boba, é covarde.

...() Um dia...

Tinha chovido muito e os dois vinham voltando da escola.

De repente, Pedro gritou:

-Olha só o arco-íris!

-É mesmo! -disse Joana- Que grandão! Que bonito!

-Puxa!- espantou-se Pedro-Parece que está pertinho! Vamos passar por baixo? Vamos!

Joana se riu:

-Tia Edith disse que se a gente passar por baixo do arco-íris, antes do meio dia, homem vira mulher e mulher vira homem...

-Que besteira!-disse Pedro-Quem é que acredita numa coisa dessas?

E os dois se deram as mãos e correram, correram, na direção do arco-íris. E de repente pararam espantados Estavam se sentindo esquisitíssimos!...¹⁹⁴

Nesse texto, a partir do momento em que as crianças trocam de sexo, trocam-se também as sensações, os sentimentos, e a ótica sobre o comportamento. Ele contribui para a discussão da definição dos papéis sociais no tocante a gênero, impostos pelos padrões vigentes, que não se detiveram na análise sensível das diferenças. Podemos visualizar essas concepções arraigadas, refletidas no brinqueado, sobretudo, em alguns deles onde se separam meninos e meninas.

Textos assim, bem como a observação de crianças enquanto brincam, poderiam servir de suporte para uma discussão, que levaria à reflexão sobre padrões comportamentais discriminatórios e, conseqüentemente, à contribuição para a transformação, num resultado a longo prazo, mas que, no mínimo, colocaria em cheque o discurso universal sobre o masculino.

Alguns estudos acadêmicos dentro da categoria Gênero vem discutindo enfaticamente o tema das diferenças, fomentando a produção historiográfica, o que não constitui objeto dessa pesquisa.

Enquanto essas discussões teóricas se solidificam, nas práticas e representações coletivas do brincar pudemos comprovar algumas mudanças do decorrer das décadas, acentuadas a partir dos anos sessenta, quando as individualidades começam a se impor. Meninos e meninas começam a brincar juntos com mais freqüência, os brinquedos precisam de maior quantidade, sobretudo quando ganham a rua, que até então era desabitada de crianças, pelo fato da população urbana ser

inferior à rural, e pela concepção ainda viva, de que a rua era palco de marginais. Os meninos disfarçam o desejo de participar da brincadeira de casinha, colaborando com as tarefas domésticas, garantindo, assim, o direito de participar da hora da “comidinha.” As meninas escolhem gostar ou não de bonecas e os jogos de movimentação mais livre, ganham cada vez mais adesão feminina, os shortes e as calças compridas liberam as pernas para correr, enquanto o pique esquenta a brincadeira e o riso solto enfeita o céu, junto com as pipas ou papagaios de papel, cuja linha é mantida nas mãos dos dois: menino e menina.

As casinhas eram organizadas num espaço qualquer do quintal ou mesmo em qualquer cômodo da casa, onde se possibilitasse a invenção do jogo. Antes dos anos setenta, os utensílios usados para a recriação da casa, nesse brinquedo, eram os restos do lixo ou do quintal: latinhas, pauzinhos, tampas de lata, panelas velhas, pedaços de tijolos e cacos de telha, facas sem cabo, panos velhos. Brinquedo comprado não existia. Posteriormente, esses objetos foram sendo substituídos gradualmente pela indústria do brinquedo de plástico, que invade o mercado com uma diversidade de formas, em miniatura, do mundo doméstico do adulto. Essa mercadoria de ilusão seduzia facilmente as crianças, num primeiro olhar, atraídas pela profusão de cor e a novidade do desconhecido, mas são, muitas vezes, rapidamente descartadas em função do prazer maior de criar, reinventar com o que se tem, com o que o olhar apreende, com o que a fantasia sugere.

O momento mais esperado do brinquedo de casinha era a hora de apreciar a comida feita no fogãozinho de lenha improvisado, a alquimia dos aprendizes de cozinheiros, executada com a generosidade das mães que emprestavam porções de gêneros alimentícios, ou algo já pronto para ser aproveitado na degustação. Podemos verificar as descrições desse brincar nas histórias dos nossos sujeitos, como Ribeiro nos revela:

A gente é quem improvisava: menino brincava com menina sim, brincava, mas só na hora da comidinha. As bonecas faziam parte da casinha. Quem tinha mais bonecas era a gente, os meus irmãos ficavam ali juntos, mas não pegavam bonecas não. Para o meu pai, homem tinha que ser homem, isto é, não podia lavar louça, nem varrer casa e muito menos brincar de bonecas, aí eles iam para o curral ajudar, né?

Eu tinha umas bonequinhas, me lembro como se fosse hoje, tinham o rosto triangular, comprido, o corpinho quadrado, ombro largo, muito bonitinhas, a gente achava aquilo muito interessante, para nós elas eram que meio...meio como a gente, sabe? Tinham vida, a gente via aquelas bonecas, mas não eram só bonecas não, faziam parte da gente. A dona Rita para nós era meio bruxa, meio misteriosa, pois, conseguia transformar aqueles pedaços de pano em gentinhas, as bonecas¹⁹⁵.

A identificação com a boneca, a relação boneca-gente, se encontra vivificada na memória de Dalva. Ela justifica naturalmente, sem questionar, o aparente descaso dos irmãos com as suas filhinhas bonecas, por meio do pensamento do

¹⁹⁴-ROCHA, Ruth. *Faca sem ponta, galinha sem pé*. São Paulo: Ática, 2000, s/p.

¹⁹⁵- RIBEIRO, Dalva Anéria Marques. *História de vida*. op. cit.

pai, ao qual não se deu o trabalho de contestar, pelo contrário, argumenta que homem tem que ser homem, e a prerrogativa para isso é exercer tarefas “masculinas,” não se misturar com bonecas ou casinhas, mas laçar boi e andar a cavalo. Mais uma vez, podemos mencionar o texto infantil de Ruth Rocha, em que o brinquedo é questionado assim como sentimentos e fragilidades infantis, que não pertencem a um determinado sexo, mas sim à raça humana, ao sujeito histórico infantil, no exercício de sua sensibilidade. A casinha de D. Iraniza era assim:

Eu fazia comidinha. Fazia o fogão com tijolos, barreava e punha uns ferro velho pra fazer a trempe, pegava as panelas da mamãe e fazia a comida, nelas eu passava barrela de cinza prá não empretejar. O fogo a gente acendia com gravetos, rama seca de mandioca ou qualquer pau que encontrasse no quintal. A comidinha era geralmente no Domingo, o dia inteiro.

Os meninos brincavam também. Não tinham malícia, nem nada. Se os outros tinham, a gente não sabe, porque eu não pensava a vida de hoje de jeito nenhum. Era como se todos fossem irmãos. Brincava de boneca, batizava, tinha as comadres. Cada uma tinha a sua casinha e o horário da visita. Quando a visita chegava, umas cantavam, outras dançavam, tudo era motivo de festa. As casinhas eram feitas debaixo das laranjeiras. Varria tudo muito bem e separava os cômodos com cana de milho, tudo em pé. Fazia uma divisão mais ou menos. Pegava roupa de cama, mais velha, para forrar as paredes. Era uma casinha mesmo! Do jeito que a gente lidava com a casa, lidava com os brinquedos.¹⁹⁶

Também recolhemos algumas informações com pessoas mais velhas do “Lar dos Idosos” de Ituiutaba e constatamos pequenas diferenças com relação à organização da casinha e o brincar com bonecas, um pouco de superstições, ligadas a medos inconscientes.

Gosto de brincar até hoje, gosto de cantar, gosto de criança. Tenho duas bonecas de borracha: uma chama Valéria e o boneco chama Paulo, são dois bebezinhos. Eu brincava muito de casinha com as minhas irmãs, quando era Domingo, porque durante a semana tinha que trabalhar. Eu fazia comidinha nas panelinhas de ferro. Os meninos não brincavam, meu pai não deixava homem brincar com mulher. Na época de nossa infância havia muitas brincadeiras, mas não passava informação sobre a realidade da vida pra nós não. As crianças eram separadas da conversa dos adultos eram educadas para não pedir nem comida nem presentes.¹⁹⁷

¹⁹⁶-ARANTES, Iraniza Maximiano. *História de vida*. op. cit

¹⁹⁷-SILVA, Tereza Margarida. *Depoimento*. 12-06-1999- Ituiutaba. Ela diz não lembrar a idade. Calcula-se 70 anos mais ou menos. Brinca com as bonecas por um longo tempo e tem receio de que as outras companheiras peguem as suas bonecas.

Quando eu era menininha, brincava de casinha na roça, até mocinha. Isso era quando fazia pagode e juntava as pessoas, os vizinhos para dançar, até os meninos brincavam: eles na sala e nós na cozinha. Fazia cafezinho e levava para eles. Uma vez, eu falei assim: - Essas bonecas não falam, isso é tudo defunto, aí eu enterrei elas tudo. Brincava também de casar, escolhia o marido e depois do casamento, ia para a casinha. Eu nunca casei.¹⁹⁸

Esses depoimentos são fragmentos que mostram um tempo difícil para as crianças, seres desconhecidos do cotidiano, embora dele fizessem parte. Por outro lado, eram livres para brincar, pois, suas presenças eram ignoradas até começarem a aborrecer. Isso não se modificou muito na concepção moderna de criança, na prática elas continuam desrespeitadas e até mesmo massacradas, físicas e moralmente, quando anuladas em sua vontade. Jamais são consultadas para decisão alguma e, quando isso ocorre, o excesso de psicologismo denuncia um despreparo para entendê-las, mistério inatingível pela distância de mundo. Se avaliarmos com cuidado, verificaremos essa ausência de compreensão pela ausência de história. As outras histórias, que transcrevemos em seguida, nos falam de tempos onde o brincar era parte integrante da vida de qualquer um no grupo do qual fazia parte e reflete o seu pensamento, os seus valores, mas já antevê uma avanço na forma de encarar as identidades, femininas e masculinas. Para entender esse processo do qual o brincar com o faz-de-conta contribui, podemos recorrer à Samara, quando avalia que: *Raça e classe também estão presentes nos estudos dedicados à família. Analisar as condições femininas no passado é fundamental, para entender a mulher na família e na sociedade....No Brasil a vinculação entre maternidade e patriotismo conferiu às mulheres um papel mais significativo na sociedade, o que não deixou de ser utilizado em causa própria.. Como exemplo, veja-se a questão da educação, em que, segundo argumentação da época, se usava o conceito de maternidade para justificar melhores condições, pois assim seriam melhores esposas e educariam com mais sabedoria os filhos.¹⁹⁹* Nas próximas falas, sentimos a forte presença da mãe dominadora e a reprodução da cena cotidiana, com suas características reinventadas na alegria de brincar:

Nós fazíamos as casinhas no meio das raízes da mangueiras, das laranjeiras, no meio das grotas. Fazia os lugares das bonecas assentarem e arrumava cavalinho de pau de mandioca, forrava e falava que era cavalo, sentava elas lá e ia visitar as comadres. Tudo era comadre. Batia palmas e falava: - Comadre, vim trazer meu filho para benzer, que ele não dormiu nada essa noite. Então a gente entrava, assentava ali nos tocos das árvores mesmo, servia

Quando não está brincando, as bonecas dormem sobre a cama. À noite elas brincam sob o cobertor, dormindo com ela. Isso nos foi segredado bem baixinho com ares de malícia e cumplicidade, como algo que não pudesse ser revelado. O rosto envelhecido permaneceu infantil.

¹⁹⁸-D. Alcita. Ela não sabia o seu nome todo, embora soubesse até alguns versos de canção que aprendera em criança.

¹⁹⁹-SAMARA, Eni Mesquita. Op. Cit. p.28

*café, chazinho, conversava sobre os filhos. Marido a gente não tinha. Depois, mais tarde, eu brincava do mesmo jeito com as minhas filhas, enquanto estava na máquina costurando eu era comadre delas.*²⁰⁰

A casinha era organizada com as coisas do quintal mesmo, minha mãe deixava a gente brincar com os panos também. As folhas, os galhos, forravam. Acho que tinha pedaço de madeira que a gente fazia banco, táboa em cima de tijolo. Brincar de cama de dormir foi só depois que meu avô foi morar lá na minha casa, que aí tinha um cômodo dele no fundo que era também quarto de despejo e a gente ia brincar lá, aí mudou o lugar de brincar. A gente dormia, cada casa era feita numa cama. Ele não ligava. As personagens variavam. Deixavam até eu ser mãe! Não tinha muita restrição não. Eu fui pai, mãe, filho. (ri) Mãe dos outros, as bonecas não entravam muito nessas casinhas. Acho que a minha mãe não deixava para não sujar. Geralmente entravam só as pequenininhas, né? As bonecas só entraram quando começamos a brincar lá dentro de casa, porque elas não podiam ir para o terreiro, éramos nós mesmos as filhinhas; uns filhos dos outros. Deixamos de brincar fora de casa, quando o quintal deixou de existir. Mudou tudo. Quando a gente resolvia brincar de casinha, era a tarde inteira. Ninguém marcava nada, resolvia, assim, do nada. Não havia homem, brincavam umas seis meninas, sempre era uma mulher que era o marido, o pai e as conversas eram assim: - meu filho tá doente, tem que levar ao médico. Vamos lá pra casa almoçar. -Vamos passear?-

*A gente saía para passear no quintal com os carrinhos estragados que foram nossos, porque os carrinhos das bonecas, a minha mãe não deixava. Agora, quando a gente mudou o brinquedo para o quarto, tinha até conversa de dormir, médico, nenê. Essas coisas.*²⁰¹

Comprovamos nas histórias dos mais jovens uma forte tendência para se pensar as diferenças numa proposta de igualdade, que transparece na prática do lúdico, em que a preferência do brincar não obedece mais a nenhum determinismo ideológico de tradição conservadora, que atribuía aos sexos procedimentos que refletiam pensamentos de um passado que se pretende questionar:

A gente não chamava brincar de casinha, isso de organizar as caminhas, o lugar de dormir, era brincar de bonecas. Casinha era brincar de fazer comidinha, de verdade. Ou brincava de fazer comida ou boneca de papel. A verdade é que a gente não gostava muito de boneca não. Gostava de brincar de biloca, biloca de casinha, de bete, de golzinho, de correr enfim. Uma vez a mãe das minhas colegas deu umas bonecas lindas para elas e elas ficaram

²⁰⁰-FREITAS, Maria Rosa. *História de vida*. Op. Cit.

²⁰¹-JUSTINO, Silvânia Maria Queiroz Cunha. *História de vida*. Op. Cit.

*tão insatisfeitas. Elas eram muito chique, faziam chichi, choravam, mas não tinha graça, a gente preferia brinquedo que desse para muita gente brincar*²⁰²

*A gente continuava no quarto com as bonecas compradas depois que viemos para Ituiutaba. Só existia uma loja que vendia de tudo: A casa do Valico, e era lá que papai comprava as nossas bonecas. As feias a gente deixava na fazenda. Na loja já estavam chegando as bonecas de porcelana, não era como as de hoje, se caíssem, quebravam, falava porcelana, mas eu acho que era de louça. A gente só parava de brincar, quando ficava de castigo.*²⁰³

*Depois que nois arrumava a casa, porque a mamãe era muito brava, era brava toda vida, então depois que nós arrumava a casa direitinho, aí nois podia ir brincar. Brincava numas árvores no fundo, fazia as casinhas das bonecas, tudo muito arrumadinho, fazia os quartinhos, arrumava as caminhas das bonecas e brincava o dia inteiro. Nós tínhamos uma manada de boneca de pano, nós enchia uma caixa de sapato bem alta cheinha, boneca grande e pequena. Nós arrumava as panelinhas, a mesinha, punha lá, punha comidinha pra elas. Para a mulher, a hora que uma chegava visitava a casa da outra, elas vinha brincar com a gente, nois cuidava da boneca igual gente. O menino não brincava com a gente não. Eles brincavam lá com os brinquedos deles, pra lá. Nós não gostava deles junto de nós não. Eles mexiam nas bonecas, nós danava e eles saiam correndo. Eles pra lá, e nós pra cá, com as nossas bonecas e a nossa casinha. Nós fazia comezinho nosso e tinha dia que nós chamava eles prá comer. Nós sentava no chão, ou levava uns toquinhos de árvore e sentava, porque eu nunca gostei de sentar no chão, acho que só quando eu tava gatinhando, não sento no chão e nem em banco sujo, se for prá sentar eu prefiro ficar em pé. Nós fazia fornainha e fazia os comê nas panelinhas de ferro pequena que a mãe emprestava prá nós. Às vezes ela ia prá lá e ficava vendo nois brincar, sentava e ficava olhando.*²⁰⁴

Dona Maria pertencia ao passado em que mulher contava com a sorte no casamento, que cada um sabia se colocar em seu lugar, homem e mulher não ocupavam o mesmo espaço: mulher, na cozinha e o homem, na sala, e o respeito aos pais eram prova incontestável do bom filho, obediente e “respeitador” Na verdade, pela sua idade avançada, o seu pensamento

²⁰²-SANTOS, Alesandra Borba dos. *História de vida*. Op. Ituiutaba. Nessa história já se percebe, a mudança de mentalidade, no tocante a brinquedo entre os sexos. As meninas preferiam brinquedos mais competitivos e eram companheiras dos meninos em qualquer brinquedo, embora eles reclamassem. Elas impunham a presença e nem mesmo o imaginário da mãe quando presenteia no natal com um presente que não continha o significado esperado, interferiu no processo do brincar.

²⁰³-RIBEIRO, Zenaide Vilela. *História de vida*. op. cit. A casa do Valico era um bazar que manteve sua tradição e as portas abertas até no final dos anos oitenta, quando falece o dono, o Sr Valico e os filhos se espalham todos.

²⁰⁴-PARREIRA, Maria. *História de vida*. op. cit.

está coerente com o seu tempo, mas encontramos em outros depoimentos, semelhanças e divergências de posições a um só tempo, o que revela o perfil polêmico de caracterização das mudanças. Assim nos narra Menezes:

Gostava de brincar de bonecas apesar da minha personalidade mais agitada e rebelde. Punha um vasilhinho aqui, outro ali, uma janelinha, sempre gostei disso. Eu falo, quem brincou de boneca, brincou de casinha, no final aprende a arrumar a sua casa, aprende a ser ordeira. Se você abrir uma gaveta minha você assusta e pensa: Não é possível, aquela menina que era o cão, ser uma dona de casa tão organizada! Tudo no lugar, cada talher.

Sou apaixonada por bonecas até hoje. As que mais gosto são as de pano. Também uma que papai me trouxe, uma vez. Chamava-se bebê e era de celulóide. Papai me deu num dia e a Cristina deu para a mulata comer. A mulata comeu tudinho e eu chorei tanto... Ela fazia assim. A gente ganhava os presentes e ela enterrava todos.... Papai e o tio Fausto fizeram uma casinha de bonecas para nós, só não tinha banheiro, era linda! Com janela, alpendre, uma gracinha. menino não podia brincar com brinquedo de menina. Papai achava que menino deveria brincar de boneca, na cabeça dele, mas nunca passou isso para nós. Ele achava que para gostar de mulher o menino deveria ficar misturado com as meninas. Era assim. A gente foi criado meio livre, embora ele fosse austero. Os meninos não brincavam com as bonecas, mas pegavam. Brinquei muito com as minhas primas. A gente ia para o quintal. Debaixo da mangueira, varria o chão, eu não tinha hábito de fazer isso não, mas na casinha eu fazia. Dividia o espaço, marcava com pauzinho. Mamãe sempre nos dava os restinhos dela, uma mesinha, a gente tinha porão, essas coisas. Então arrumava tudinho, com florzinha, paninho. Era o faz-de-conta, né? -Vamos por uma janelinha aqui?- Uma cortininha? Cada um tinha a sua árvore. As bonecas iam para as casinhas. Conversava com elas em outra voz. Igual a mãe com o seu filho. Como um cachorrinho. Como se fosse a mãe. Cada um imitava a sua. Nossos irmãos homens nunca invadiram as nossas casinhas, não brigavam, agora as meninas brigavam muito. Brincava também de casinha sem as bonecas. Eu casava muito com o meu primo. Eu sempre era a mulher. Nunca fiz papel de homem. Eu era brava, autoritária, mas sempre muito feminina.²⁰⁵

Bernadete associa feminilidade à dedicação às tarefas domésticas, à decoração de casa, mas, ao mesmo tempo, defende a liberdade de estar no mundo em igualdade de condições, onde mulheres e homens convivem harmoniosamente no mesmo espaço sem invadir a individualidade: equilíbrio ideal, mas não real, do ponto de vista cultural. Na descrição do brinquedo vivenciado por Queiroz, mesmo que não completamente integrado, mas como espectador do brinquedo de casinha, aponta um novo caminho dessas relações conflituosas e tão carentes de entendimento da dimensão humana, pertinentes a qualquer sexo.

Ele nos mostra uma visão mais sensível dessa problemática. Assim nos relata sua experiência entre meninas, a nível do brinquedo:

Sempre catei uns gravetinhos, porque cada um tinha uma função e as meninas só deixavam a gente na casinha se ajudasse. Minha função era catar graveto pelos quintais dos vizinhos. Enquanto elas faziam a comidinha você ficava meio de longe, quando ficava pronto elas chamavam para comer. Eu ia e comia aquela papa horrível, aquele grudinho queimado e pronto. Muitas vezes elas queriam também que a gente fosse o pai, se portar como pai. Eu não tinha muita paciência com isso não, elas queriam que a gente olhasse as bonecas, trocasse as bonecas, essas coisas. Isso é muito chato, queria brincar de outra coisa, porque brinquedo de casinha e boneca, sempre foi considerado coisa de mulher, não é? Agora que estou grande e tenho um filho eu vejo. Parece que mulher gosta dessas coisas, o homem é meio desligado. Talvez tenha faltado o treinamento, não sei. Deveria haver uma disciplina dessas na escola, para preparar o homem para cuidar de nenen, trocar, porque é um desajeitamento total. Acho que o brinquedo de casinha cumpre essa função. A mulher até nisso ela sofre. Ela brinca de ser mulher adulta, de varrer a casinha dela, de lavar as panelinhas, as roupas, brinca de cuidar do nenen, de trocá-lo. No final ela acaba se preparando para manter uma casa quando for grande, uma família. O homem não. Ele tá jogando, correndo, andando de bicicleta. Ele não fala: Vamos brincar de advogado, de trabalhar no comércio, de exercer uma profissão. Você não vê isso.²⁰⁶

Todas as histórias que envolvem boneca e casinha conferem com as discussões em torno da questão das definições de papéis. Aliás, podemos ver textualmente, em algumas falas, observações que bem justificam pensamentos sexistas, tanto nos depoentes femininos como nos masculinos, em qualquer época, mas percebe-se, também, os vestígios de algum confronto nas proposições. Como vimos, desde o início desse capítulo, muito se andou e se tem que andar, visto que as funções femininas e masculinas, determinadas por todas as sociedades, em todos os tempos, já não mais coincidem com as ações dos sujeitos, que hoje são senhores da história. Mudaram o homem e a mulher enquanto indivíduos, mudaram-se as suas práticas no coletivo, urge, portanto, equalizar os pensamentos, sintonizá-los no tempo. O relato de Queiroz, sintetiza o pensamento de uma época em que homens e mulheres resolveram caminhar juntos na busca de sua verdadeira identidade cósmica, resolvendo conflitos de gerações anteriores em que a força física era sinônimo de poder. É preciso desvendar a história e mostrar as mulheres não como seres frágeis e idealizados, mas presentes no contexto histórico como seres sociais integrados a sistemas de poder, dominação,

²⁰⁵-MENEZES, Maria Bernadete Melo. *História de vida*. op. cit.

que vieram, pouco a pouco, conquistando um espaço do qual sempre fizeram parte, mas mantidas na clandestinidade. É esse o caminho que poderá levar à unicidade dos “senhores” da natureza na construção de um mundo para todos, garantindo e respeitando as diferenças. O brincar poderá ser o canal para o início de tudo: referencial maior para conhecer-se e conhecer o outro, preparando o futuro, estreitando os laços de fraternidade, na roda, na ciranda, voltando a ser outra vez criança.

Voces dizem:

-Cansa-nos ter de privar com crianças.

Tem razão.

Vocês dizem ainda:

-Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Estão equivocados.

-Não é isto o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar nas ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las.²⁰⁷

²⁰⁶- QUEIROZ, Flávio Leon Denis. *História de vida*. 18-03-2000. Nasceu e cresceu em Ituiutaba. Tem 28 anos, curso universitário. Comerciante. Foi jogador de Vôlei, quando mais jovem. É casado e tem um filho.

²⁰⁷-KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo:Summus,1981,p.11

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao mergulhar no imaginário infantil, o (a) historiador(a) precisa “tirar os sapatos”, andar um pouco na enxurrada, girar na ciranda, correr no vento, sentar no chão, para ver além do horizonte, no tempo da infância perdida na encruzilhada da estrada que o trouxe ao presente. Ao revolver o baú e trazer de lá o (a) menino (a) que foi um dia e brincar de novo, assim estimulado, poderá, com mais propriedade, refletir sobre o significado disso; porque terá entendido na prática cultural a construção da história do homem que hoje é, à sombra do que foi, lembrando sempre, como nos foi advertido, que, “a criança é o pai do homem”, que é na manhã que começa o dia, que bem cedo se estabelece o vir a ser.

Como a poesia, a música, as histórias ouvidas, os jogos e os brinquedos também despertam em nós o imaginário, a memória dos tempos idos, o gosto e o cheiro dos “quintais”. A brincadeira, antes de qualquer coisa, se confronta com a cultura, se apropria dos seus conteúdos e os transforma em pedaços de alegria que reparte no grupo, ampliando o referencial dos seus componentes como construtores de história, ainda que disso não se dêem conta.

Concluindo essas nossas observações, entendemos que o brinquedo, como representação social, cujos significados devidamente situados e definidos, preservados e reconstruídos na atualidade, possibilita a compreensão da história das relações culturais no espaço e tempo em que aconteceram. Além disso, remete-nos para um outro momento no passado de igual significação, movimentando-se em busca da identidade cultural revelada pela semiótica afetiva, presente nas experiências vividas. O fortalecimento dessas relações sociais se dá com mais intensidade no contato com o lúdico, onde se exercita o respeito, a solidariedade, a semelhança, a divisão do prazer.

Cabe ao historiador surpreender como o real está presente nas representações e como estas – mediadas por heranças culturais – situam-se as marcas do vivenciado.¹

A criança faz parte de uma comunidade, é parte de um povo e de uma classe, de onde se originam os seus brinquedos que por sua vez, fornecem pistas para o entendimento do presente nas suas ações sociais, como também pode revelar signos do passado. Um chocalho, por exemplo, tem um sentido musical para a criança branca, mas é objeto sagrado de pajelança e ritual de exorcismo do mal, na comunidade indígena. Hoje, ele foi apropriado pela cultura do consumo como estimulador da acuidade auditiva, assumindo, assim, um valor pedagógico imposto pelos paradigmas educacionais.

Quanto mais se sofisticava o brinquedo, mais ele se afasta do seu significado maior, da sua autenticidade, pois passa a pertencer ao imaginário do adulto, aproximando-se mais da imitação do que da representação, conseqüentemente, perdendo sua característica livre da brincadeira viva.

Os heróis, com os quais a criança se identifica, estão presentes em todas as décadas, sofrendo metamorfoses a cada tempo que passa, sobretudo quando saem de dentro, não só das histórias lidas dos livros e gibis, narradas sob luz de lampião ou abajour, mas também dos joysticks dos videogames, ou da tela da TV e cinema, que hoje são produzidos intensa e sofreguidamente. Alguns desaparecem como num toque de condão, da mesma forma como surgiram, fugases como fogos de artifício. Outros duram um pouco mais e podem até fixar morada no futuro com uma roupa nova. O herói ecológico continua

¹-ANTONACCI, Maria Antonieta. Apresentação. In: História – Projetos. Revista do Programa de estudos Pós – graduados em História. Puc- SP. P. 6.

sendo o Tarzan, embora sua imagem não veicule na indústria cultural. Até a década de setenta, alguns deles estavam bem vivos e presentes no imaginário, como vimos pelas histórias de vida. O herói, o ser invencível e forte, o vencedor e combatente do mal, as resoluções mágicas, pertencem ao inconsciente coletivo da humanidade, estão presentes como reminiscências arquetípicas, adormecidas no imaginário popular, nesse país tão carente de fortes.

Nessa perspectiva, chegamos até aqui, não ao fim da estrada mas, à curva do caminho, pontilhado por angústias, receios que, ao se entremear com a estética da emoção do recordar e do vivenciar o brinquedo no tempo vivido, fortaleceram nossa coragem. Não imaginava que em tão curto tempo, pudesse ter percorrido tão longo trajeto; um trajeto pontilhado por grandes encontros com pessoas vindas de livro ou da vida. Alguns companheiros de viagem, escolhidos ou não, suavizaram o fardo, dividindo conosco sonhos e preocupações. Foram eles que nortearam a busca, que alimentaram nossas dúvidas, mas também enriqueceram nossas certezas, possibilitando algumas respostas.

Começamos pelo “jogo de esconder,” revestido de medos desconhecidos ao enveredar pela história da criança, nos surpreendendo, a cada passo, no contato com as evidências. Constatamos, com consternação, embora não fôssemos alheios aos problemas pertinentes à essa fase da vida, que, a infância não é o “templo” nem o tempo da felicidade. Ela representa uma categoria menosprezada, vista com indiferença pela estrutura política. Mesmo quando teorias pedagógicas a revestem de importância não passam de adornos que mascaram a realidade.

São muitas as infâncias com que nos deparamos nessa jornada, como também a ausência delas. No mundo dos adultos, a criança não tem relevância, é tratada com descaso e impaciência. Em contrapartida, descobrimos que houveram momentos em que ela foi livre para brincar, jogar com qualquer companheiro que surgisse à sua frente. Nossa preocupação se estendeu a todas as crianças, sobretudo, àquelas de quem é roubado o direito da plenitude no exercício lúdico da vida.

Para conhecer essa infância, buscamos o brinquedo e o seu imaginário determinados pelas brincadeiras e vice-versa, mas também construído a partir da perspectiva da sociedade capitalista que não escolhe a quem, e nem como atingir, desde que o objetivo do consumo seja alcançado.

Quanto mais nos aprofundávamos no tema, maiores ficavam as responsabilidades. Confrontamos os discursos ouvidos durante toda a nossa vida profissional com a realidade exposta, quanto mais refletíamos sobre eles, mais identificávamos o objeto. A experiência proporcionada pela pesquisa do brinquedo, enquanto um fenômeno intrínscico à vida humana, mas também como objeto da história, alimentou o desejo de ir mais longe na procura de outros tantos “brincades,” ao encontro de cada criança, que foi ou que é.

Trilhando assim, o rastro da memória esquecida ou afogada numa história que nunca foi sua, haja vista a escassez bibliográfica dentro da historiografia, pudemos resgatar ou melhor, investir na busca do significado e importância do brinquedo. Ele, embora pertença ao patrimônio cultural da humanidade em todos os tempos, existindo por si só, decantado como elemento de auxílio pedagógico, de auxiliar do equilíbrio da psiquê, de elo da corrente humana no abraço universal, é sempre “miniaturizado” nas relações sociais, assim como o seu dono legítimo-a criança. É romantizado, apequenado, ridicularizado, causando constrangimento aos que, porventura, num vacilo do momento, a ele se remete, esquecendo por algum tempo da seriedade do cotidiano adulto. Por outro lado quando o envolvimento acontece, carrega na emoção a catarse do tempo vivido, da história acontecida, do prazer experimentado na alegria lúdica de estar no mundo. Essa certeza moverá

nossos outros impulsos num futuro, de continuar pesquisando a história do brinquedo e os humanos, os seus verdadeiros representantes por direito natural de habitantes do universo.

Ao percorrer os espaços da brincadeira e constatar a sua ausência na infância interrompida pela desconsideração com o cidadão, a nossa indignação torna-se cada vez mais presente na comprovação da mordida do lobo: como no brinquedo do lobo e as galinhas, onde a todo momento em que a vigilância do empregado e do dono das galinhas afrouxa, o lobo vem e leva uma para a sua toca. Só depois de perder todas elas é que os dois desconfiam do vilão. Espero que esse trabalho possa, pelo menos, contribuir para a reflexão sobre o lobo.

Penso na história do flautista de Hamelim, conto da Idade Média, em que uma cidade infestada por ratos, contrata o serviço de um músico que, com sua flauta mágica, atrai os animais para fora dela, jogando-os todos no rio. Ao voltar o flautista para receber o pagamento pelo trabalho, os cidadãos de Hamelim, embora contentes com o resultado, trapaceiam e não lhe pagam o devido. À noite, o flautista utiliza do seu talento, recorrendo à música encantada da sua flauta, atrai todas as crianças da cidade que o seguem e nunca mais voltam. Não se sabe se foram mais felizes ou se tiveram o mesmo destino dos ratos. Uma coisa é certa: entendendo a lógica desse conto, a partir dos pressupostos dos valores essenciais da vida humana, pode-se dizer que os homens não mereciam as crianças e sim o convívio com os ratos.

Essa história nos faz pensar sobre a responsabilidade dos homens e mulheres do presente na construção do futuro, que não pode prescindir da presença humana, correndo o risco de compartilhar a existência com bichos e máquinas, como prevêem ficcionistas da arte. Nessa direção é o que nos aponta a conclusão desse trabalho, mudando a sociedade, aumentam-se os compromissos. O cuidado que se deveria ter com a criança, como um ser histórico, está longe não só do desejado, mas, do absolutamente necessário.

Convivemos nessa jornada com lembranças de sujeitos de diferentes tempos e deparamo-nos sempre com um paradoxo: se por um lado a Infância era destituída de identidade própria, por outro, essa mesma inexistência garantia às crianças a liberdade de explorar o mundo brincando. Era essa a forma de controle natural do tempo e espaço da criança pelos adultos, quando queriam se ver livres dela.

Concluimos então, sem nostalgia alguma, que em décadas anteriores, quando o progresso começava a lançar os seus “tentáculos,” a Infância era vivenciada com maiores possibilidades lúdicas, embora a criança recebesse a mesma deferência que se dava aos bichos de estimação; era adestrada para reproduzir no futuro os modelos adultos com os quais convivia. Hoje, apesar da Infância ter adquirido existência real, da criança fazer parte das políticas educacionais garantindo seus direitos por organizações governamentais e não governamentais, ela tem a vida toda agendada, perdendo assim, o seu espaço de brincar. Se pensarmos ainda na exploração de crianças, na prostituição infantil, na Infância na rua, fome e falta de proteção, a tarefa da história será de longa duração. Lidar com essas contradições, é o desafio que nos propomos no contato com esses seres do futuro, que a nós cabe abrir a porta; é preciso que do outro lado haja luz. Nossa tarefa no agora, nesses tempos conturbados e confusos, é cuidar para que não se perca o fio da meada, que nos conduzirá ao início do labirinto, nele se encontra nossa infância.

Não nos aquietamos no final desse estudo, pelo contrário, ampliamos nossas inquietações comprovadas por investigações um pouco mais aprofundadas, que não nos garantiram respostas, mas elucidaram muitas dúvidas e suscitaram

outras tantas; não podemos perder de vista a cidadania da infância. A criança precisa querer habitar o mundo do adulto e este precisa suportar o desafio de abrigar o novo que emerge para uma existência no sentido do humano. Vendo por esse prisma, nos remetemos à história de Queiroz, cujas angústias refletidas nos incitam a continuar a nossa ação na busca de uma sociedade, que abrigue todos os seus sujeitos, indistintamente, com justiça ou pelo menos, com dignidade.

Eu queria ser Peter Pan e quero até hoje. Eu não queria crescer. Sabia que crescer não prestava. Eu via o mundo, a vida do adulto como é que era e sabia que quando eu ficasse grande, teria mais problemas e responsabilidades que um homem nesse país pode suportar, muitas complicações. A vida não é tão feliz como quando se é criança. Quando se é criança, não temos tantas preocupações, nem desejos, nem aflições, ser criança é bom demais. A gente quer aproveitar o máximo de tempo, acorda de manhã, alegre, com os olhinhos estatelados porque amanheceu o dia. Nossa! Sai correndo para a rua, porque agora mesmo é 5:30h. hora de voltar para casa e a noite chega, tem que dormir de novo. Você se desespera para aproveitar o dia inteiro, então quando vai para a escola é um “porre,” eles querem você assentado numa cadeira, prestando atenção em alguém falando, e o que você queria na verdade era estar correndo, pulando, brincando, fazendo molecagem, subindo em árvores, andando em muros e no meio dos matos, queria estar voando e não estar preso. Quando você vai ficando adulto, vai ficando preso a tudo, a horário, responsabilidades, dívidas, expectativas, tanta coisa, que não comprometia o tempo de menino. Assim é que é.²

Essa responsabilidade mencionada pelo nosso interlocutor, continuará a pesar sobre os nossos ombros se não “varrermos a casinha,” se não cuidarmos da “boneca,” se não rompermos o “cabo de guerra,” se não procurarmos no “boca-de-forno,” se não enxergarmos as “Terezinhas de Jesus,” se não enfrentarmos a próxima casa da “amarelinha,” se correremos sempre para frente sem nunca parar no “pique,” se não apartarmos a bola, dividindo-a na “Maria Viola,” se não “passar o anel,” se não entrarmos na “ciranda cirandinha” e dar meia volta sempre que precisar, se não voltarmos, ainda que por instantes, a ser crianças, como bem descreve Mario Quintana na poesia que finaliza esse texto, se não buscarmos no começo de cada dia, os restos de manhã, para a reconstrução da vida.

²- QUEIROZ, Flávio Leon Denis. *História de vida*. Ituiutaba. 2000

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixaram sempre na lembrança,
Algum brinquedo novo a minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança

Estrada afora após segui...Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai,

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino...acreditai...
Que envelheceu um dia de repente!...

(Quintana)

V- BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa Quem?* São Paulo: Summus, 1985.
- _____. (org). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. (org). *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. (org). *O sadismo de nossa infância*. São Paulo: Summus, 1983.
- AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Formas Animadas*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1998.
- ARAÚJO, Vânia Carvalho de. *Criança: Do reino da necessidade ao reino da liberdade*. Vitória: EDUFES, 1996.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1978.
- _____. (org.) *História da vida privada: da renascença aos séculos das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.v.3
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Huicitec, 1987.
- BENJAMIM, Walter. *Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.
- _____. *Uma vida para seu filho: Pais bons o bastante*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 3^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BROICH, Josef. *Jogos para crianças*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *Jogo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARVALHO, André e CARVALHO, David. *Como brincar à moda antiga*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- CHARTIER, Roger. "História Intelectual e História das Mentalidades". In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1978.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- DOURADO, Paulo e MILET, Maria Eugênia Viveiros. *Manual de Criatividades*. Salvador- BA, 1984.
- ESPIG, Márcia Janet. "Limites e possibilidades de uma nova História Cultural". In: *Revista Locus*. J.F.: UFJF, v. 4, 1998.
- FAURE, Gérard. *O jogo dramático na escola primária*. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1982.

- FELIPE, Jane. *Infância, Gênero e Sexualidade*. In: Educação e Realidade. Rio Grande do Sul. Vol.25.1.
- FILHO, Lourenço Chacon Jurado. Cantigas de Roda: Jogo, Insinuação e Escolha. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.
- FRIEDMMANN, Adriana. Brincar, Crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo:Moderna,1996.
- GARCIA, Rose Marie Reis, e MARQUES, Lilian Argentina. Brincadeiras Cantadas. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- _____. Jogos e Passeios Infantis. Porto Alegre: Kuarup, 1991.
- GREENFIELD, Patrícia Marks. O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica: os efeitos da tv, computadores e videogames. São Paulo: Summus, 1988
- GUIMARÃES, Ana Luiza de Freitas, Monografia. 1980
- HEYDEBRAND, Caroline Von. A natureza Anímica da Criança. São Paulo: Antroposófica,1991.
- HORTÉLIO, Lydia. História de uma manhã. Registro Fotográfico. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.
- _____. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo:Cortez,1997.
- KORCZAK, Janusz. Como amar uma criança. Tradução de Sylvia Patrícia Nascimento Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LE BOULCH, Jean. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1983.
- LOWENFELO, V. e BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. “Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual”. In: Cadernos de História, UFU, v. 5, Nº 5, Jan/Dez., 1994.
- MACHADO, Marina Marcondes. O Brinquedo – Sucata e a criança: A importância do brincar. Atividades e materiais. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Por uma história da Mulher.Bauru: EDUSC, 2000
- MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1985.
- MEYER, Marlyse. Caminhos do Imaginário no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- MIRANDA, Nicanor. 200 Jogos Infantis. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1984.
- NOVAES, Iris Costa. Brincando de Roda. Texto musical: Alayde Miranda Fontes. Revisão do texto musical: Rosalba Diva Marchesini. Tecnografia musical: Maria Arlinda de Carvalho Corrêa. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- OAKLANDER, Violet. Descobrimo Crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- OLIVEIRA, Paulo. O que é Brinquedo São Paulo: Brasiliense, 1984
- OLIVEIRA, Vera Barros de. O Símbolo e o Brinquedo- a representação da vida. Petrópolis: Vozes,1992.
- PACHECO, Elza Dias. (org.)Televisão, Criança, Imaginário, Educação. Campinas: Papirus, 1998.
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. Revista Projeto História. São Paulo:PUC, nº 14, Fev/77.
- PRIORE, Mary Dell (Org.) História das Crianças no Brasil. São Paulo:Contexto.,1999.
- _____História das Mulheres no Brasil (Org). São Paulo:Contexto,1997.
- _____O que querem as crianças. Artigo. In: Estado de São Paulo – Suplemento Feminino.1-2, Janeiro, 2000.

- READ, Herbert. A redenção do Robô: Meu encontro com a educação através da arte. São Paulo: Summus,1986
- REDIN, Euclides. O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca! Porto Alegre: Mediação, 1998.
- RESENDE, Vânia Maria. Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Saraiva,1997.
- REVISTA Brasileira de História. São Paulo.: ANPH, 1999, v. 19. N.37.
- ROCHA., Maria Silvia Pinto de Moura. Não brinco mais: a desconstrução do brincar no cotidiano educacional. Rio Grande do Sul:UNIJUI,2000.
- RODULFO, Ricardo. O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas,1990.
- ROUANET, Sergio Paulo. Édipo e o Anjo-Itinerários Freudianos em Walter Benjamin.Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1990.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC,1997
- SANTOS, Santa Marli Pires. (Org).Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contexto. Petrópolis:Vozes,1997.
- _____ Brinquedo e Infância . Petrópolis: Rio de Janeiro, 1999.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Muito além do Jardim Botânico. São Paulo: Summus,1985.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. São Paulo:Cortez,1989.
- STEINER, Rudolf. Andar, Falar, Pensar: A atividade lúdica. São Paulo: Antroposófica, 1994.
- WAJSKOP, Gisela. Brincar na Pré- Escola. 2ª. ed. Coleção Questões de nossa época. v. 48. São Paulo: Cortez, 1997.
- WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.
- VAINFAS, Ronaldo. (Org.)Domínios da História. São Paulo:Perspectiva,1993.

Fontes

Literatura

- ANDRADE, Carlos Drumond de. Reunião-10 Livros de Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora,1976.
- CARDOSO, José Eustáquio. O rei do Quintal. Belo Horizonte: Miguelim,1993.
- FILHO, Hardy Guedes Alcoforado. O Bailado. São Paulo:Scipione,1992.
- KORCZAK, Janusz . Quando eu voltar a ser criança. São Paulo: Summus,1981.
- LOBATO, José Bento Monteiro. Negrinha. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- MACHADO, Odilon, ITUIUTRIBO E Aventuras de Samba Lelê- sem publicação.
- ROCHA, Ruth. Faca sem ponta, galinha sem pé. São Paulo: Ática,1996.
- SILVA, Geraldo da Costa e. Banca de Retalhos. Araçatuba:Âncora,1989.

Documentos oficiais

Memorialistas

ÁVILA, Sebastião Alexandrino de. *História de Prata*. Mimo.

BORGES, Benedito Antônio Miranda Tiradentes. *Povoadores do sertão do Rio da Prata*. Uberaba: Vitória, 1992.

CHAVES, Petrônio Rodrigues. *A Loja do Ósório*. Ituiutaba – Edição do autor, 1984.

_____ *Arraial da Fartura*. Ituiutaba –

Dados Oficiais.

Atas de Hastas públicas e Resultado Escolar anual- cidade de Prata.

Batistérios. Igreja N. Senhora do Carmo. Prata.

Boletins da EMATER- Ituiutaba.

Censo Demográfico 1950- 1960-1970-1980- IBGE-ituiutaba e Uberlândia.

Imprensa

Cidade de Prata. 50- Jornal.

Ún ciècle d'efance parisienne. 1900-2000-Dirction Genèrale de l'information et la Communication de la Mairie de Paris.

Diário Regional – Ituiutaba-

Folha de São Paulo- 2000

Folhinha- Folha de São Paulo. 2000

Folha do Pontal – Jornal- Ituiutaba-70.

Estado de São Paulo- Suplemento Feminino

Revistas.

Acaiaca – Ituiutaba –60

AMAE – Educando - 70

Ituiutaba em revista – 70

Veja – 2000

Iconografia

Brincando com arte- Livro de pinturas sobre brinquedos.

Cartões postais- França.

Fotografias – Secretaria de Cultura de Prata-

Acervo Pessoal de maria clara Machado, Sônia Maria de Freitas, Maria Rosa de Freitas, da pesquisadora.

Audios e Vídeos.

Discos:

Bandeira de São João.

O baile do menino Deus

Dona árvore de Bia Bedran

Folclore do Brasil – Ely Camargo.

Vídeo

Daens – Um grito por justiça Filme

Fica comigo-Filme

O brinquedo assassino

O senhor das moscas- Filme

Oliver Twist- Filme

Os miseráveis- Filme.

Pixote, a lei do mais fraco

Toy History – Filme.

Fontes Orais.

Histórias de vida colhidas entre 1985 ‘a 2001.

Oito entrevistas na cidade do Prata e quatorze na cidade de Ituiutaba.

Fizemos ainda oitenta questionários sendo aproveitados depoimentos de quarenta deles durante o trabalho de pesquisa dos alunos do Conservatório Estadual de Música nos anos de 1999 a 2001.

Trabalhamos com feiras e oficinas de brincadeiras bem como oficina de bonecas nos referidos anos. Além disso nas nossas pesquisas colhíamos as brincadeiras e ensinávamos a brincar.

ILUSTRAÇÕES

-**Capa: A praça dos Flamboians** – Prata - **Desenho** de Rogério Praxedes.

-**Praça Cônego Ângelo Tardio Bruno** – Ituiutaba - **Foto** 1970 – Entre pp. 10 e 11

-**Mapa** – Ituiutaba e Prata. Localização Geográfica. Entre pp. 22 e 23.

-**O brinquedo e o tempo** – Desenho de Mauro Martins. Entre pp. 31 e 32

-**Vamos brincar?** Quadro de Bruegel. Detalhe do rosto de adulto em todos os personagens. Entre pp. 33 e 34.

-Quadro que retrata alguns brinquedos em um outro tempo e espaço, que sobrevivem até hoje. Entre pp. 39 e 40.

-**Criança Brincando** – **Quadro** sec. XVIII em que se retrata uma criança de classe social mais abastada., por ocasião da organização social da família. Entre pp. 41 e 42.

- **A amarelinha na linha de tempo. Desenho.** Mauro Martins. Entre pp. 48 e 49.

- **Fotos:** A criança e o brinquedo. Entre pp. 61 e 62.

1 e 2- O brinquedo mais sofisticado.

3- “ Mané Gostoso” – Brinquedo artesanal.

4- 5 -6- O playground é o quintal.

7- 8 – Imitando o cotidiano.

9- A patinete na França por volta de 1900.

- **O imaginário em cena** – **Fotos**- Como se pensava a criança- Entre pp. 76 e 77

1- Crianças vestidas como adultos – Família de classe média alta.

2 -Família da classe popular. As crianças se vestem com a sobra do tecido da roupa do pai e da mãe.

3-Quadro. Sec. VII- A menina é a réplica da mãe em miniatura.

4-5- 6 - Crianças vestidas como bonecos (as) em diferentes épocas.

7- 8-9- O mito da criança e o anjo, a (o) menina (o) que se veste de noiva na primeira comunhão.

10- Mais um “anjo” vai para o céu.

- **Brincadeiras – Fotos.** Entre pp.85 e 86.

1 – A brincadeira do bate-mãos- Aparece com grande incidência por volta da década de 80, quando a criança perde o espaço da rua.

2 - Pai e mãe, parceiros na brincadeira.

3 e 9 - Brincadeira do cabo de guerra.

4 - A Roda e a rua.

5-6-7 - O brinquedo na areia, na terra.

8 - Passar anel.

- **Na roda doCaracol- Desenho.** Helena Freitas. Entre pp.103 e 104

- **Pipa no ar. Desenho.** Matheus Freitas.**Entre pp.109 e 110**

- **Menino e biloca. Aguada-** Rogério Praxedes. Entre pp. 121 e 122.

- **Bonecas. Fotos.** Entre pp.129 e 130. Os diferentes tipos de bonecas em vários tempos, a começar pelo nenen feito de embrulho de panos.

- **Menina e boneca - Desenho-** Helena Freitas- Entre pp.137 e 138.

- **Bonecas de pano- Fotos-** Entre pp. 146 e 147

- **Bonequeiras- Fotos.** Entre pp. 151 e 152-

- **Aprendendo a fazer boneca. Foto.** Entre pp.154 e 155

- **Faz-de-conta na casinha. Foto.** Entre pp.167 e 168

- **Crianças e pipas foram feitas para voar. Desenho-** Mauro Martins. Entre pp.172 e 173.

- **“Quando eu voltar a ser criança”- Foto.** Alessandra- Entre pp.179 e 180

- **Restos de Manhã – Fotos-** Alessandra

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)